

ANDRE LUIZ JOANILHO

**O CORPO DE QUEM TRABALHA:  
ESTRATEGIAS PARA A CONSTRUCAO  
DO TRABALHADOR  
(1900-1920)**

*Este exemplar corresponde  
à edição final da dissertação  
de fúndia e aprovada pela  
Comissão julgadora  
26/11/90.*

*Supl. Arq. Gen.  
doutora Margareth Rago*

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do Título de MESTRE EM HISTORIA na área de Concentração de História Social do Trabalho, junto a Comissão julgadora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

UNICAMP - 1990

J571c

13303/BC

UNICAMP  
BIBLIOTECA GERAL

À Alice que ilumina os meus  
caminhos.

Aos meus pais que me trouxeram  
a experiência da vida.

Às vós Lota e Joana, estrelas  
que brilham no infinito.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de registrar o meu agradecimento especial ao Edgar De Decca, por ter me auxiliado neste trabalho desde a graduação, e olha que lá vai ano. Ao Michel Hall, pelos toques rápidos e sugestões. E também à Margareth Rago que me auxiliou neste trabalho. Há vários professores do Departamento de História que gostaria de deixar registrada a minha gratidão. Espero que eles entendam que se o fizesse escreveria mais um daqueles "roteiros sentimentais". Mas, pelo menos deixo para a posteridade o agradecimento aos professores que me ensinaram muitas coisas na graduação e na pós.

Ao pessoal da secretaria, Terezinha, Irene, Lourdinha, Newton, Marli e Esmeralda, pelo apoio nas burocracias e pelos papos alegres.

A todo mundo do Arquivo Edgar Leuenroth, pelo apoio, pelo profissionalismo e amizade.

A todos os amigos que estiveram comigo na graduação e na pós, alegrando esses anos de UNICAMP.

À Mariângela, pela revisão feita com carinho, e pelo companheirismo.

E, finalmente, ao CNPq e à FAPESP pelo apoio financeiro nas diferentes fases deste trabalho.

## ÍNDICE

Introdução.....	pg. 5
<b>Capítulo 1. HISTÓRIA E SUJEITO HISTÓRICO: "O JARDIM DE CAMINHOS QUE SE BIFURCAM".</b>	
1. A escolha do tema.....	pg. 10
2. Sujeito histórico: história e verdade.....	pg. 14
<b>Capítulo 2. O TRABALHADOR NA FORJA: DA VONTADE DE POTÊNCIA À IMPOTÊNCIA DA VONTADE.</b>	
1.0 novo corpo, o novo sujeito: dos atos impuros à maneira de produzir virtudes.....	pg. 26
2. A terapia da correção ou a arte de torcer pepinos pequenos: do realismo pe- dagógico à paranóia microbiana.....	pg. 41
2.1. O novo trabalhador: a vitória da impotência.....	pg. 50

**Capítulo 3. ANARQUISMO: O DISCURSO NÔMADE. MUTAÇÕES**

**"GENÉTICAS" NAS FALAS SOBRE O TRABALHADOR.**

1. Da qualidade do discurso.....pg. 62
2. A fala dos outros sobre os trabalhadores.....pg. 72
- 2.1. Um mundo biológico: a formação de um ecos-  
sistema para trabalhadores urbanos.....pg. 84
3. Patologia e diagnóstico: mais alguns  
deslizamentos do discurso anarquista.....pg. 93

**Capítulo 4. LUTAS NO ESPAÇO E NO TEMPO.**

1. Algumas considerações.....pg.101
2. Os ergástulos industriais: o ascetismo  
do corpo nulo.....pg.103
3. Ordens do contradiscurso e mudanças  
táticas: a fábrica modelar.....pg.116

**Capítulo 5. REALOCAÇÕES DISCURSIVAS: OBJETIVIDADE**

**TÉCNICA E RECURSOS TÁTICOS.**

1. Mudanças táticas no discurso anarquista.....pg.134
2. Finalizações.....pg.141

**Bibliografia, jornais e locais de pesquisa.....pg.145**

## INTRODUÇÃO

Este texto é feito de trajetórias, e ele não esconde o signo delas: fragmentos. Estes colocam problemas, e de antemão fornecem respostas parciais. Talvez haja uma imbricação entre problemas e respostas. Há essa imbricação. Os resultados (se posso usar essa expressão) são recolhidos - das trajetórias foram recolhidos resultados - e não são perenes pelo seu caráter fragmentário. Mas, qual memória não o é?

Assim, ao ser definido o tratamento teórico, não o foi pela sua verdade intrínseca, e sim pelo jogo de possibilidades. Não ignoro que objetos e discursos aqui presentes podem ser submetidos a um leque de análises. Enveredei por uma possibilidade, entendendo que outras são equivalentes e se prestam à resultados eficientes. Portanto não posso submetê-las à críticas, indicar erros, julgar acertos. Tento inserir este trabalho ao lado de outros, marcando as diferenças.

Uma delas foi a tentativa de aplicar a genealogia foucaultiana às minhas análises, sem entendê-la como Verdade acabada. Apenas acredito que as suas proposições permitem uma leitura dos acontecimentos. Evitei ao máximo impregná-la de outras proposições, buscando coerência sistêmica no trabalho.

Nesse sentido, parti de duas concepções que considero fundamentais: a noção de sujeito e a noção de corpo.

Para a primeira, uma formulação bem clara está no Arqueologia do Saber<sup>1</sup>. Esta noção é trabalhada nas obras dos anos sessenta. Na análise arqueológica, Foucault rompe com a idéia de que todo conhecimento e a sua história, têm como ponto de partida e destino o sujeito enquanto originário do devir histórico. O próprio sujeito tem a sua "fundação", a sua datação, aparecendo há duzentos anos<sup>2</sup>, quando se torna objeto do saber.

Esse indivíduo é tecido nos enunciados científicos (psiquiatria, medicina, economia, filologia), que, por um lado, constituem campos específicos, e por outro, vão se estabelecendo como saberes que se avizinham, se cruzam, se confirmam ou se negam. O saber composto por ciências não nobres, ou que ainda não se constituíram com estatuto científico (portanto a sua luta para definir o objeto dos seus enunciados é maior), vão estabelecendo um discurso que transforma o homem em indivíduo e sujeito (inclusive no sentido de sujeição).

Até a "Arqueologia", Foucault opera com os discursos (palavras) e os objetos (coisas), mas, estes ainda são reconheci-

---

1 - Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1986.

2 - Foucault, Michel. As palavras e as coisas. SP, Martins Fontes, 1981. Cf. também Machado, Roberto. Ciência e saber: a trajetória arqueológica de Foucault. RJ, Graal, 1981, pgs. 132 e segs.

dos pela negativa: meios não-discursivos<sup>3</sup>. O seu aspecto luminoso não tinha sido trabalhado. É aqui que a "Arqueologia" inicia a ruptura com a produção anterior. Prepara-se a insurgência do indivíduo nos trabalhos seguintes. Este recebe a luz enquanto objeto não só de um Saber com o seu interminável questionário, como também alvo de um Poder que não cessa de instigá-lo. O indivíduo torna-se visibilidade pura, sendo sujeito à práticas (a prisão, o hospital, a fábrica, por exemplo, serão os locais a ser iluminados e a pôr em profusão práticas que se voltam para o corpo individual).

Fecha-se o ciclo arqueológico não por encerramento, e sim, por uma abertura à genealogia nietzschiana, pois, no "Arqueologia", o "seu significado e sua importância é menos a explicitação do que havia sido feito, do que a instauração de novas bases para a história arqueológica"<sup>4</sup>. E um dos primeiros textos dessa confluência é o "Nietzsche, a história e a genealogia"<sup>5</sup>. O sujeito terá marcado no seu próprio corpo toda a arte de torná-lo sujeito. É sobre esta confluência que procurei fazer o meu trabalho, procurando demarcar no corpo do trabalhador o devir de um determinado período. O corpo é tornado campo de acontecimentos por um poder celular e a sua organização é diagramática - lugar de mutação e de curta duração<sup>6</sup>.

---

3 - Deleuze, Gilles. Foucault. Lisboa, Vega, pg. 56.

4 - Machado, Roberto. Op. cit, pg. 174.

5 - In Microfísica do Poder. RJ, Graal, 1979.

6 - Deleuze, Gilles. Op. cit, pgs. 140 e segs.



Portanto a análise não deve limitar-se ao discurso, mas articulá-lo com as práticas, locais de luminosidades<sup>7</sup>:

espaço+luz = visível/invisível

Por exemplo: os discursos sobre regeneração do preso e o espaço classificatório da prisão, sendo a distância de um a outro, o interstício onde as forças entram em confronto (forças que procuram organizar e sujeitar os indivíduos, forças que o dissimulam). Assim, não procuro estudar a Verdade sobre os acontecimentos, e sim as verdades, ou seja, as regras de aparecimento dessa única Verdade, a sua organização e transformação<sup>8</sup>.

Logo, este trabalho se fragmenta por estudar algumas dessas regras de aparecimento, por estudar um curto período no qual se colocam em cheque práticas-discursivas e se procura disseminar outras, por entender o corpo como devir e por encarar o poder celular como diagramático.

Nesse sentido, no primeiro capítulo tento uma definição mais apurada dos pontos de partida deste trabalho, discutindo a idéia de sujeito e de corpo. No segundo capítulo, procuro traçar um mapa de práticas-discursivas que reformulam conceitos do corpo e como se inserem na sociedade. De maneira alguma esse mapa é completo. Ele é apenas indicativo de práticas que trafegam da medicina à prisão, da biologia à fábrica.

As relações de vizinhança entre práticas-discursivas que têm no trabalhador o seu objeto e alvo, é a trajetória do

---

7 - Machado, Roberto. Op. cit, pg. 179.

8 - Idem, ibid, pg. 185.

terceiro capítulo. Falas sobre o trabalhador que se generalizam na sociedade (patrões, jornalistas, higienistas, médicos, etc.) e que se cruzam com outras falas, a dos anarco-sindicalistas, por exemplo. E, no cruzamento das falas, no seu interstício se produz uma luta: como transformar o corpo do trabalhador em corpo produtivo - de riquezas ou de revolução. Desse modo, as falas ao se avizinham, transformam o corpo num local de registro, e de uma a outra há pouco espaço, se confundindo muitas vezes. É neste espaço, por exemplo, que as falas sobre a racionalização da fábrica se instalarão, que maquinarias de conforto fabril vão atuar, bombardeando na linha d'água as práticas do anarco-sindicalismo.

No quarto capítulo trato das luminosidades que se instalarão nas fábricas e das práticas-discursivas que mudam o estatuto dessa fábrica, transformando-a, alterando táticas, compondo novas estratégias. E, finalmente, no último capítulo faço um rescaldo das lutas travadas em torno do indivíduo, que é conformado pelos discursos enquanto invisibilidades e, pelas práticas, enquanto campo luminoso.

Espero que os limites deste trabalho sejam compreendidos, pois os considero mais como ponto de partida do que de conclusão.

## HISTÓRIA E SUJEITO HISTÓRICO, "O JARDIM DE CAMINHOS QUE SE BIFURCAM"

### 1. A escolha do tema.

A escolha de algumas discussões no início de um trabalho, já é uma tradição, por isso, decidi não escapar dela, partindo de duas proposições. A primeira chamo de epistemológica, ou seja, a produção do discurso historiográfico. Este, geralmente, para se fazer, executa a operação de colocar na boca dos outros aquilo que ele mesmo diz, quero dizer, o discurso histórico faz os outros falarem e fazerem o que não falavam nem faziam. Mas isto é fácil de se contrapor: basta um método rigoroso e este perigo estará afastado. Piorou. Um método mais rigoroso cala mais fundo esse outro, esse passado, e de uma maneira muito simples: ainda buscamos no passado uma verdade latente à espera de um garimpeiro que a encontre no recôndito dos fatos. Ora, já é tempo de perdemos a inocência. Depurar um método não deve significar o aprimoramento de técnicas de "resgate", como se fosse possível trazer o passado na sua inteireza, de que

nada estaria perdido, "a certeza de que o tempo nada dispersará"<sup>1</sup>.

O que não devemos ignorar é que a produção de um determinado documento é feita por um motivo bem específico: a sua inserção num quadro que está se fazendo num determinado período, ou seja, ao produzirmos hoje um documento, qualquer que seja, estamos produzindo de acordo com um determinado contexto, ou numa série. Quando interrogamos esta produção, nada mais fazemos do que recolocá-la numa outra série, num outro quadro. Dessa maneira, o material histórico deixa de ser "esta matéria inerte através da qual ela (a história) tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros", para que com ele o historiador possa "constituir séries: definir para cada uma seus elementos, fixar-lhes os limites, descobrir o tipo de relações que lhe são específicas, formular-lhes a lei e, além disso, descrever as relações entre as diferentes séries, para constituir, assim, séries de séries, ou 'quadros'."<sup>2</sup>.

Então, temos outro problema: o passado não é mais aquilo que o discurso historiográfico visa como verdade última, ou possuidor de uma essência primeira, e "a história (ou se alguém preferir, o processo histórico), com suas intensidades, seus desfalecimentos, seus furores secretos, suas grandes

---

1 - Foucault, M. A arqueologia do saber. RJ, Forense-Universitária, 1986, pg. 14.

2 - Idem, *ibid*, pgs. 7 e 9.

agitações febris como suas síncope, é o próprio corpo do devir. É preciso ser metafísico para lhe procurar uma alma na idealidade longínqua da origem"<sup>3</sup>. Portanto, o passado será o material através do qual teremos o presente questionado, refeito, aberto para possibilidades. Assim, tento fazer o levantamento de uma série, e se for possível recompor com outras, terei atingido o meu objetivo.

A segunda proposição, foi a escolha do tema da industrialização, onde tento confluír para o campo prático, o da proposição anterior. Nesse sentido, pretendo abordar esse tema sob dois ângulos. O primeiro é o da construção da figura do trabalhador por vários setores da sociedade. Não vou considerar esta construção pela idéia comum de ideologia (conjunto de idéias produzidas para ocultar uma realidade). São várias falas que tentam se projetar sobre quem trabalha. Por exemplo: ao tentar instituir um tipo de trabalhador, a militância anarquista projeta a si mesma sobre essa figura e, também outros discursos que partem de outros locais (patrões, médicos, professores, etc.) buscando um trabalhador moralizado, também se moralizam, mesmo porque "a estratégia de moralização da classe operária é a da burguesia"<sup>4</sup>. Ainda mais, a construção dessa figura não é simplesmente fruto de um imaginário das elites e da militância anarquista, e sim a

---

3 - Idem, "Nietzsche, a genealogia e a história" in A microfísica do poder. RJ, Graal, 1979, pg. 20.

4 - Idem, "Sobre a história da sexualidade" in A microfísica..., op. cit, pg. 253.

resultante de cruzamentos das falas a seu respeito, de práticas-discursivas, que procuram estabelecer um campo de atuação: o próprio corpo de quem trabalha, ou seja, procura-se o adestramento desse corpo. São falas e práticas que visam a gestualidade, os sentidos, o comportamento, a alma dos indivíduos, daqueles que trabalham. Então, a construção do trabalhador, dentro dos limites deste texto, passa por vários canais, que não se isolam entre si. Cruzam-se, confirmam-se, negam-se. Este é um campo que tentei explorar.

O outro ângulo, que é uma linha que sigo do anterior (o corpo de quem trabalha), é a fábrica. Esta também não deixou de ser objeto de investimentos, e como no primeiro, vai se transformando num campo de lutas, onde práticas discursivas encontrarão o espaço material para se confrontarem. Dessa forma, de um lado, há a constituição de enunciados se organizando como um campo de saber, de outro, a luminosidade, o objeto do discurso que não é a configuração simples dos enunciados<sup>5</sup>, formando um conjunto de práticas, e de um ao outro, os agenciamentos desdobram dualidades (por exemplo: o discurso jurídico e as penitenciárias), como formas de Saber e Poder. Portanto, ao escolher o tema tento efetivar uma determinada postura histórica, que se volta ao presente para questioná-lo.

Nesse sentido, os enunciados sobre o trabalhador e o espaço onde deve ocorrer o seu adestramento, a fábrica, não partem de um único pólo emissor. São vários locais de enunciação, e vários locais de luminosidade que estão em confronto, em com-

---

5 - Deleuze, Giles. Foucault. Lisboa, Vega, s/d, pgs. 62 e ss.

plementaridade, ou seja, entre os objetos não-discursivos (fábrica, por exemplo) e os discursos, há o interstício, local que pressupõe o Saber por ser Poder<sup>6</sup>. A organização desse espaço diferencial é a constante tentativa das práticas-discursivas nas suas lutas para estabelecer as suas verdades.

## 2. Sujeito histórico: história e verdade.

Não pretendo voltar ao velho assunto se a história é ou não uma ciência, mas, o que devemos ter claro é que ela constitui um campo de saber, que por sua vez não deixa de se interligar com outras áreas do conhecimento. Dessa maneira, o historiador ao executar o seu trabalho, não deixa de fazer opções por determinadas formas de saber, ou seja, ainda, enquanto historiadores, buscamos a Verdade. Portanto, ao nos voltarmos para categorias analíticas, enfrentamos o problema de também optar pela Verdade. Esta estaria latente no passado? Seria inocente? Estaria sendo vítima de certos conteúdos ideológicos que a escamoteiam? Se tomarmos a Verdade como "um conjunto de procedimentos regulados para a produção" - inclusive no sentido capitalista -, "a lei, a repartição, a circulação dos enunciados" e que "a 'verdade' está circularmente ligada a sistemas de poder" - destaco a pluraliza-

---

6 - Idem, *ibid*, loc. cit.

ção do termo poder enquanto sistemas - "que a produzem"<sup>7</sup>, então não podemos deixar de nos lembrar que a opção por uma verdade metódica, rigorosa, retirada do próprio objeto, é, também, a opção pelo poder que a produz, justamente "na medida em que a própria verdade é poder"<sup>8</sup>. E "de fato o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas de uma escolha efectuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores"<sup>9</sup>.

Dentro desta perspectiva, qual é o projeto do discurso historiográfico? Descobrir sujeitos. Talvez nos seja insuportável a idéia de que a história não tenha sentido. Logo, é preciso encontrar o responsável por tudo isso: a Providência Divina, o Espírito Absoluto, Luta de Classes, etc. Ora, o que coloco em questão é a própria idéia de sujeito, pois, esta é a que constitui o campo de conhecimento, o qual frequentamos, e que constitui o campo da Verdade. Enquanto operamos a idéia de sujeito constituente como sendo o suporte da verdade, não será possível fazer a crítica do conhecimento, e muito menos daquilo que compõe o saber histórico. Entendendo esse saber também como produção

---

7 - Foucault, M. "Verdade e Poder" in A microfísica..., op. cit, pg. 14.

8 - Idem, ibid, loc. cit.

9 - Le Goff, Jacques. "História" in Enciclopédia Einaudi. Porto, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, vol I, pg. 95 (grifo meu).



científica).

Com efeito, sendo a história feita por sujeitos universais, por exemplo, a luta de classes, é preciso, em primeiro lugar, encontrar os elementos que seriam tais sujeitos responsáveis pelo processo histórico, e, em segundo lugar, de que maneira se comportam tais sujeitos em relação à sua "realidade". Continuando no nosso caso, esta realidade estaria dada de acordo com o desenvolvimento das forças produtivas e a classe que detém os meios de produção. Se for a burguesia que detém essas forças, logicamente, tentará escamotear a sua dominação, e o proletariado, como classe dominada, procurará pôr fim à dominação burguesa, para tanto contará com a sua vanguarda, ou ainda de si próprio conforme o seu "fazer-se" (depende da opção do historiador para analisar os sujeitos históricos). Mas, a operação é a seguinte: existe um sujeito (burguesia) que cria uma "falsa" realidade, a qual o outro sujeito (proletariado) luta contra, procurando instaurar a realidade despojada de qualquer fetichização. Assim caminha a história.

Então os homens seriam apenas vetores de uma história que lhes escapa totalmente do controle e que não faz nenhum sentido? Não, mesmo porque, a história é feita pelos homens. Mas, nesses termos, temos o sujeito! A pergunta não é quem, e sim, como, pois "é preciso chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica"<sup>10</sup>. Acabamos de perder a inocência; o próprio sujeito faz parte da trama histórica. Não

---

10 - Foucault, M. "Verdade e Poder" in A microfísica, op. cit., pg. 7.

apenas um homem que sofre determinações específicas da sociedade em que vive com um fundo essencial, através do qual a história se desenrola. A idéia que fazemos de homem é datável, surge num determinado momento, logo, não podemos mais acreditar numa ontologia natural do ser humano<sup>11</sup>. "Em resumo, em uma certa época, o conjunto das práticas engendra, sobre tal ponto material, um rosto histórico singular em que acreditamos reconhecer o que chamamos, com uma certa palavra vaga, ciência histórica, ou, ainda, religião" - e até mesmo homem - "mas, em uma outra época, será um rosto particular muito diferente que se formará no mesmo ponto, e inversamente, sobre um novo ponto, se formará um rosto vagamente semelhante ao precedente"<sup>12</sup>. Mas, o que encontramos em história é justamente a garantia da continuidade, e a "história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito; a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido (...); a promessa de que o sujeito poderá, um dia - sob a forma de consciência histórica -, se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas à distância pela diferença, restaurar o seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada"<sup>13</sup>.

---

11 - Remeto para o texto de Foucault, As palavras e as coisas. SP, Francisco Alves, 1981

12 - Veyne, Paul. Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, pg. 172.

13 - Foucault, M. A arqueologia..., pg. 14.

Dessa forma, "só existe um meio de fazer 'avançar' a ciência; é o de atacar a ciência já constituída, ou seja, mudar a sua constituição"<sup>14</sup>. Neste ponto proponho um trabalho "que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que possa dar conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente ao campo dos acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história"<sup>15</sup>.

Para contemplar essas questões, escolhi a constituição do "tema da industrialização" que já foi alvo de análise de Edgar De Decca<sup>16</sup>, que a faz aparecer como centro de toda uma forma específica de disciplinarização, procurando introjetar no indivíduo que trabalha as necessidades "intrínsecas" - quase naturais - do universo da produção. Desta forma, quero reconstituir as táticas colocadas em funcionamento para a introjeção dessas "necessidades" da produção no corpo do trabalhador, e também a construção do próprio trabalhador, ou melhor, como se produz indivíduos, e que, por exemplo, "o alienismo (no Brasil) não problematiza exclusiva ou diretamente o proletariado, as 'classes pobres', o trabalhador fabril ou qualquer figura

---

14 - Bachelard, G. A filosofia do não. Lisboa, Ed. Anos Setenta, 1982, pg. 31.

15 - Foucault, M. "Verdade e Poder" Op. cit., pg. 7.

16 - Decca, Edgar De. "A ciência da produção: fábrica despolitizada" in Revista Brasileira de História, nº 6 de março de 1983. SP, Marco Zero.

semelhante a uma classe social: ele tematiza segmentos sociais - ou algumas categorias de indivíduos - resistentes à disciplina, à normalização, à moral e aos bons costumes"<sup>17</sup>. Porém, antes de abordar essas estratégias e táticas como um produto ideológico de uma classe, devo observar que estas "foram inventadas, organizadas a partir de condições locais e de urgências particulares. Elas se organizaram por partes antes que uma estratégia de classe as solidificasse em amplos conjuntos coerentes"<sup>18</sup>. Assim, o tema da industrialização, ao ganhar espaço social enquanto prática discursiva organiza sua luminosidade, isto é, procura alcançar o espaço mínimo, o recanto, tornando-se um imperativo social: a sociedade sem a indústria não pode existir. Mas, se o tema é luz, é nos seus desvãos que circularão corpos rebeldes. E é a partir desse conflito que podemos ter um entendimento da engenharia de um novo indivíduo, da constituição do trabalhador enquanto *homo faber*, o homem que trabalha..

Aqui não teríamos mais sujeitos encarregados de impor simplesmente a sua dominação/libertação a partir de um projeto totalizante (aliás, este é resultante de necessidade surgidas face a embates locais), formulado num *a priori* conhecido ou desconhecido pelos próprios sujeitos. Só para exemplificar: na fábrica, durante os anos dez, empregava-se não apenas o trabalha-

---

17 - Cunha, Maria Clementina. O espelho do mundo. RJ, Paz e Terra, 1986, pg. 53.

18 - Foucault, M. "O olho do poder" in Microfísica... op. cit, pg. 222.

dor, mas também toda a sua família (ou pelo menos esta seria a norma). O que isto significa? A possibilidade de um controle maior sobre o trabalhador dentro do processo de produção, pois, reproduzia-se toda a relação hierárquica familiar dentro da fábrica<sup>19</sup>. Quando essa prática começa a ser questionada pelos próprios trabalhadores, o que, de certa forma, surtiu efeito, novas táticas foram empregadas. Vemos surgir toda uma nova cadeia de enunciados que procuram mudar o estatuto da fábrica. Então, no meu exemplo, não tomo como ponto de partida zero, isto é, quando surgiram as primeiras formas de controle do trabalhador, ou quem foi o primeiro a formular algo sistematizado a esse respeito. Há séries que se compõem conforme as relações que se estabelecem entre práticas discursivas, formando séries de séries, com rupturas, quedas, elevações, continuidades. O próprio tema da industrialização não surge como um tema organizado por uma determinada classe. Surge de embates, como também um enunciado que "tem sempre margens povoadas de outros enunciados"<sup>20</sup>, e assim, vemos surgir ações de vários reformadores sociais conjugadas com práticas gestadas em locais também diferenciados. É do hospital à penitenciária, da escola à fábrica.

Contudo, nessas táticas que podem compor uma estratégia geral, não devem ser entendidas como comunicantes diretas, isto é, não há uma ligação direta e sem intermediação entre o hospital e a escola, entre a fábrica e a penitenciária. Há os agen-

---

19 - Vide o capítulo 3.

20 - Foucault, M. A arqueologia... op. cit, pg. 112.

ciamentos que atravessam os locais de enunciações táticas, e que, as vezes, permitem as suas composições em estratégias gerais<sup>21</sup>. O processo de produção não escapa a estes agenciamentos.

Por outro lado, para a constituição de um trabalhador habituado a um processo produtivo, foi necessária a sua normalização e o seu controle por parte de alguns setores da sociedade, pelo menos como tentativa, procurando criar uma "noção de tempo útil, produzida pela ampliação da esfera do mercado e que não só disciplina a classe burguesa como também procura se introjetar no âmbito da gente trabalhadora"<sup>22</sup>. Nesses termos, não há como estabelecer uma continuidade das estratégias, pois "a história é um terreno vago e não um campo de tiro"<sup>23</sup>. Estando em aberto, nada pode determinar o próximo passo de cada agente envolvido na luta, e nem o que dela decorrerá. Este é o caso do taylorismo, ou dos agentes que o promoveram como meio de "educar" corpos, que para se impor necessitou destruir determinadas formas de saber e fazer. E não só dos trabalhadores. Ele se volta contra as próprias formas de produção já estabelecidas, sendo tratadas daí por diante de antiquadas, obsoletas, etc.; mesmo aquelas que passaram por formas de Saber e Poder.

Então, o taylorismo não surge de um aprimoramento técnico do processo produtivo, de uma necessidade intrínseca des-

---

21 - Deleuze, Giles. Op. cit, pag. 62.

22 - Idem. O nascimento das fábricas. SP, Brasiliense, 1982, pg.15.

23 - Veyne, Paul. Op. cit, pg. 172.

te, e na busca das suas origens, seria necessário remeter à pré-história (primeiro o fogo, depois a roda, e assim por diante). Esta seria "a forma histórica que reintroduz (e supõe sempre) o ponto de vista supra-histórico: uma história que teria por função recolher em uma totalidade bem fechada sobre si mesma a diversidade, enfim reduzida, do tempo; uma história que nos permitiria nos reconhecermos em toda parte e dar a todos os deslocamentos passados a forma de reconciliação; uma história que lançaria sobre o que está atrás dela um olhar de fim de mundo"<sup>24</sup>.

Todas essas mudanças nas estratégias e táticas, apontam, justamente, para o aspecto de que nenhuma nova modalidade de controle e disciplinarização se dá de modo perfeito, mas podemos afirmar que há uma depuração. Não no sentido do progresso (a velha idéia de que se caminha para um futuro radioso), e sim de que essas mudanças se voltam sobre as formas anteriores, atacam a sua constituição, e finalmente as fazem falar de acordo com a nova linguagem. Não é preciso ir muito longe: Roberto Simonsen no seu opúsculo O trabalho moderno, já chamava a fábrica-família de um sistema obsoleto e "militar"<sup>25</sup>. Assim, continuando dentro deste exemplo, a fábrica "modernizada" aparece como continuidade da anterior, e, ainda, melhor que a antiga, restando a esta a imagem de precursora, portanto velha, obsoleta, mas que permitiu a nova. Este é o ponto, a história aparece como contínua, a possibilidade de devolver ao sujeito

---

24 - Foucault, M. "Nietzsche...", pg. 26 (grifo meu).

25 - Simonsen, Roberto. O trabalho moderno. Santos, 1919, pg. 35.

tudo o que foi perdido, assim, "fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda prática são duas faces de um mesmo sistema de pensamento"<sup>26</sup>.

Ora, a classe operária no início do século não estava num estágio inferior do mesmo modo que estava a fábrica para o Roberto Simonsem. Lá vamos encontrar uma outra classe operária, inserida numa outra fábrica, da qual a que vemos hoje não é continuidade. Portanto, desejo demarcar os limites das ações de uns e de outros, as suas lutas, alianças e contra-ataques, como estabeleceram seus domínios e como foram derrotados.

Contudo, falta delimitar o campo onde se registrará a atuação das partes envolvidas. É no corpo que os rastros das lutas ficarão. É no corpo que a história impetrará as suas marcas, ou melhor, ele é o duplo da história: enquanto memória e esquecimento; campo dos acontecimentos e local de subsunção de vestígios; local de luz e de palavras, dobrando sobre si para rememorar e esquecer. Pois o poder age sobre o corpo, "poder este que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos - o seu corpo - e que se situa ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder"<sup>27</sup>. Este visa o corpo para adestrá-lo, ou seja, é o poder-

---

26 - Foucault, M. A arqueologia... pg. 15.

27 - Machado, Roberto. Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Foucault. RJ, Edições Graal, 1981, pg. 189.



disciplinar organizando meios de controlá-los no ínfimo gesto, e provocando torções para assegurar o máximo de produtividade com o mínimo de rebeldia sempre numa relação de utilidade-docilidade<sup>28</sup>. Assim, se de um lado o indivíduo não é o destinatário enquanto consciência histórica de tudo o que passou, por outro lado, ele o é porque o corpo é o corpo vazio, efeito de superfície<sup>29</sup>, sendo "preenchido" constantemente de líquidos coloridos que se misturam ou repelem, formando um caleidoscópio que muda a cada chacoalhada.

O poder-disciplinar será caracterizado pela: organização do espaço, que é a técnica de distribuição dos indivíduos; pelo controle do tempo (rapidez e eficácia); pela vigilância luminosa, onde o olhar espreita; pelo conhecimento, que é a linha final desse encadeamento que se liga ao primeiro item. É a cobra que morde o próprio rabo. Nesse sentido, o corpo se torna objeto de lutas que o procuram conformar através do estabelecimento de Verdades<sup>30</sup>.

Logo, "este tema da luta só se torna operatório se for estabelecido concretamente, e em relação a cada caso, quem está em luta, a respeito de que, como se desenrola a luta, em que

---

28 - Foucault, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis, Vozes, 1978, pg. 139, *apud* Machado, Roberto. *Op. cit.*, pg. 194.

29 - Deleuze, Gilles. A lógica do sentido. SP, Perspectiva, 1978, ver principalmente a Décima quarta série.

30 - Machado, Roberto. *Op. cit.*, pg. 195.

lugar, com quais instrumentos e segundo que racionalidade"<sup>31</sup>.

---

31 - Idem, *ibid*, loc. cit.

## O TRABALHADOR NA FORJA: DA VONTADE DE POTÊNCIA A IMPOTÊNCIA DA VONTADE

### 1. O novo corpo, o novo sujeito: dos atos impuros à maneira de produzir virtudes.

As discussões da medicina higiênica sobre o social produzidas no século XIX, retratam a preocupação, mais ou menos generalizada, de demarcar o corpo como um campo de lutas: a criança, a família, o trabalhador, enfim, a sociedade são elementos constantemente transvazados por discursos que procuram elucidar as relações nas quais se inserem, pois, representantes sociais de corpos individuais, podem ser entendidos nos seus respectivos "habitats". Preocupação de visibilidade. Corporificados, esses elementos precisam ser desamontoados, separados, classificados e distribuídos de acordo com as suas características "inerentes", propensões e adequações. Devem ser alocados em níveis, ou imaginando-se as variantes humanas como variações do tipo biológico, onde as classificações obedecem às ordens, classes, filos, famílias, gêneros, etc, permitindo a sua

utilidade em termos econômicos e a sua obediência em termos políticos.<sup>1</sup>

A antiga ordem colonial, onde os corpos eram "veículos" de uma relação mando/obediência, sendo a sua disposição referida a esta relação, não perturbando a aparente confusão em que se encontravam, é largamente atacada. O corpo torna-se substrato da consciência. São nele inscritos todos os discursos do não-visível. O olho volta-se para os registros de superfície: efeitos de uma ordem perfeitamente interrogável, logo passível de elucidação. Esta ordem pode aparecer num regulamento interno nas fábricas, ou no código disciplinar para escolares, ou ainda em palestras sobre ginástica para crianças, como a feita pelo Dr. Leonel Rocha, profissional do "Dispensário Moncorvo", transcrita no Correio da Manhã de 14 de maio de 1906, dirigida especialmente para as "famílias pobres" (sic), onde ela (a ginástica) "tem uma influência moralizadora e higiênica, intelectual e física, imprescindível à educação do sentimento e à estabilidade da saúde"<sup>2</sup>.

São sinais de claridade, permitindo o gesto passível de leitura. Corpo translúcido. "Abram-se alguns cadáveres"<sup>3</sup>. Antes a

---

1 - Foucault, M. Vigiar e punir: o nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1983, pg. 127.

2 - Correio da Manhã, 14/05/1906, "Higiene pela ginástica nas crianças", pelo Dr. Leonel Rocha.

3 - Remeto para a discussão feita por Foucault sobre o olhar

doença que era resultante de vários cruzamentos nosológicos, ótima representante do invisível/indizível, tinha como signo o olhar expectante devido à fugacidade das suas aparições. Desencavada, extraída do recôndito do corpo, carrega consigo o olhar percutente, cingidor do espaço onde ela se manifesta. Portanto, é preciso ordenar, clarificar, retirar obstáculos para que ela se mostre na sua plenitude - do aparecimento às últimas manifestações, da superfície à profundidade da sua ação. E é no corpo que estão as suas marcas, ou antes, a doença está no corpo. Ele a carrega como a um estigma denunciante. Logo, é preciso "dotar a criança - por exemplo - do vigor físico necessário ao equilíbrio da vida humana, felicidade de espírito, à perpetuidade de espécie, à dignidade da pátria"<sup>4</sup>. Isso permite se colocar no corpo individual, neste caso, para exemplificar, o da criança um outro sinal:(+) sinal de positividade que também a estigmatiza mas não negativamente. Como chegar até essa positividade?

Fazem-se necessárias classificações e distribuições de acordo com as marcas "próprias". Da carnavalesca distribuição na sociedade colonial (corpos amontoados, difusos), passa-se à séria ordem unida no século XIX. Será nos limites de um asilo, por exemplo, que se processará a "arte das distribuições", pois "con-

---

médico. O surgimento de um tipo específico de medicina nos fins do século XVIII e início do século XIX, não implica numa nova postura epistemológica, e sim, à mudanças nas formas de olhar o corpo e a doença. O Nascimento da clínica. RJ, Graal, 1980.

4 - Correio da Manhã, 14/05/1906, loc. cit.

vém atender à necessidade de dividir os asilados em classes, conforme a procedência a educação"<sup>5</sup>. Esta solicitação de João Mendes Junior, publicada no Estado de São Paulo, é retirada de formas asilares de outros países, onde "são divididos, não só em relação ao sexo dos asilados, como em relação à educação. Assim, os velhos indigentes e os decaídos da opulência não podem ser confundidos com outros asilados que precisam de cuidados particularíssimos"<sup>6</sup>.

As diferenças e igualdades precisam ser alocadas analogicamente. Daí os grandes isolamentos que, principalmente, a partir da segunda metade do século passado, vão tomando monta. As zonas de prostituição, os bairros operários, as fábricas, o comércio, quartéis, escolas, prisões, enfim, a cidade deve se tornar o lugar de distribuição da igualdade e de isolamento da diferença - lugares onde a Verdade "transparece", e o olho avança sobre a sua extensão que é a do próprio corpo, fazendo-a falar constantemente para poder produzi-la<sup>7</sup>.

---

5 - O Estado de São Paulo, 10/01/1899, "O problema da mendicidade", por João Mendes Junior (grifo meu).

6 - Idem, *ibid* (grifo meu).

7 - No caso da prostituição, a constituição de um campo repressivo, de início, e conseqüentemente disciplinar, é associada muitas vezes com o próprio processo imigratório quando os estrangeiros passam a ser "estigmatizados como portadores de hábitos devassos diante de uma sociedade jovem e inocente", como afirma Margareth Rago na sua tese de doutorado Os prazeres da noite, de-

Esse investimento, não só da medicina, mas do Saber sobre o corpo, se faz com a preocupação de tornar mais claras as marcas que lhe são inerentes, e dar-lhes condições para aflorar. Anteriormente, submersas na desorganização, agora devem dizer do que são feitas, para tanto, "estufas" apropriadas, locais privilegiados de manifestações nos seus limites (da prostituição nas zonas de meretrício, da doença nos hospitais, do crime nos presídios). De uma estufa à outra, toda uma urbanização, possibilitando a circularidade controlada. Do presídio à escola, do hospital ao exército, ou vice-versa. Fluxos organogramáticos. Ruas de mão-dupla. É o trabalho nos hospícios, na ótica de Franco da Rocha, onde "a vida do louco sem trabalho é miserável e sem interesse; sua fantasia mórbida corre desenfreada, enquanto os maus hábitos e as tendências destrutivas são alimentadas pela ausência de qualquer distração ou ocupação definitiva"<sup>8</sup>. Vemos a

---

fendida em 1990 na Universidade Estadual de Campinas, pg. 168. É evidente que após um namoro com a imigração européia, vários promotores da sua vinda ao Brasil se viram desiludidos, e logo os associam "ao crescimento da prostituição e do crime" (Margareth Rago, pg. 168), e "passa-se a pensar mais explicitamente sobre os locais onde se estabeleciam os prostíbulos e as casas de tolerância, configurando uma territorialidade geográfica do prazer" (idem, pg. 168). Pode-se perceber que num primeiro instante, os limites da distribuição espacial avançam por territórios não mapeados.

8 - O Estado de São Paulo, 14/01/1899, "A questão do trabalho

moral do trabalho atingir o universo da loucura: meios de resgate de um mundo decomposto à luminosidade, que permite a sua localização e os testes necessários.

Neste caso, a loucura deixa de ter um campo de manifestação próprio. É trazida para uma outra superfície, um outro local que possibilite a sua interrogação infinita, que possibilite a sua localização de maneira definitiva. Não fugirá mais por desvãos, por caminhos que a racionalidade médica não possa apreender. Para tanto, técnicas trocadas; da oficina ao hospício.

Além da distribuição analógica, o fluxo deve ser gerenciado pelas normas. A normatização é a forma de reintegrar corpos específicos no quadro geral da sociedade. Mas, portadores de signos próprios, é através da correção e prevenção que agirá essa normalização. Quer dizer, se antes a lei ditava os meios integrativos dos sujeitos na sociedade, agora a norma define o limite da ação dos corpos. Isso não quer dizer que há uma imobilidade dada previamente pelos limites normativos, pelo contrário, o seu movimento liga-se diretamente ao movimento do olho percutente em relação à Verdade manifestada no espaço corporal. Este limite é entendido como ultrapassável, daí a luminosidade que põe em evidência o gesto, a fala e, se possível, o pensar, para em seguida classificá-los e distribuí-los.

Assim, as estufas produzem o terreno fértil para o olhar, que por sua vez volta-se aos corpos, produzindo discursos. Voltando para o caso dos hospícios, podemos ver que "a ocupação lei universal da natureza para a saúde do corpo como do espírito,

---

nos hospícios" por Franco da Rocha.



é especialmente benéfica para o louco, visto que substitue as idéias mórbidas por novos e salutareos pensamentos (...) lhe promovem a saúde geral do corpo"<sup>9</sup>. Pode-se reencontrar o louco na lógica do discurso que o produz, e não mais no seu próprio discurso que permaneceu durante muito tempo inextrincável. E pode-se, inclusive, prescrever que "os trabalhos de agricultura e jardim são meios inestimáveis de tratamento"<sup>10</sup>

Os discursos produzidos sobre os corpos redistribuídos entram nos fluxos, nas ruas, cruzam-se, assumem formas, investem: organizam a Economia Política. Intenções de funcionamento. Mas, os discursos não são apenas práticas gestadas num Saber que pela sua natureza própria é o melhor. Ele deve se impor. Há outros saberes trafegando na contra-mão. Discursos difusos numa "desorganização nômade". Distribuem-se por si numa relação diferencial. São contra eles as estufas, o arruamento, as placas de sinalização, iluminação, todo equipamento urbano; logo, sendo imperiosa a associação SABER/PODER.

Práticas discursivas disseminadas na sociedade com sua tentativa constante de organizar o carnaval. Pequenos poderes, saberes pontuais, ou melhor. táticas regionais, séries organizativas de estufas. É o poder do médico-higienista<sup>11</sup>, do educador, do industrial, etc. Saberes que se encontram nas ruas.

---

9 - O Estado de São Paulo, 14/01/1899, loc. cit (grifo meu).

10 - Idem, *ibid*, loc. cit (grifo meu).

11 - Costa, Jurandir F. Ordem médica e norma familiar. RJ, Graal, 1983.

compondo estratégias, séries de séries, tentado fundar a diferença na igualdade.

Nesse sentido, as táticas normativas surgidas na segunda metade do século XIX, partem de alguns axiomas. Um deles - o que nos interessa diretamente - é o do corpo carregando as suas marcas, ou seja, um corpo com vontades, ou ainda, potencializado. Por exemplo: para a medicina, a doença está dentro do organismo, desenvolvendo-se ou não sob certas condições. É a geração espontânea, que atrela consigo a teoria dos miasmas, e já nos é conhecido o investimento que sofrem as cidades pela higiene<sup>12</sup>. Ou ainda, no caso da "mendicidade dos válidos de corpo é uma consequência de invalidez da alma"<sup>13</sup>. Podemos imaginar o que desejaria um jurista ao lidar com o problema da mendicidade. A separação e a distinção de um tipo social muito próximo à marginalidade. E é sabido que "não bastam os meios repressivos, isto é, que, sobretudo, são necessários os meios preventivos, entre estes, principalmente, a religião, que, pela confiança em Deus, evita o desânimo, mantendo sempre a virtude sobrenatural da esperança (e claro do castigo eterno); depois, a educação moral e a instrução que evitam a corrupção dos costumes e suas consequências"<sup>14</sup>. Ora, concessão ao discurso religioso? Não, pois se necessário, até ele permitirá a instalação

---

12 - Idem, *ibid.*

13 - O Estado de São Paulo, 05/01/1899, "O problema da mendicidade", por João Mendes Junior.

14 - Idem, *ibid.*, loc. cit.

dessa ordem racional. Afinal, não é na alma que está a fé?

Mas, qual o papel dessas táticas? Macerar essas vontades dos corpos. Fazê-las funcionar conforme a norma. Num sentido, impotencializá-las para a Política, e no outro, potencializá-las para as exigências de utilidade econômica (devo lembrar que não tomo a expressão Economia Política apenas no seu sentido usual. Há uma economia política para a medicina: corpos produtores, no caso, de doença, e obedientes; que a produzam sem rebeliões, ocultamentos). O conjunto dessas práticas formam uma estratégia: *Poder*, e este "está em toda parte; não porque engloba tudo e sim porque provém de todos os lugares"<sup>15</sup>.

Ora, já nos são velhas conhecidas as teorias a respeito da necessidade do branqueamento da raça. A profilaxia, o trabalho, a civilização dos imigrantes, fazendo frente à falta de higiene, à preguiça, à "selvageria" do negro, e este "antiexemplo do escravo (...) era usado para retificar a prática social dos brancos livres. Em momento algum tratava-se de converter o escravo em livre trabalhador. A questão crucial era a de *recuperar os brancos e inseri-los numa vida produtiva*"<sup>16</sup>. Mas, o que está em jogo são corpos portadores de marcas normalizadas. E, por exemplo, alguns imigrantes, numa reportagem n' O Estado São Paulo "saíram das províncias russas habituados às lides

---

15 - Foucault, M. História da sexualidade, vol. I "A vontade de saber". RJ, Graal, 1985, pg. 89.

16 - Costa, Jurandir F. Op. cit, pg. 202 (grifo meu).

agrícolas; eram homens rústicos, mas ativos, honestos e de boa índole"<sup>17</sup>, isso quer dizer, produtivos e obedientes. Apesar da rusticidade, traziam como contrapeso a boa índole, e era possível ler estas características no corpo, na menção do gesto, pelos sinais extraídos por olho clínico, ou indo além, extrair do sujeito a consciência de si, pois "produto de hábitos, este indivíduo não saberia nem quando, nem como, nem porque começou a sentir e a reagir da maneira que sentia ou reagia (a educação começaria com a primeira infância, mas, neste caso se procurava uma geração já formada nos bons hábitos). Tudo em seu comportamento deveria parecer à sua consciência como *normal*, conforme a lei das coisas ou a lei dos homens"<sup>18</sup>. Assim, desconhecendo-se o indivíduo reconhece-se nas normas.

Enfim, é necessário produzir um novo corpo, um novo sujeito, ou pelo menos encontrá-lo pronto. É um sujeito pronto para responder às exigências desse Poder normalizador, e que trafega pelas ruas conforme a organização do fluxo. E quando não há essa correspondência? É preciso, por exemplo, "habituar o preso a proceder bem, para evitar o castigo para conquistar a recompensa"<sup>19</sup>, ou seja, aquelas vontades inerentes ao organismo que caminha na contra-mão, devem ser maceradas, forjadas em altos-fornos para não se manifestarem. Contudo, neste caso, não é

---

17 - O Estado de São Paulo, 26/05/1907, "Terras e Colonização" (grifo meu).

18 - Costa, Jurandir F. Op. cit, pg.175 (grifo meu).

19 - O Estado de São Paulo, 02/01/1907, "Na Argentina: sistema penitenciário".

o preso o elemento privilegiado dessa normalização, e sim o não-preso. Isto é, a recuperação não é o fundamental, mas, o funcionamento nos limites do gesto desviante: o prisioneiro é a aberração, a afirmação da criminalidade na sua maior força, o limite corporificado. Logo, tendo um local propício para o desenvolvimento da aberração, pode-se vê-la nos seus meandros com as suas variantes<sup>20</sup>, passando-se em seguida para as torções necessárias: testes de resistência. A regeneração de criminosos é uma consequência secundária, efeito de uma causa lateral. O primeiro grande objetivo prisão é a visibilidade "patológica" do preso. Quando, como, por que, onde, são perguntas posteriores às respostas dadas num presídio, por exemplo, que é o local onde pululam respostas a espera da formulação de perguntas. E "o atestado de que a prisão fracassa em reduzir os crimes deve talvez ser substituído pela hipótese de que a prisão conseguiu

---

20 - É neste sentido que "a forma-prisão preexiste à sua utilização sistemática nas leis penais. Ela se constitui fora do aparelho judiciário, quando se elaboraram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo, e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registo e notações, constituir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza", passando-se em seguida para as torções necessárias: testes de resistência, in Foucault, Michel. Vigiar e Punir, op. cit., pg. 207 (grifo meu).

muito bem produzir a delinquência, forma política ou economicamente menos perigosa - talvez até utilizável - de ilegalidade; produzir os delinquentes, meio aparentemente marginalizado mas centralmente controlado; produzir o delinquente como sujeito patologizado"<sup>21</sup>.

O segundo objetivo, é colocar as práticas discursivas ali produzidas em circulação, para - terceiro objetivo - atingir o cidadão "comum" com suas pequenas tentações, com suas pequenas ilegalidades, ou irrisórios desvios. Arte da prevenção. O preso efetiva a Verdade sobre os seus grandes desvios, das suas vontades e as potências a elas inerentes, e assim ajuda a prevenir o pequeno desvio do não-presos. Das visibilidades ou práticas, no caso, as prisões, é possível passar para a ordem do discurso, na qual, seguindo o exemplo, a jurisprudência tomará para si as advertências à respeito do "bom" comportamento. Todavia, na prisão não se efetivará totalmente esse discurso, pois ela produz os signos próprios do desvio, como se entre o campo da visibilidade e o do discurso houvesse uma diagonal que os transpassasse. Em todos os casos, se não for possível a prevenção, ou se o ato desviante recalcitra, então se saberá como suprimi-lo, ou macerá-lo. Esta é a maneira de produzir virtudes.

Mas, desvios recalcitrantes, necessariamente, não devem passar sob chicote. É mais salutar "que se registrem, com minuciosidade, todas as informações relativas ao procedimento dos presos, quer favoráveis, quer desfavoráveis. Por esses registros (...) poder-se-á julgar se progride ou retrograda a regeneração

---

21 - Foucault, M. Op. cit, pg. 244.

do condenado. Em cadernetas se anotam os atos referentes à sua conduta: a assiduidade no trabalho, o esmero na execução das tarefas, o adiantamento na aprendizagem do ofício, o progresso na instrução escolar, o asseio das células, nas roupas, no corpo, na linguagem e inclinações, todas as informações, em suma, que forem necessárias para julgar do procedimento"<sup>22</sup>. É óbvio que "o diretor não escrituraria os bons e os maus atos, se não tivesse em mira punir ou premiar. Mas, para punir ou premiar, é indispensável um julgamento ((grifo meu) (...)). Ele institui com esse fim, um tribunal de conduta (...). Examinadas as cadernetas e coligidas as demais provas, o tribunal classifica (grifo meu), trimestralmente, todos os presos"<sup>23</sup>.

Pequenos detalhes medidos pelo olho clínico. As prisões, tal qual hospícios ou asilos, serviriam para obter um campo de atuação do saber dentro de relações de poder. Um saber que poderia ser chamado de clínico sobre os presos<sup>24</sup>. O mínimo desviante deve ser julgado, o gesto mal dado deve ser classificado, e "a classificação é estabelecida taxativamente: conduta exemplar; conduta muito boa; conduta boa; conduta regular; conduta má; conduta péssima"<sup>25</sup>.

Aqui é possível vislumbrar uma inversão no problema da punição. O antigo poder punitivo do rei, se baseava, ou se

---

22 - O Estado..., loc. cit.

23 - Idem, *ibid.*

24 - Foucault, M. *Op. cit.*, pg. 221.

25 - O Estado de São Paulo, loc. cit.

imaginava basear, na justiça divina: olho por olho, dente por dente, isto é, o mal feito será a medida do mal a sofrer. O ladrão, o assassino, o bandido ao efetivar o seu ato, não atacaria simplesmente o corpo social, e sim o corpo do rei<sup>26</sup>. Logo, ou certo, ou errado. Agora a escala de aferição estabelece uma gama de possibilidades de classificação do gesto, e, para facilitar tomo as reflexões de Foucault para a escala de aferição, pois, "os castigos não se destinam a suprimir as infrações; mas antes a distingui-las, a distribuí-las, a utilizá-las; que visam, não tanto tornar dóceis os que estão prontos a transgredir as leis, mas que tendem a organizar a transgressão das leis numa tática geral das sujeições. A penalidade seria então uma maneira de gerir as ilegalidades, de riscar limites de tolerância, de dar terreno a alguns, de fazer pressão sobre outros, de excluir uma parte, de tornar útil outra, de neutralizar estes, de tirar proveito daqueles. Em resumo, a penalidade não 'reprimiria' pura e simplesmente as ilegalidades; ela as 'diferenciaria', faria sua 'economia' geral"<sup>27</sup>. E "se os condenados mantiverem, no decurso de um ano, a mesma classificação de conduta exemplar, terão mais outras regalias: conservação do bigode; uso do nome; supressão do número da roupa; correspondência livre; passeio no pavilhão até o toque de silêncio; luz à vontade na cela"<sup>28</sup>, e a cada alocação na escala classificatória são dadas ou retiradas regalias até os

---

26 - Foucault, M. Op. cit., vide o capítulo "A prisão".

27 - Foucault, M. Op. cit., pg. 240.

28 - O Estado de São Paulo. loc. cit.



limites dessa escala. Inversão total. O chicote, o suplício na praça pública, não são mais os freio do errado, do desvio, "a extensão da pena não deve medir o 'valor de troca' da infração; ela deve se ajustar à transformação 'útil' do detento no decorrer de sua condenação. Não um tempo-medida, mas um tempo com meta prefixada"<sup>29</sup>.

A medição é o elemento regulador do freio que funciona por prêmios conquistados, por organogramas cumpridos. Poder/Saber que produz corpos produtivos, ou ainda, Poder positivo que, internamente, ativa a produção de práticas discursivas, e externamente faz os corpos produzirem verdades para o cálculo do gesto em função do seu caráter interno. Ele se preza pelo mais (+), sinal positivo. Mais gestos, mais verdades, mais desvios, mais utilidades, mais impotencializações. Reprodução ampliada, sendo, para novamente citar Foucault, "o ponto ideal da penalidade (...) a disciplina infinita: um interrogatório sem termo, um inquérito que se prolongasse sem limite numa observação minuciosa e cada vez mais analítica, um julgamento que seja ao mesmo tempo a constituição de um processo nunca encerrado, o amolecimento calculado de uma pena ligada à curiosidade implacável de um exame, um procedimento que seja ao mesmo tempo a medida permanente de um desvio em relação a uma norma inacessível e o movimento assindótico que obriga a encontrá-la no infinito"<sup>30</sup>. O que significaria a introjeção de uma "ahistoricidade" dos

---

29 - Foucault, M. Op. cit, pg. 218.

30 - Foucault, M. Op. cit, pg 199

sentimentos, da moral, implicando na auto-culpabilidade<sup>31</sup>.

Então, estando esse Poder numa relação direta com o Saber, ele se organizará sobre positivities, o que não acontecia com o poder do rei no período colonial - essencialmente repressivo. Nova ordenação da punição: correção (maceração das vontades de acordo com uma escala progressiva infinita), prevenção do gesto desviante (experiências de resistência e elasticidade) e produção de corpos produtivos.

## **2. A terapia da correção ou a arte de torcer pepinos pequenos: do realismo pedagógico à paranóia microbiana.**

A "correção" das vontades vem se manifestando ao longo do século XIX. E no caso específico dos trabalhadores, a sua forma mais visível é a imigração. Portadores dos bons germes da operosidade e da moralidade, seriam os braços ideais para as lavouras e para alguns setores urbanos, evitando assim o uso oneroso de equipamentos mais refinados de controle - a tecnologia de normatização da classe operária está na sua maior parte ligada aos discursos moralizantes através de contra-exemplos: o escravo,

---

31 - Costa, Jurandir F. Op. cit, pg 200 e 201

o delinquente, a prostituta etc<sup>32</sup>. Mas com o crescimento industrial<sup>33</sup>, muitos se alocaão nas cidades, criando uma série de perturbações<sup>34</sup>. Assim, tornam-se alvo de várias discussões tanto a respeito do trabalhador, como do trabalho e da moral - elemento de ligação entre um e outro -, ou seja, trabalhar é a norma regida por regras morais, as quais estão no próprio corpo de quem trabalha<sup>35</sup>. Senão, é preciso a terapia da correção, isto é, as vontades contrárias às necessidades do Poder enquanto economia política, devem ser maceradas para dar lugar às "boas" vontades. Despotencializar umas e potencializar outras. É o preso enquanto experimento que fornece um campo laboratorial; é no corpo do doente que se farão adestramentos; é na escola que se produzirá a disciplina das vontades; é na fábrica que se moralizará as

---

32 - Marinho, Célia. Onda Negra, Medo Branco. RJ, Paz e Terra, 1987. A autora discute o problema da imigração em vários discursos da elite política, que tomam o negro como contra-exemplo do bom cidadão, do bom trabalhador (nesses discursos também aparece o trabalhador nacional livre que é tomado como modelo de indolência e ignorância).

33 - Não pretendo refazer a discussão a respeito da industrialização no Brasil, e mais especificamente, em São Paulo, para tanto remeto ao texto de Sergio Silva, Expansão cafeeira e industrialização. Porto Alegre, Alfa-ômega, 1980.

34 - Cf. Relatório nº 1 - FAPESP. Campinas, UNICAMP, 1988 - mimeo.

35 - Remeto para o item 1 do presente capítulo.

consciências débeis.

Num artigo n' O Estado de São Paulo, de janeiro de 1907, onde se discute o problema do trabalho, o articulista entende que isso ocorre tendo-se em vista que o brasileiro sofre de um "mal-latino"<sup>36</sup>, ou ainda, os povos latinos, pela sua cultura "clássica" não são operosos, decorrendo "daí a inferioridade em que se encontram, não tendo condições para competir com os povos anglo-saxões e germânicos, solidamente instruídos para vencerem pela agricultura, pela indústria e pelo comércio". E "mais do que em qualquer outra nação de estirpe latina, observa-se isso no Brasil, cuja sociedade firmava-se inteiramente, até a pouco tempo, no regime escravista, de efeitos perniciosos em toda parte. A escravidão deixou entre nós funestos preconceitos ainda arraigados na geração atual (...). Todos querem ser letrados, bacharéis, burocratas, políticos, entendendo que as outras profissões não honram tanto quanto essas". Quer dizer, há uma "má" vontade que não potencializa o corpo enquanto produtor, e "longe de contrariar tal situação o nosso aparelho escolar a favorece bastante (...). Ora, o meio de combater esse mal latino (...), é difundir largamente o ensino profissional. Cumpre, porém, que este venha sendo ministrado desde a escola primária, numa graduação metódica, para produzir benefícios e seguros resultados"<sup>37</sup>. Entende-se a "educação como instilação de hábitos" e "as 'más inclinações', prevenidas pela inculcação dos bons

---

36 - O Estado de São Paulo, 02/01/1907, "Notas Pedagógicas".

37 - Idem, ibid (grifos meu).

hábitos, dispensavam o uso de castigos recorrentes e os agentes externos. Seus efeitos eram duradouros, praticamente invisíveis. Implantavam-se gradualmente na 'alma dócil', no 'corpo tenro e flexível' sem deixar marcas perceptíveis", e "era um passo na criação do adulto adequado à ordem médica"<sup>38</sup>.

Pequenas torções progressivas para reticentes, prêmios escalonados para os acertos. Toda uma arte corretiva disseminada em locais dispersos, mas, em funcionamento diacrônico. É o caso do "aparecimento de uma moléstia de caráter epidêmico ou mesmo de um caso esporádico de doença suspeita e transmissível", que "impõe a necessidade de um diagnóstico pronto e seguro, em ordem a habilitar a autoridade sanitária a tomar providências reclamadas pelas circunstâncias. É então que intervém a bacteriologia, fornecendo ao higienista os elementos de precisão e segurança com que deve agir"<sup>39</sup>. Essa intervenção externa, que vai se organizando nestes primeiros anos do século, visa dar conta de corpos rebeldes que não aceitam a normalização.

Posso dar um exemplo da atuação da polícia sanitária através de uma carta do dr. Cunha Vasconcelos, enviada ao jornal O Estado de São Paulo. O médico, inspetor sanitário, recebeu uma denúncia que crianças doentes (escarlatina) faleceram. Este fato provocou a sua manifestação:

"Estes três óbitos dentro de tão poucas horas

---

38 - Costa, Jurandir F. Op. cit, pg. 174 e 175.

39 - O Estado..., 14/06/1907, "Saúde Pública: (...) do relatório do Dr. Emílio Ribas, diretor do Serviço Sanitário" (grifo meu).

causaram-me preocupação, não podendo afastar do meu espírito a idéia de que se tratava de alguma moléstia infecciosa, pelo que resolvi levar o fato ao conhecimento da diretoria do serviço sanitário, que foi de parecer que fosse o fato denunciado à polícia, de cuja ação os resultados já estão no domínio público"<sup>40</sup>.

A ação da polícia sanitária deixa claras as suas intenções: intervenção externa; investigando, interferindo e atuando no sentido de eliminar resistências. É o que acontece numa escola rural, neste mesmo ano de 1907, sob a direção do professor Schultz (será o nome proposital?), que "ao passarmos pelo recreio, já se achavam lá, formados, os pequeninos do primeiro ano, aos quais D. Elisa (esposa do professor) exercitava na ginástica. Mais além, alinhava-se um garboso contingente de soldadinhos de 9 a 12 anos, com as armas (?) em posição de descanso". O suficiente para provocar o curioso debate:

"- (...) A paz armada (afirmou o professor Schultz) é uma garantia e os exércitos uma necessidade. O meio de atenuar os encargos que eles impõem é justamente o que estamos apreciando: exercitar a juventude escolar no manejo das armas e nas regras da arte militar, afim de dispensarmos a longa permanência nos quartéis (...).

"- A disciplina militar - observou o Dr. Silveira - aprendida desde a tenra idade, só poderá trazer benefícios para

---

40 - O Estado de São Paulo, 14/01/1899, "Notícias Diversas: casos de escarlatina".

um povo desorganizado e insubmisso como o nosso. Havemos de gosar da liberdade somente quando soubermos obedecer e respeitar a autoridade com frequência desacatada no exercício de suas funções."

"- Mas, além disso - prosseguiu o professor - os exercícios militares proporcionam ao pedagogo um proveitoso recurso para a educação física das crianças, que a ele se sujei- tam com prazer. Com este fim, nós os colocamos ao par da ginástica sueca, dos jogos atléticos, dos trabalhos manuais e das excursões escolares"<sup>41</sup>. O ovo da serpente em pleno interior paulista?! Docilização, submissão, produção.

Os intervalos devem ser preenchidos, nenhum momento de ócio. A disciplina nas escolas, por exemplo, deveria preencher as lacunas temporais com um exercício constante, localizado e controlado, pois dentro desta perspectiva o corpo produz, do ponto de vista do saber e do poder, uma prática-discursiva, isto é, não faz um discurso por si, mas o produz na lógica que o saber estabelece para se chegar à "verdade".

Por conseguinte, até o ócio se insere nesta lógica. Ele é perfeitamente controlável ao ser aplicado nos corpos em apenas descanso, ou naqueles que após se submeterem ao universo do trabalho, do gesto incessante, pudessem usufruir do ócio na sua justa medida: não mais e não menos<sup>42</sup>. Nenhum espaço longe dos

---

41 - O Estado de São Paulo, 18/05/1907, "Notas pedagógicas" (grifo meu).

42 - Costa, Jurandir F. Op. cit, pg. 184.

olhos, nenhum gesto mal medido. São necessárias táticas regionais, estratégias globais, pois:

"- Por diversos motivos (lembra ainda o professor Schultz) entre os quais avulta a indisciplina, os brasileiros não possuem o espírito associativo, tão característico dos povos modernos. Podem contudo, adquiri-lo por uma educação adequada. O essencial é TORCER O PEPINO DESDE PEQUENO"<sup>43</sup>.

A escola tem em suas mãos o corpo já estabelecido. Realidade dada. Mas, pode talhá-lo, fazê-lo endireitar. Enxertar os frutos da disciplina, as sementes da moral. Pepino torcido quando pequeno rende melhores frutos. Isso quer dizer que as propensões devem ser demarcadas, separadas, classificadas e postas para funcionar (o mesmo deve se dar com os indivíduos).

Enfim, tornar o corpo um campo de possibilidades, ou ainda, determinar um leque de vontades possíveis para o sujeito tendendo ao infinito. Mesmo o ato mais estranho, mais fantástico deve pertencer a esse leque, controle tendendo também ao infinito. Qualquer gesto deve ser imediatamente enquadrado, estando controlado o absurdo. É o Saber que deve dar conta desses atos, e o Poder deve normalizá-los, como podemos observar ainda no diálogo entre o Dr. Silveira e o professor de provável origem alemã:

"- Vejo que o senhor é um convencido partidário do realismo na instrução primária.

"- Em nossa época de febril atividade não há tempo a

---

43 - O Estado de São Paulo, 07/06/1907, "Notas pedagógicas" (grifo meu).



perder: a criança tem de entrar na vida prática perfeitamente preparada para agir por si"<sup>44</sup>.

Terapêutica do corpo rebelde, que é o caso dos trabalhadores de tecidos de S. Roque, nas observações de um diretor da fábrica, José Wessohn, da Sociedade Ítalo-Americana, por ocasião da greve de 1907, reconhecendo que "o operariado de S. Roque, conhecendo desta vez que em nada cederíamos, cindiu-se em ordeiros e desordeiros. É para NÓS UMA GRANDE SATISFAÇÃO ESTE ACONTECIMENTO. Vimos dos fatos que o pessoal desordeiro de S. Roque, era bem pequeno, mas tal influência exercia sobre a massa dos bons operários, que estes agiam inconscientemente. Tomamos a firme deliberação de não admitir mais aquele pequeno grupo, qualquer que fossem as consequências"<sup>45</sup>. Intervenção cirúrgica no corpo doente. Ao mesmo tempo, para os que ficaram, não restará "nenhum ressentimento", e ainda, "obterão algumas vantagens econômicas e para o seu bem estar"<sup>46</sup>.

A correção não passa pela coerção pura e simples. "São principalmente as expedições militares coloniais dos tempos modernos que põem em relevo os progressos realizados, obtidos graças à experiência e boa organização dos serviços sanitários"<sup>47</sup>.

---

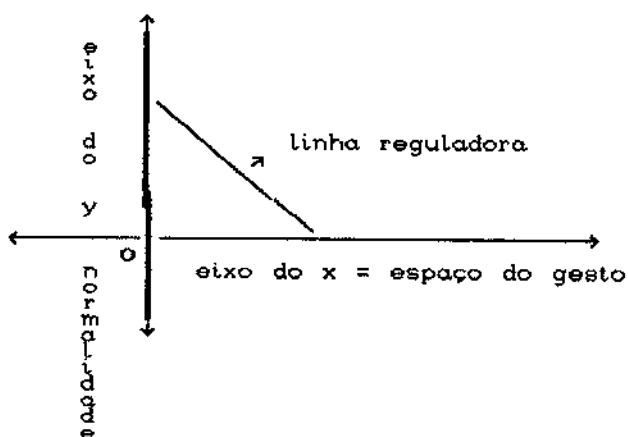
44 - Idem, *ibid* (grifo meu).

45 - O Estado de São Paulo, 22/05/1907, "Secção Livre: os fatos de S. Roque".

46 - Idem, *ibid*.

47 - O Estado de São Paulo, 16/01/1907, "A parasitologia e a higiene", aula inaugural do curso de bacteriologia e microscopia

Exercício corporal que o põe em funcionamento. Ora, "o Brasil possui, no seu imenso território, grandes riquezas e consideráveis recursos do solo, que somente reclamam braços que explorem. E se os princípios fundamentais da higiene moderna não deixarem de ser postos em prática entre nós, tudo nos leva a acreditar que muitas epidemias (...), não serão mais dentro um pouco do que uma triste recordação"<sup>48</sup>. O corpo é incentivado a determinadas atitudes para agir dentro do leque de possibilidades: linha da ordenada, eixo do x, onde os gestos entram num espaço horizontal de classificação, e linha da abcissa, eixo do y, verticalização dos gestos em função das possibilidades/normalidade (mais ou menos normal = mais ou menos premiado).



O eixo y preve, ou age sobre o eixo x. A linha reguladora estabelece a ordem que é de privação/prêmio: benefícios "conquistados", desconfortos "adquiridos". O mau preso não terá

---

do prof. Carini no Instituto Pasteur.

48 - Idem, ibid.

bigode, nome próprio, luz na cela; o mau operário não terá vantagens "econômicas e para o seu bem estar"; o mau doente não terá os benefícios da saúde, e assim por diante. Desse modo, a terapêutica corretiva praticada pelo poder é positivada: corpos produtivos.

### 2.1. O novo trabalhador: a vitória da impotência.

Agora se faz necessário a uma elucidação de segunda ordem com relação à teoria do corpo macerado/potencializado. Para se chegar a essa elucidação é preciso buscar alguns exemplos nas discussões médicas feitas no início deste século, mas, de maneira alguma, elas serão tomadas como pólo irradiador de teorias sobre o corpo sendo adotadas posteriormente por outros campos do Saber e do Poder. Muito pelo contrário. A intenção é tomá-las como participantes desse Saber, de registrá-las como práticas discursivas com suas táticas regionais.

Por volta de 1907, é possível sentir um recrudescimento das teorias a respeito da geração espontânea. Julgada como passado depois de Pasteur, ela foi capaz de suspirar até este século. Contudo, da idéia do corpo portador de germes inatos ao agente patogênico externo, algumas ordens de normalização passaram por transformações. As marcas características do organismo passam a ser puramente exteriores. E "assim foi que, ao princípio da 'interioridade' da doença (...), os bacteriologistas

opuseram, como dogma, o princípio de 'exterioridade' que nos leva a encarar a doença como uma simples, mas porfiada luta do organismo contra uma causa morbífica, proveniente do exterior (...). Não é mais como uma coletividade, ou como um organismo social que se insubordina e desmanda por conflitos de atribuições e de interesses (desequilíbrio humoral de Hipócrates). É antes como uma pátria que pega em armas e se mobiliza (fagocitose de Metschnikoff), contra um inimigo invasor (...). A doutrina da espontaneidade mórbida, substitui-se, precipitada e tumultuariamente, a doutrina do microbismo"<sup>49</sup>. Assim, vejo a necessidade de demarcar de maneira mais apurada, o campo de lutas em que foi transformado o corpo. "Pouco importava, no ardor da luta (...), que Pasteur tivesse um dia afirmado à Academia de Ciências, de Paris, ser possível o aparecimento 'espontâneo' de algumas doenças". E, finalmente, "a grande descoberta moderna a realizar em nossos dias, não deve por forma alguma consistir em aumentarmos de uma unidade o número dos nossos elementos, mas, muito pelo contrário, diminuí-lo, passando metodicamente de um corpo simples a outro corpo simples"<sup>50</sup>.

As metáforas guerreiras traduzem o sentimento em relação ao corpo, e se, no fim do século, a teoria microbiana avançou de modo efetivo, não foi sem luta. Após fundamentar práticas discursivas, a geração espontânea enfrenta um novo

---

49 - O Estado São Paulo, 15/06/1907, "Crônica médica: espontaneidade mórbida e microbismo"

50 - Op. cit., loc. cit. (grifo meu).

adversário. Porém, pode-se entender que o princípio de exterioridade é um "refinamento", um novo elemento na batalha pelo corpo, que os espontaneístas ainda não reconheceram. É nesse sentido que os microbiologistas vão atuar, principalmente a partir da criação da cadeira de microbiologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1901.

A reação contra se estabelece pelo fato de que, num primeiro momento, se perderia, definitivamente, a idéia ou intenção de unificar o organismo, ou ainda, entender que as manifestações mórbidas diferentes têm como sustentáculo um único agente patológico dormitando no fundo da alma, sendo as diferentes doenças e germes, mutações do agente original. Assim, seria suficiente apenas chegar a este agente, para produzir um único remédio que atacaria a causa primeira do gesto desviante, da doença. Logo, a profusão de "causas primeiras" impede esse projeto de passar de uma unidade à outra. O organismo retornaria à rede inextrincável de cruzamentos nosológicos, impedindo o reconhecimento de uma vontade e de transformá-la, pois nunca manifestaria a sua origem essencial, o que seria suficiente para atestar a ineficácia da terapia corretiva/preventiva.

Este é o caso do "problema da tuberculose humana" onde "só há confusão e incertezas. Etiologia tão obscura e esquiua que até chega a por em dúvida a especificidade patogênica do bacilo; profilaxia hesitante estéril; terapêutica ilusória e falaz"<sup>51</sup>. Pois, "os próprios contagionistas, que ainda há pouco apregoavam

---

51 - O Estado de São Paulo. 01/06/1907, "Crônica médica: A tuberculose".

como o principal se não único meio de desenvolvimento da tuberculose (90% dos casos) a inalação das poeiras bacilíferas, arreiam a meio caminho o inútil e pesado fardo de antigas convicções", mesmo porque, "já não são mais as vias respiratórias, mas sim a via digestiva a única área de penetração e cultivo, a propícia zona e o verdadeiro 'habitat' onde se aninha e prolifera o microorganismo de Koch. Já não é mais por inalação dessas pretendidas poeiras fitisiogénicas (Pernice, Celli, Guarnieri, Cadéanc, Mallet), mas apenas por ingestão de alimentos bacilíferos, como o leite e os lacticínios, que a tuberculose se propaga e alastra (Behring, Nocard e Calmette), embora alguns outros neguem a transmissão pelo leite (Koch, Moussa e Jousset)"<sup>52</sup>.

De qualquer forma, "que se atribua a propagação da tuberculose à inalação de poeiras bacilíferas, ou a consideremos como resultado da ingestão de um leite contaminado, veremos sempre dominando, como verdade oficial, a mesma idéia de contágio, a mesma noção etiológica: a transmissão do bacilo"<sup>53</sup>, o que leva a uma terapêutica específica a agentes etiológicos específicos.

Torna-se, porém, inegável a questão do agente patológico externo, ao se tentar uma composição entre as duas teorias - aliança tática - e, podemos encontrar no indivíduo essas duas ordens. Assim, "quem sabe, diz Charrin, se o micróbio, posto em

---

52 - Idem, *ibid.*

53 - Idem, *ibid* (grifo meu).

contato com uma substância diastásica, não acaba de lhe servir de suporte e veículo, e, se por exemplo, o vulgar colibacilo, contaminado pela diastase tífica, não possa transformar-se no bacilo de Eberth, com toda a virulência e atributos de um verdadeiro agente patogêneo"<sup>54</sup>. Da mesma maneira, no operário, o germe vulgar da insatisfação em contato com a diastase anárquica, pode se transformar na virulenta revolução de Bakunin! Mas, de qualquer modo, "já quase ninguém se rebela, em todo o mundo, quanto à verdadeira doutrina da transmissão da febre amarela", por exemplo, "pelo *stegomyia fasciata*"<sup>55</sup>

Chamo a atenção para o quadro que se monta no início deste século: sujeitos com suas potências, mas, que só se elevam pelos contágios exteriores, ou seja, sem as vontades, o corpo mostra-se potente para desenvolver somente as que lhe são inoculadas. Logo, deve ser imunizado dos bacilos mutantes, provocadores de atos desviantes. Este é o caso das costureiras, na ocasião da greve de 1907, pois, é importante "que estas se dirijam diretamente aos seus patrões, e não se deixem influenciar por certos espíritos que, em ocasiões como estas, costumam torcer os passos de quem não conhece outro caminho senão o que conduz a perfeita harmonia do trabalho e da felicidade dos que o produzem"<sup>56</sup>. As disposições interiores apontam para a harmonia e

---

54 - O Estado... "Crônica médica", loc. cit.

55 - O Estado..., "Saúde Pública", loc. cit.

56 - O Estado de São Paulo, 25/05/1907, "Notícias diversas: movimento operário" (grifo meu).

felicidade, mas, o contato com agentes exteriores pode alterar essas disposições. De um lugar à outro, um novo indivíduo que deve se dispor à novas torções.

Inicia-se um processo de normatização que exigirá nova urbanização, isto é, são desencadeadas novas práticas sobre o corpo, inclusive do seu entendimento: sem vontade, ele deve realizar, enquanto potência, as normas inoculadas. E para o problema da relação patrão-empregado a lei pode ser "a solução de atender as conveniências de ambas as partes, e não apenas uma, sobretudo quando for esta a mais poderosa, e graças ao seu manifesto caráter equitativo, a que afinal tem prevalecido"<sup>57</sup>. O Estado é chamado para gerir os fluxos normativos. Além disso, pequenas modificações são efetuadas. A arte da correção refina-se. Vagarosamente a disciplina exigida pela estratégia do Poder tem de ser introjetada: cada um vigia os outros e a si próprio. Longas cadeias de vigilância se estabelecem. Organização hierárquica sem fim, com o olhar do vigia introjetado no próprio sujeito<sup>58</sup>.

Curiosa inversão: da correção exterior para as marcas interiores, à disciplina interior contra os agentes externos. Os prêmios, sinais de conquistas e de reconhecimento público, passam

---

57 - O Estado de São Paulo, 22/06/1907, "Os operários nas fábricas".

58 - O modelo a ser tomado para essas cadeias de vigilâncias pode ser o *panopticon*, descrito por Michel Foucault no seu livro Vigiar e Punir, op. cit.



a ser benefícios causadores de bem-estar pessoal. "É a questão das multas (nas fábricas), para cuja abolição acode logo o argumento dos poderes discricionários dos patrões, e, por conseguinte, do perigo do arbítrio na aplicação da pena. Por isso combatem muitos a existência de semelhante forma de punição que não custa substituir, e com muito mais eficácia, pelas salutares medidas de admoestação paternal, da repreensão com a ameaça de dispensa, e ainda pelo da privação de recompensas extraordinárias ou de prêmios aos operários de conduta satisfatória ou que não hajam merecido censura"<sup>59</sup>. O ato desviante introjeta no indivíduo a sensação de desconforto, isto é, o gesto externo vai deixando de ser o sinal visível do desvio patológico, para ceder lugar à imunização interior, ou à disciplina interior, pois o gesto se torna fugaz. Pode estar contaminado por diferenciados germes imperceptíveis ao olhar que percorre espaços. Não que o gesto deixe de ser a excrescência do desvio, mas, ele ainda pode ocultar o verdadeiro agente patológico - olhar cada vez mais paranóico, que desce ao mínimo visível, ou à consciência individual. O indivíduo deve vigiar a si mesmo. E se não lhe for possível tal discernimento, inocula-se o vírus vigilante.

Pode-se perceber que no cruzamento das duas teorias, se produziu um tipo específico de gestualidade, ou melhor, de indivíduo. As vontades perdem força. Menos torções violentas, mas, de maneira alguma houve um afrouxamento do poder sobre os corpos. Além disso, por exemplo, "com o aumento da população e desenvolvimento progressivo do Estado, aumenta-se correlativamen-

---

59 - Idem, ibid.

te a esfera da atividade em que se deve exercitar a fiscalização da higiene (...). Daí a conveniência de se difundirem o máximo possível os conhecimentos de microbiologia, especialmente da técnica, que habilitem o médico clínico ou higienista a proceder dos exames e pesquisas necessárias aos esclarecimentos dos diagnósticos"<sup>60</sup>. Assim pode-se estabelecer uma classificação infinita da espécies, sub-espécies, filos, ordens. Do olhar de vista geral descendo aos pormenores, passa-se diretamente ao infinitamente pequeno para dele não sair.

E a vista geral - os grandes presídios, os regimentos, os isolamentos em larga escala? Continuam, só que se especializando mais, se compartimentando mais para a elucidação e normatização do mínimo, ou seja, os grandes isolamentos (fragmentações do corpo social), são por sua vez fragmentados; fragmentos dos fragmentos. Divisão ao infinito, de onde o olhar espera poder voltar para reunificar os pedaços. Assim, é necessário inocular nos indivíduos, nos corpos, os agentes de normatização.

Num primeiro momento, "quando a bacteriologia se limitava a descobrir os agentes específicos de cada doença, parecia que as novas doutrinas operavam uma revolução absoluta; as antigas noções clínicas, dir-se-ia, iam sossobrar, os fatores etiológicos habitualmente admitidos, hereditariedade, terreno, etc., como que acabariam: os melhores princípios de Hipócrates que pretendia 'que a doença está em nós' dever-se-ia substituir o axioma 'a doença está fora de nós' (...). Para a higiene, então,

---

60 - O Estado..., "Saúde Pública", loc. cit (grifo meu).

o parasita era tudo e o organismo nada"<sup>61</sup>. Breve confusão. Corpo atravessado por duas linhas: a primeira interior, representante dos investimentos do Poder durante o século XIX, a imigração e o sonho de trabalhadores normatizados - índole, propensões, hábitos; a segunda é exterior, típica paranóia elevada a N potência, e que "trabalhos experimentais demonstraram que a resistência dos germes aos agentes físicos e químicos é muito variável, e a higiene, aproveitando-se delas, opera a desinfecção dos aposentos, roupas, e fezes dos doentes. Chegou-se mesmo a tentar a desinfecção do próprio doente!"<sup>62</sup>. Posso dizer que, por um lado, a segunda linha é decorrência da primeira, pois, do isolamento feito em larga escala para um olhar de varredura, passa-se ao isolamento específico: olhar à espreita do infinitamente pequeno.

Por outro lado, há uma descontinuidade. Novos sujeitos. Nos quais as marcas, as vontades interiores estigmatizavam os corpos, restaram registros quase nulos, suficientes apenas para reagir às inoculações da norma ou ao contágio das doenças. Mesmo porque, "os estudos de laboratório não tardaram a mostrar que o organismo não permanece inativo, mas que, pelo contrário, luta, defende-se e até muitas vezes sai vencedor do combate travado contra o parasita". Das vontades restou a potência, e é possível verificar "que uma grande quantidade de fatores podem

---

61 - O Estado de São Paulo, 16/01/1907. "A parasitologia e a higiene" (grifo meu).

62 - Idem, *ibid.*

influenciar esses meios naturais de defesa do organismo, quer favorecendo a sua ação, quer impedindo-a"<sup>63</sup>. Mas, ainda é preciso agir com lepeidez, pois, no caso do amarelão, que "é moléstia frequente entre a população do interior (...). Os indivíduos atacados tornam-se pálidos e amarelos, sofrem de palpitações, canseira, não sendo raro o hábito de comer terra, principalmente nas crianças (...). Compreende-se, assim, que os opilados constituem um perigo para toda a vizinhança, a menos que se sujeitem estritamente a certas regras higiênicas". Portanto, "todo o indivíduo pálido e descorado, deve ser imediatamente submetido a exame médico e tratamento apropriado"<sup>64</sup>.

As disposições do corpo perderam qualquer caráter moral, não há vontade a não ser exterior. Tanto que "isso que está se passando entre nós nada mais representa que os primeiros sintomas de efeitos inevitáveis e fatais, consequentes a causas longamente acentuadas (...). A guerra que ora se levanta é a da fome; a luta é pelo pão, e isto porque, melhor remunerados, que sejam os operários, o que eles percebem há de ser sempre insuficiente para, nos tempos que correm, satisfazer as primeiras necessidades da vida"<sup>65</sup>. Ou seja, o ato grevista já não é vislumbrado como um efeito de marcas interiores (é evidente que esta não é a única leitura). Não só de causas físicas vive a doença revolucionária, e é "preciso nulificar os manejos subversivos dos

---

63 - Idem, *ibid.*

64 - O Estado..., 15/06/1907, "Saúde Pública. Conclusão".

65 - Correio da Manhã, 28/08/1903, "A situação".

que, propositalmente, procedem de falsa fé, de modo a impressionar a imaginação do proletariado com argumentos fantasiosos"<sup>66</sup>.

A evidência é de que a doença não surge dentro do organismo. Por outro lado, ainda é possível a mutação do germe em contato com certas disposições interiores, que é o caso de inocular no corpo do operário os bons germes da ordem social, mesmo quando tivesse que recorrer aos tribunais, pois, "o patrão não fica desprotegido, achando-se com ele a razão, e o operário, sem que o ameace a ascendência superior, ao menos não recuará diante do estorvo - para (...) recordarmos a lição de Magneaud - dessa espécie de esporte jurídico que consiste, graças à subtileza e argúcias do processo, em semear obstáculos o caminho da justiça ou retardá-la na sua marcha"<sup>67</sup>. Com isso, no corpo do trabalhador se estabelecem as normas da ordem e da moral.

Este é o quadro que se organiza no início do século, no qual o Poder procura esquadriñar espaços possíveis de manifestações do anormal, e o Saber procura a ordenação, separação e classificação dos elementos, isto é, o cruzamento do eixo x do Saber com o eixo y do Poder para compor corpos

---

66 - "A organização da classe empresarial e seu programa analisado pela imprensa operária (1907), in Pinheiro, P. S. e Hall, Michael. A classe operária no Brasil. SP, Brasiliense, 1981, pg. 157.

67 - O Estado de São Paulo, 02/06/1907 e 09/06/1907, "Patrões e operários.

produtivos e normalizados. No caso das escolas, o corpo sofre as torções necessárias. Nas fábricas, recebe as suas ordenações da moral. Da medicina, a sua organização individual. Nas prisões, a lei da necessidade. Nos asilos, o imperativo da produção.

De um local a outro, não existe uma causalidade direta, isto é, a produção disciplinar nas escolas não é causadora ou alimentadora da ordem disciplinar fabril, ou vice-versa. As relações de Poder e Saber que se estabelecem em determinado local lhe são inerentes, embora, exista circularidade, contaminação e também isolamento. Há agenciamentos entre locais de enunciação, e locais de práticas em vários níveis. Isso possibilita o surgimento de estratégias gerais, que podem compor a produção de um tipo específico de indivíduo. E estes locais podem ser os mais insólitos. Podem partir de locais inesperados. Podem compor práticas de sujeição nos mais variados discursos.

ANARQUISMO: O DISCURSO NÔMADE  
MUTAÇÕES "GENÉTICAS" NAS FALAS SOBRE O TRABALHADOR

1. Da qualidade do discurso.

Alguns sons são gestados em silêncio, rondando a grandiloquência das palavras abusivamente sonoras. O seu discurso é quase mudo. Diálogo formado por palavras não ditas, pois a sua fonética é de outra ordem, e a sua gramática se constitui de regras "intra" estabelecidas. São agenciamentos que formulam novas formas de falar sem, aparentemente, alterar conteúdos.

Sons a respeito da moralidade do trabalho que se gestam em discursos diferenciados pelos seus locais de enunciação. E ao invés da dificuldade de escutá-los estar num possível ocultamento, é pelas suas evanescentes aparições que quase não os escutamos. Estão ali, gravados na sonoridade das palavras "comuns", que pela sua habitualidade tornam-se "limpas", ou melhor, desdizem esses estranhos sons nelas gravados, para ficar apenas com a transparência dos cristais. Mas, tal como a areia

para o vidro, não deixaram de constituir palavras, discursos, conjunções e articulações de enunciados. Captar essa gramática fluídica é necessário.

A sua marca é de deslocamentos constantes. Ora organiza imagens das quais reconhecemos traços, que não passam de rascunhos disformes. São discursos gravados nos discursos que anunciam práticas e o seu conjunto "engedra, sobre tal ponto material, um rosto histórico singular em que acreditamos reconhecer o que chamamos, com uma certa palavra vaga, ciência histórica, ou, ainda, religião; mas, em uma outra época, será um rosto particular muito diferente que se formará no mesmo ponto, e inversamente, sobre um novo ponto se formará um rosto vagamente semelhante ao precedente"<sup>1</sup>. Mas, a produção desse deslocamento não é fruto de uma inocência imanente aos discursos. A sua produção está diretamente ligada à lutas travadas pelo seu controle, pelos que querem tê-lo funcionando para si, e nesta batalha, como que por ironia, o "vencedor" ao possuí-lo também não o tem, já que o vitorioso foi obrigado a mudar a sua gramática, a sua fonética, para que pudesse fazê-lo funcionar para si.

Por serem objetos de lutas, a mutabilidade torna-se a sua marca. Daí a dificuldade em localizá-los com precisão. Daí ser a sua gramática de outra ordem. Essa qualidade não permite a sua rápida apreensão, mas ela não é sutil e a sua genealogia está nas pegadas deixadas no "campo" de batalha: práticas sobreviventes.

---

1 - Veyne, Paul. Op. cit, loc. cit.



As pegadas deixadas referentes às batalhas travadas em torno do anarquismo são de duas ordens. A primeira pertence ao interior dos discursos ácratas. Questão: como ser revolucionário? A pergunta é de primeira grandeza, pois implica na constituição das imagens sobre o militante e o tipo ideal para realizar a tarefa de emancipação do homem. Como ele deve ser? Consciente, vigoroso, afirmativo, aquele que não aceita as regras impostas pela sociedade capitalista. E "o que fizeram os anarquistas foi fundir ao retrato do proletário militante a intuição de um destino, a idéia de o trabalhador ocuparia na grande corrente da história um posto tão vital como o que antes havia ocupado o professor, o soldado, o nobre, e nessa mesma época, o capitalista"<sup>2</sup>. A idéia de destino configura um tipo específico de militante, ou melhor, traça um perfil do que seria um revolucionário anarquista, trazendo um desejo de futuro com o seu sujeito constituinte.

Essas imagens são interpostas nas várias correntes anarquistas, mas serão da mesma qualidade? A sonoridade das palavras podem apontar para o mesmo objeto que se constitui nas falas: a militância enuncia o proletário, elemento mais apropriado para efetuar os planos revolucionários. Aqui começam a aparecer sons diferenciados inscritos nas mesmas palavras. Por que o proletariado? Qual o motivo dessa escolha? A resposta está nas pegadas da segunda ordem.

---

2 - Litvak, Lilly. A musa libertaria. Barcelona, Antoni Bosch editor, pg. 152 (tradução livre).

O próprio termo anarquismo é ambíguo, pois há uma crença num homem natural, essencial e anterior ao homem político<sup>3</sup> que se realizaria numa sociedade ácrata. Mas como negar a política se a ação se dá sobre ela? Então, "o anarquista rechaça a natureza substancialmente constrangedora e corruptora da civilização e exige a reconstituição total da condição humana"<sup>4</sup>. Isso demarca num certo sentido, a incompatibilidade do anarquismo com a sociedade industrial. Na tentativa de solucionar esse problema várias correntes ácratas se desenvolveram, o que representa "uma dupla reação: frente às tensões e disjunções internas da doutrina e, em menor grau, frente às mudanças das circunstâncias sociais ante as que se tem encontrado o anarquismo em determinados períodos históricos"<sup>5</sup>.

Assim, o surgimento de várias correntes ácratas representa as tentativas de solução desse problema. O anarco-comunismo, o anarco-coletivismo, o anarco-sindicalismo e o anarco-individualismo (para resumir algumas das várias tendências) procuram organizar programas que lidam com o problema da autoridade, do Estado, da relações sociais e do trabalho. Então, para o comunismo e coletivismo libertário os pobres se tornam os elementos revolucionários. Para Bakunin, por exemplo, os pobres

---

3 - Horowitz, Irving Louis. Los anarquistas. Madrid, Alianza Editorial, 1979, vol I, pg. 15. Tradução livre. Cf. também Litvak, Lilly, op. cit, pg. 16

4 - Idem, ibid, pg. 24

5 - Idem, ibid, pg. 32.

são portadores do germe revolucionário e estão numa posição diametralmente oposta ao Estado, e mais ainda, a liberdade está em potencial nas crianças<sup>6</sup>. No caso do comunismo libertário que têm em Malatesta um dos seus maiores representantes, há uma simetria entre Estado e governo, portanto a luta é contra a autoridade governamental através da violência organizada<sup>7</sup>, sendo uma ação dos deserdados. De um a outro vemos o universalismo impregnando as falas.

No anarco-individualismo, o indivíduo ganha toda a proeminência (Max Stirner), e toda e qualquer sociedade coletiva desemboca no autoritarismo. Logo a sociedade deve ser revertida em função do indivíduo, que se associa voluntariamente<sup>8</sup>, o que implica num universalismo, mas que ultrapassa qualquer conotação econômica ou de classe. Todo e qualquer indivíduo é um anarquista em potencial, basta ele se livrar dos preconceitos adquiridos.

Quanto ao anarco-sindicalismo, ele é dos trabalhadores. A revolução só será possível quando o proletariado descobrir a sua força e retomar para si os instrumentos de produção. O Estado é encarado como um clube burguês, portanto, a luta deve se dar nos ínfimos espaços, nas fábricas, nas associações, etc., visando

---

6 - Idem, *ibid*, pg. 165.

7 - Idem, *ibid*, pg. 51.

8 - Estas idéias vão ser tomadas como absolutas para as críticas posteriores ao anarquismo, sendo taxado de um movimento pequeno burguês reformista, que parte principalmente de comunistas marxistas.

quebrar a hegemonia burguesa que, por consequência lógica, quebraria o próprio Estado.

Estas teorias, apresentadas em linhas gerais, foram organizadas teoricamente no século passado, e a sua prática sofrerá modificações de acordo com as lutas nas quais se envolverão. Mutações nas táticas empregadas tendo em vista mudanças que ocorrem na sociedade como vimos no capítulo anterior. A formulação de práticas-discursivas está envolvida por interstícios onde se desenvolvem lutas pelo trabalhador. Nesse sentido, se ordena a imagem de um sujeito revolucionário: o trabalhador que se liga diretamente a este campo.

Mas, a constituição da imagem do trabalhador como o elemento revolucionário por excelência, não é apenas uma escolha consciente por parte da militância anarquista; ela se processa nos discursos pronunciados a respeito do trabalho, da fábrica, gestados em outros locais de enunciação. No fim do século XIX e início deste, está se estabelecendo na sociedade brasileira uma série de falas sobre a figura do trabalhador: o seu comportamento, como deve trabalhar, como deve viver, enfim, falas de normalização de um elemento numa sociedade que inicia o seu processo de industrialização, cercando-o de formas disciplinares que visam dar-lhe um caráter. Torná-lo, enfim, sujeito, no sentido de sujeição<sup>9</sup>.

A vinda de imigrantes para o Brasil, usando um exemplo, representou um investimento que a sociedade fez sobre o

---

9 - Rago, Luzia Margareth. Do cabaré ao lar. RJ, Paz e Terra, 1985, pg. 17 e 18.

trabalhador<sup>10</sup>: branco, obediente, disciplinado, ou seja, a contraposição do elemento negro que carrega no próprio corpo a negação do mundo do trabalho, pois recém-saído da escravidão, a sua cor lembra as torturas do labor, da sua obrigatoriedade e dos desmandos sofridos.

Assim, pululam enunciados a respeito desse novo trabalhador. Faz-se necessário que se adequem às boas formas de conduta exigidas pelo Poder através das práticas-discursivas produzidas a respeito do trabalhador. Nesse sentido, se configura um embate sobre o trabalhador: como se apropriar dele, ou pelo menos, como produzi-lo? Como construir práticas que dêem conta desse objeto?

A emergência dessas falas permite o deslocamento quantitativo do anarquismo. Deslocamento numérico. As falas da militância anarquista se concentram sobre a figura do trabalhador. O humanismo revolucionário do anarco-individualismo e, em parte, do anarco-comunismo, perdem terreno para o classismo do anarco-sindicalismo, ou seja, a preeminência dessa última corrente liga-se diretamente à quantidade de discursos produzidos em relação ao trabalhador (o deslocamento qualitativo foi se processando ao longo da metade do século XIX com a ascensão das correntes socialistas que giravam em torno do operariado. Esse deslocamento qualitativo são as modificações que sofre no interior dos discursos a imagem do revolucionário por excelência, ganhando cada vez mais proeminência a figura do trabalhador como o "sujeito" da mudanças pelas quais a sociedade deveria passar). Portanto, no

---

10 - No capítulo anterior fiz essa discussão.

início do século, entre os anarquistas, a figura do revolucionário, diferenciada nas várias correntes, vai ganhando contornos nítidos: o trabalhador terá esse perfil.

Ao eleger o tema do trabalhador e, conjuntamente o do trabalho, o anarco-sindicalismo procura travar um embate em sua defesa. A organização do mundo fabril e de instituições em função desse elemento não se dá tranquilamente. As práticas do sindicalismo revolucionário tentam dar conta dessas mobilizações, ao colocar o proletariado em prontidão. Sendo, então, objeto de lutas, o trabalhador passa a ser alvo de investimentos, e é preciso reunir forças para a sua defesa. Dessa forma, as outras correntes ácratas fazem uma aliança tática com o sindicalismo, pois se entendem diferenciadas em muitos pontos, procurando fortalecer o ideal revolucionário.

Essa aliança dá um novo vigor ao anarquismo no início do século (1903-1904), que se tornou "um movimento cheio de consciência. É a luta dos indivíduos emancipados, ávidos de idéias nobres e largos sentimento (...). O movimento revolucionário se vem fazendo por impulsos, às vezes entrecortados por intervalos de crises agudas, produzidos por causas diversas, parece que agora vai receber um novo impulso"<sup>11</sup>, o que significa que "os individualistas anarquistas, que, sob o ponto de vista da tática, são partidários da iniciativa individual e da livre cooperação, opondo-se à toda organização social obrigatória, apesar de

---

11 - "O movimento anarquista no Brasil", in Kultur - Revista Internacional de Filosofia, Sociologia, Literatura, etc., no. 1 de março de 1904.

estarem em desacordo com o comunismo, jamais deixaram de fazer, sem quebra de princípios, mesmo porque não há motivos para hostilidades mútuas, causa comum com os adeptos de Kropotkine (anarco-comunismo), nesta luta travada contra o Estado, objeto de nossos ódios, o qual deve ser eliminado como inútil e pernicioso"<sup>12</sup>.

A aliança entre as várias correntes anarquistas no Brasil, permite a eleição, no interior do anarquismo, do trabalhador como centro de lutas, mesmo porque, numa análise sobre o anarquismo no Brasil publicada na revista Kultur, claramente anarco-individualista, o anarco-comunismo condena "toda a tática parlamentar, defendem a greve geral, apoiam o sindicalismo"<sup>13</sup>, o que aponta para o deslizamento do tema da revolução e da pergunta de como ser revolucionário para outro campo de visibilidade, ou seja, as palavras que tratavam dessas questões foram gravadas com sons inaudíveis, mas que não deixaram de especificá-las, só que subsumem-se marcas, apagam-se marcas, a univocidade dos enunciados eleva-se. Cada vez mais o trabalhador é o elemento revolucionário por excelência.

Por outro lado, isso não deixa de ser percebido, a distância deve ser demarcada, pois "o missionismo, aniquilador de todas as energias e de todas as forças combativas, que corrompeu o instinto de rebeldia, o sectarismo cego, brutal, estreito e rotinário dos apóstolos da 'sociedade futura', os quais pregam a

---

12 - Idem, ibid (grifo meu).

13 - Idem, ibid (grifo meu).

perigosa quimera do monismo final e a utopia da igualdade absoluta (...), o pietismo, o gosto do absoluto, o solidarismo autoritário (...), todas essas plantas venenosas que, como as serpentes de Laconte, se enroscaram no tronco da árvore da Anarquia"<sup>14</sup>. Tais vozes soam lacônicas em meio a tantos enunciados. E não significa se colocar num campo lateral ao tema do trabalhador entender que "o proletariado não tem que lançar anátemas sobre o rico. Se ele é miserável, é porque o quer, e ele é diretamente responsável da sua escravidão. Se existem ricos a culpa é simplesmente dos pobres e é covardia de sua parte consentirem que em torno de si outros possuam e gozem, eles nada têm. É inútil sonhar em transformações sociais enquanto os indivíduos tiverem essa consciência"<sup>15</sup>? Ora, nada de vítimas indefesas de capitalistas algozes, nada de infelizes inconscientes; a emancipação dos trabalhadores é obra deles próprios, e não a missão de alguns iluminados que devem saber a razão de todas as coisas.

Dessa forma, podemos observar que a posição do anarco-individualismo, na revista *Kultur* (no 5 de outubro de 1904), não passa pelo tema do trabalho, sendo que a luta é pela emancipação da humanidade, pois "a questão social não é uma questão operária, mas um problema profundamente humano. A questão não consiste (como querem os socialistas) em aumentar o salário dos trabalhadores e diminuir as horas de trabalho, regular as relações entre o patrão e o operário, instaurar um acordo entre

---

14 - "O movimento..." in *Kultur*, no 5 de 05/10/1904.

15 - Idem, *ibid*, loc. cit.



o capital e o trabalho e outras coisas que jamais constituirão a verdadeira solução do problema, senão em libertar o homem da escravidão secular que o avulta e o aniquila (...). O melhoramento das classes proletárias vem a ser um meio, e não um fim, para conquistar-se a felicidade universal que só virá com a destruição desse antagonismo podre em que repousa a iníqua organização social presente. A emancipação dos trabalhadores desaparece para converter-se num ideal social que abrange todos os homens"<sup>16</sup>. Essa posição demarcada deixa clara a opção do anarco-individualismo em relação às outras correntes anarquistas.

A escolha do tema do trabalho é entendida como ideal salvacionista, missionismo, "e a idéia se nos apresenta como um novo I.N.R.I. sangrento (...) que o proletariado moderno (...) agonizará entre vendo o paraíso prometido"<sup>17</sup>. Mas, como escapar do tema tendo em vista a sua organização na sociedade? Como dizer aos trabalhadores que não ouçam essa "moral tímida que (lhes) prega: sede moderados, calmos, dóceis, que tereis a Opinião Pública em vosso favor"<sup>18</sup>? Como evitar a organização do tema?

## 2. A fala dos outros sobre os trabalhadores.

---

16 - "O verdadeiro problema", idem, ibid, no 3 de junho de 1904.

17 - "Crônica subversiva", idem, ibid, no 5 de outubro de 1904.

18 - Idem, ibid, loc. cit.

Os discursos de médicos-higienistas, arquitetos, patrões, reformadores sociais que se abatem sobre o operário, procuram estabelecer normas para a sua localização no espaço social. Para tanto, num primeiro momento, devem se entender como sofredores das condições aviltantes em que se encontram, esperando pelo esclarecimento devido, já que sua ação deve perder qualquer caráter moral, ou pelo menos, qualquer disposição interior<sup>19</sup>, e mesmo na ocasião de uma greve (a de 1903 no Rio de Janeiro, por exemplo) serve para demonstrar que a luta que se trava "é a da fome; a luta é pelo pão (...). É uma revolta, revolta justa, desde que não ultrapasse o limite determinado pelo próprio direito em que se arrima - o direito de greve, que cessa onde começa a liberdade do trabalho"<sup>20</sup>. É elucidativo observar que essa fala produzida num jornal considerado da grande imprensa, em 1903, tenha levado em consideração as condições em que vive o operariado; mas que não ultrapassem os limites impostos. Silencia-se sobre possíveis doutrinas ou ideologias; a fome é a causadora das agitações. "Coitados. São assim porque passam fome". Não há disposições interiores, e sim atos reflexos de estímulos externos. Seria o caso da "transformação progressiva do proletário em proprietário (poder comprar a sua própria casa), trazendo vantagens de valor incontestável"<sup>21</sup>. Tal assertiva é pu-

---

19 - Remeto para o segundo capítulo do presente trabalho.

20 - Correio da Manhã, de 20/08/1903, "A situação".

21 - O Correio da Manhã, de 13 de abril de 1906, "Os Operários" (grifo meu).

blicada no Correio da Manhã em abril de 1906, dias antes do Congresso Operário Regional (que teve larga difusão nesse jornal, considerando-se um "defensor" da causa operária)

Em três anos, O Correio da Manhã, por exemplo, tinha encontrado uma solução para o depauperamento do proletariado, e de sua situação aflitiva, pois, afinal, "a propriedade da casa dá mais consistência ao espírito da família; o instinto da propriedade, desenvolvendo-se, produz hábitos de ordem, de regularidade e de trabalho; o dinheiro, depositado em caixas econômicas, produz um interesse pequeno e longínquo; não é para o operário senão uma abstração (sic), enquanto que o dinheiro economizado para pagar a casa e o terreno tem alguma coisa de presente e de concreto, que age diretamente sobre o coração do operário e suas resoluções; na crise produzida pela introdução do vapor e progresso da indústria, nada mais indispensável, para prevenir a luta entre a propriedade e o salário, que confundir os dois interesses, tornando a propriedade diretamente acessível aos menores salários"<sup>22</sup>. Então, reafirmando, não há nenhuma moralidade no gesto, no ato, na agitação operária. É uma mecânica. Funcionamento automático entre o exterior e a consciência do trabalhador: causa-efeito. O operário terá sua cota de conforto, terá sua cota de propriedade confundida com a dos possuidores de capital. Nenhuma doutrina, nenhuma ideologia, somente a simbiose entre a causa e o efeito. Cessada uma, cessa a outra.

Isso não isenta os trabalhadores de receberem exortações sobre direito e ordem, e "queremos fazer compreender

---

22 - Idem, ibid, loc. cit (grifos meus).

aos trabalhadores que a sua vida na atual sociedade é indigna e degradante e que as coisas não podem, não devem continuar assim. Não é possível, senhores capitalistas e doutores, que os operários continuem submetidos às vossas conveniências e aos vossos caprichos (...). Mas é forçoso declarar que os movimentos efetuados pelo proletariado do Rio e de Santos (greves de 1903) foram feitos sem preparação nem coordenação alguma, devendo-se a isso o seu fracasso"<sup>23</sup>. Os discursos confundem-se. As duas linhas que atravessam o corpo dos indivíduos encontram-se em confluência: corpo sem vontades e prestes a reagir a sinais exteriores. Sintomaticamente falas produzidas em locais diferentes colocam-se em vizinhanças extremamente próximas<sup>24</sup>, e é sabido "que a indústria é excessivamente protegida (...); e a prova está na circunstância de serem os industriais os únicos que não têm sofrido com a crise econômica que assola o país (...), podem diminuir o lucro e deixar de estiolar o pobre"<sup>25</sup>. Quem fala de quem? E "nem um conforto tem o proletário nesta opulenta e formosa capital (São Paulo)"<sup>26</sup>. Essas duas falas não têm o mesmo teor? Mas são diferentes, mas são iguais: os operários,

---

23 - O chapeleiro, 29/07/1905, "Lutas operárias" (grifo meu).

24 - Foucault, M. A arqueologia... pg. 100 e sgs.

25 - Correio da Manhã, 20/08/1903, "A política: a indústria nacional".

26 - Bandeira Jr., Antonio F. "A indústria no Estado de São Paulo em 1901" in Pinheiro, Paulo S. e Hall, Michael. A classe operária no Brasil, vol II. SP, Brasiliense, 1981.

"coitadinhos", são explorados, e alguém deve fazer alguma coisa para tirá-los dessa situação.

Das imagens de operosidade, higiene, civilização, projetadas sobre os imigrantes pouco resta. Ao invés de trabalhadores cultos, disciplinados, encontra-se uma massa hostil à disciplina, às normas. Então é necessário forjar-lhes o caráter, macerar as suas vontades, educar os seus sentidos. Discursos normalizadores partem de várias direções, se confirmam, se cruzam, e das imagens produzidas descobriu-se que o operário não possui aquelas "boas" vontades, e a comunicação só é possível pelo uso de uma "linguagem rude, própria de inteligência não cultivada e falta de conhecimento literários, mas sincera e leal sem que nos guie nenhum fim particular senão o de inculcar nas massas proletárias o espírito de revolta contra a infame tirania que nos escraviza"<sup>27</sup>.

Podemos encontrar nessas palavras de exortação as formas pelas quais se organizam relações de poder. Não digo que esses discursos, diferenciados pelos agentes emissores, sejam iguais nas intenções de conteúdo - não discuto essa questão -, mas, o fato é que em termos qualitativos produzem efeitos semelhantes, ou pelo menos, fazem do seu objeto formas quase vazias prontas a receberem palavras iluminadoras que guiarão o proletariado à salvação (seja ela qual for), e estas são de moralidade operosa.

---

<sup>27</sup> - O chapeleiro, op. cit (grifo meu). A direção do jornal é de clara tendência anarco-sindicalista.

Essa profusão de enunciados tenta levar o seu objeto para uma região onde ele próprio se desconheça, ou melhor, que só se identifique nas falas produzidas a seu respeito. " É um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro, de uma obra, varia - ou melhor, é variável o bastante para poder continuar, idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma"<sup>28</sup>. No limite de uma a outra se aporta. Não é apenas o militante revolucionário nem o obreiro cômico dos seus deveres e direitos, e sim **COMO SER TRABALHADOR.**

Nesse sentido, os discursos moralizadores procuram estabelecer no corpo e na consciência de quem trabalha as regras da boa conduta: o bom revolucionário ou o bom trabalhador. E vemos surgir a disciplina nas fábricas como prática de alguns desses discursos. Mas, é preciso transformar a fábrica, tirá-la da região sombria em que se encontra para iluminá-la com os avanços tecnológicos e sociais, pois é sabido que, além de tudo "a indústria nacional de tecidos não está ainda satisfeita com os gordos e abundantes lucros que auferem de 50% a 70% (...). O Centro Industrial de Tecidos de Algodão propôs à comissão revisora de tarifas que funciona no Centro Comercial, aumento de taxas para o fio importado e vários outros artigos, e prepara-se

---

28 - Foucault, M. Op. cit, pg. 109.

para representar ao Congresso Nacional em favor do aumento"<sup>29</sup>. Sabe-se quem é o inimigo comum: o industrial ganancioso que não mede esforços para atingir lucros altíssimos.

Por outro lado, surgem esforços de tornar a fábrica num local trabalho asseado, demonstrador de toda a força do industrialismo moderno, e um bom exemplo disso é "a transformação do cruzador 'Benjamin Constant' nas oficinas da ilha do Viana (...). É notável a organização que ali tem o trabalho. Nas oficinas e usinas multiplicam-se admiráveis exemplares dos mais aperfeiçoados aparelhos e instrumentos, não só propriamente para os mistérios da empresa, mas ainda para a higiene e provisão do estabelecimento (...). Por toda, vida, movimento, alegre disciplina e faina produtores. É um conjunto em que se estampa incansável vontade viril, e um sistema fortemente concebido com rara confiança nos destinos da nossa terra"<sup>30</sup>. É necessário que as indústrias descubram essa vocação, ou inventem-na. Será salutar que as empresas adotem medidas para transformar as oficinas em locais de operosa alegria, pois assim a sociedade o exige, ou pelo menos é o ponto de vista do redator do Correio da Manhã, em agosto de 1903<sup>31</sup>.

---

29 - Correio da Manhã, 03/08/1903, "A política: mais proteção".

30 - Idem, ibid, 19/08/1903, "A política: a indústria nacional".

31 - As questões relativas ao mundo fabril, sua higienização, o maquinário de conforto nele instalado, visando quebrar as contestações da militância anarquista, serão tratadas no próximo capítulo.

É visível o estado deplorável dos trabalhadores no interior da fábrica: máquinas prontas a dilacerar os incautos; póis prejudiciais no ar; baixos salários; emprego de mulheres e crianças em atividades perigosas; etc. Nessas condições é preciso lutar contra esse tipo de indústria para criar outra: higienizada, limpa dos elementos impuros e estranhos ao serviço, quer dizer, tornar a fábrica um local adequado para se produzir a disciplina no trabalho, num espaço propício para as classificações e torções progressivas.

Aqui inicia-se outra relação de vizinhança de enunciados. Se o operário deve ser talhado para aceitar as normas, um dos locais privilegiados para efetivá-las é a fábrica. Mas que fábrica? Limpa, higienizada, e, por exemplo, "a reação libertária não era antiindustrialista, e sim anticapitalista, e implicava uma preocupação tanto humana como estética. Na sociedade moderna se via o trabalhador convertido em robô e executando labores estandardizados e repetitivos. Anteriormente o artesão, ainda depois de trabalhar na fase mecânica da sua obra, tinha tempo para desenvolver sua imaginação e poder criador. Os avanços técnicos serviam então para lhe deixar mais tempo livre, justamente para avançar essa fantasia"<sup>32</sup>, ou nas palavras de Eladio Cezar Antunhes na Aurora Social, de janeiro de 1911:

"Atravessamos uma época bem dolorosa para para o operariado, a mecânica, prodigiosamente, avança em todos ramos da indústria, suprimindo com seus motores centenas, milhares e milhões de

---

32 - Litvak, Lilly. Op. cit, pgs. 314 e 315.



operários.

(...) temos em mira, sacudir o torpor que impede a análise ao operário, demonstrando-lhe clara e positivamente que seu mal estar não é obra do progresso, não, mas sim da minoria astuta, que se apodera, de todas as novas invenções em seu proveito exclusivo, quando eles deveriam pertencer à coletividade inteira, para maior perfeição dar ao trabalho, tornando-o útil e agradável"<sup>33</sup>.

A aceitação da fábrica por parte da militância anarquista é ponto pacífico. É evidente que a luta se travava pelo domínio da produção, mas também está claro que o local de luta é a fábrica, pois "a aceitação do mundo industrial e sua elevação a nível de mito, encarnava um ato de esperança e de fé. O antagonismo entre homem e máquina produzido pela sociedade capitalista, sucedia uma idéia de complementação na visão de um futuro com objetivos próprios. A humanidade explorada pelas máquinas era recolocada por um sonho ambicioso, uma visão de compatibilidade"<sup>34</sup>. Neste universo, a fábrica tem um caráter maniqueísta. Visão dualista transportada das questões sociais. Aplicada esta fórmula no universo fabril, e estando ele controlado pelos exploradores, a fábrica só pode refletir a dominação e se constituir num lugar cheio de metáforas satânicas.

---

33 - Aurora Social, no Especial, 1911, "Belezas do século vinte", por Eladio Cezar Antunhes.

34 - Litvak, Lilly. Op. cit., pg. 322.

Lugar de perdição, aprisionamento. As imagens levam a uma leitura da realidade do momento e a do possível, ou realizável.

O desejo de futuro da militância anarquista em relação à esfera da produção, não desatina com os discursos a respeito da fábrica higienizada levada a cabo pela própria sociedade no estágio em que se encontra no momento, isto é, não são necessárias transformações profundas na organização social, somente a mudança de alguns espíritos (como os industriais), através de exortações morais, pode trazer tão almejado futuro. Assim, o discurso ácrata se aloja numa perigosa relação de vizinhança com outros discursos. E a suas proximidades são perigosas. Qual a distância entre uma fábrica limpa capitalista, e uma fábrica limpa socialista?

Nesse sentido, "a valorização do modelo da 'fábrica higiênica' marca o despontar da mudança para um novo regime disciplinar, que pretende tornar o espaço da produção tranquilo, agradável, limpo e atraente para o trabalhador e tratá-lo como um 'cidadão consciente e inteligente'"<sup>35</sup>. Mais ainda, é o espaço definido para se produzir "bons" trabalhadores, elementos prontos a produzirem a sua Verdade tal como o bom preso, o bom doente, o bom louco, etc. Para tanto, bons presídios, bons hospitais, bons hospícios, e assim por diante. Classificação, adequação, normatização. Como seria o caso se existissem tribunais ou juntas de conciliação, e que "não em todos os casos, mas em muitos com certeza, a ação desses conselhos tão singelos no seu mecanismo, tão simpáticos nos seus intuitos, tão nobres nos seus fins, terá

---

35 - Rago, L. M. Op. cit, pg. 37.

grande influência na educação moral do proletariado"<sup>36</sup>. Tarefa que se levada adiante produzirá emoções que chegarão às lágrimas. E "outras virtudes recomendam a decisão arbitral (...). Previne até certo ponto os conflitos as dissensões, atenua de algum modo o rigor da sujeição imposta ao trabalhador; alenta-o nas suas queixas; e estreita os vínculos de solidariedade de ambos os lados"<sup>37</sup>, e traz de fora as normas e as soluções para os problemas dos operários.

Assim, "a transformação interna e externa da fábrica visava a transformação da *subjetividade do trabalhador*, do mesmo modo que uma casa limpa e confortável, mesmo que pequena, deveria despertar o desejo de intimidade no operário, reconfortando pelo aconchego do lar"<sup>38</sup>, o que traria a certeza ao trabalhador de que ele não estaria desamparado, e que deveria se despreocupar já que os outros fariam tudo por ele. E, com efeito, por exemplo, "é em suma, no círculo da atividade jurídica, a realização parcial de aplêndido objetivo da concórdia, e só no dia em que as leis realmente visarem a harmonia das relações individuais, estarão afinal

---

36 - O Estado de São Paulo, 02/06/1907, "Patrões e operários".

37 - Idem, *ibid.*

38 - Rago, L. M. *Op. cit.*, pg. 39. No próximo item discutirei a formação de um "ecossistema" em torno do trabalhador, integrando-o a um meio ambiente planejado que poderia da conta da formação do seu caráter e da sua subjetividade. Este ecossistema deverá aparecer, no mínimo, como intencional: intenção de funcionamento.

garantidos os sagrados direitos do trabalho"<sup>39</sup>. Portanto, o mundo legal deve aplacar o coração "piedoso" que no caso de acidentes de trabalho vê o desamparo do operário, e "revolta a crueldade de semelhante desamparo. Até no momento em que a enfermidade inutiliza para as labutações da oficina, dura o sacrifício do operário, - esquecido e abandonado". Para solucionar este problema, "a forma geralmente recomendada e a que melhor resultados tem trazido é a do seguro obrigatório"<sup>40</sup>. Exime-se o industrial do ônus do acidente do trabalho, reintegra o operário na ordem fabril e elimina-se a crueldade do sistema, fazendo com que consciências reticentes aceitem as normas inoculadas como agentes externos ao próprio sujeito.

Adiar a solução desse problema é permitir que grasse solta a doença revolucionária, portanto "nenhum país pode abandonar o problema do trabalho, que exige uma legislação apropriada. Adiar a sua solução é criar dificuldade para o futuro, na ilusão de contornar os obstáculos do presente", e "é justamente nos países novos como o nosso que essa questão pode ser resolvida de acordo com a justiça, porque aqui a luta entre o capital e o trabalho não atingiu a intensidade que revela no velho mundo, nem há a empecer a marcha da verdade o da equidade, o amontoado de preconceitos seculares"<sup>41</sup>. Estas soluções visam transformar exter-

---

39 - O Estado..., loc. cit.

40 - Idem, 09/06/1907, "A velhice, a doença e a invalidez dos operários".

41 - O Estado..., 10/06/1907, "As paredes operárias".

namente as fábricas, tornando-as locais de pacificação social.

As projeções feitas sobre o operário, sobre a fábrica, tentam lidar com adequações - dos objetos das falas aos locais onde devem estar, para serem "bons" objetos -, procurando tornar as falas produzidas em estatutos, e, melhor ainda, selecionando algumas falas mais producentes, o que, de certa maneira, o anarquismo não é. As imagens a respeito do trabalhador, da fábrica vão se constituindo num campo de lutas. Os locais de enunciação podem não ser equivalentes, mas há uma qualidade inerente a esses, permitindo aproximações, e que não são da ordem das palavras propriamente ditas, e sim no que está gravado nelas sem ser visível: agenciamentos. Isso é indelével.

## **2.1 Um mundo biológico: a formação de um ecossistema para trabalhadores urbanos.**

Os discursos feitos sobre o operário, sobre o corpo e a consciência de quem trabalha, são de duas ordens. A primeira é a da quantidade de falas. Numa sociedade que se gesta a industrialização como parâmetro de sua própria organização, aqueles que trabalham devem estar prontos para executar os gestos necessários à sua adequação nesta mesma sociedade, isto é, devem gestualizar no sentido de demonstrarem o funcionamento das normas, de confessarem suas disposições interiores (primeiro, por exemplo, junto com as teorias dos miasmas, vontades inerentes ao seu próprio corpo, depois, com a microbiologia, a potenciali-

zação dos registros externos a si), enfim, serem "corpos dóceis"<sup>42</sup>.

A segunda ordem é da qualidade dos discursos. Tendo vários locais de enunciação, as falas sobre os trabalhadores vão tratando-os como, inicialmente, corpos possuidores de vontades - marcas interiores para a execução do gesto exterior -, para em seguida, tratá-los como desprovidos dessa vontade, devendo se adequar à disposições externas e vigiando-se internamente. As falas aparentemente contraditórias (o discurso anarquista sobre o militante e o do médico-higienista sobre a doença no corpo do operário, por exemplo), ganham num sentido complementaridade, as vezes se confirmando, às vezes se negando, mas sendo suficiente para entender o trabalhador já vazio de vontades.

Então, o corpo com vontades (exemplifiquei anteriormente com as falas médicas) a serem maceradas, a serem potencializadas, perde terreno, no início deste século, para a nova idéia de corpo (e obviamente de sujeito): aquele pronto a suportar as normas externas, pronto a receber as "vacinas" da moralidade, da ordem e do trabalho, ou ainda, se contaminar com os germes da revolta. Portanto, é essa a qualidade dos discursos. Quantitativamente, saem de locais diferenciados de enunciação, mas que deslizam rumo a uma qualidade muito próxima, ou vizinha. E, apesar da proximidade, essas práticas-discursivas não deixam de constituir um campo de lutas. Não deixam de fazer oposições e resistir. Não deixam de ver que a fábrica e o trabalhador são

---

42 - Essa expressão retiro do livro de Michel Foucault, Vigiar e Punir, terceira parte. Op. cit.

espaços onde travaram as suas batalhas; espaço onde o próprio trabalhador travará as suas lutas. "Em suma, a resistência à autoridade não se restringe aos largos gestos de força reivindicatória. Há uma vasta resistência ativa e passiva que escapa a toda sanção. Há atos de resistência positivos inapreensíveis, realizações de cada dia, afirmações de vontade, expansões, satisfações de necessidades, esforços pertinazes e silenciosos para viver o mais intensamente possível (...). Nós clamamos sempre: agir! agir! Mas a ação não se confina em limites estreitos, e tem, apesar de tudo, um campo bastante vasto, onde a anarquia se expande"<sup>43</sup>. Logo, mesmo nas deslocções discursivas do anarquismo, há bastante espaço para a afirmação da diferença, num momento em que se procura cercar e cercear o operário, constituindo-se "campos acontecimentais" para tal.

Assim, partindo dos espaços onde se travarão os embates, haverá uma clara intenção em formular um "ecossistema", um ambiente que englobe todos os aspectos da vida social do operário. Isto, por exemplo, é claro nas vilas operárias construídas pelas próprias empresas, verdadeiras cidades disciplinares<sup>44</sup>: do armazém ao teatro. No caso da Votorantim, em Sorocaba, é bem evidente, onde "a fiscalização vai até às visitas recebidas pelos

---

43 - A Terra Livre, 15/08/1906, "Os nossos meios de ação".

44 - Vide por exemplo a Vila Maria Zélia, de propriedade de Jorge Street, in Jornal do Comercio, 10/07/1917, "Código do trabalho".

operários"<sup>45</sup>. Além disso, "os operários tem que sofrer a fiscalização nos mais íntimos pormenores da sua vida privada se, por exemplo, um operário quer unir-se livremente com uma companheira, por espontâneo e mútuo consenso, o moralista tsar (o gerente da fábrica da Votorantim) apresenta aos dois este dilema: ou casarem-se civil e canonicamente ou rua!"<sup>46</sup>. Evita-se o contato com agentes estranhos e alheios à ordem disciplinar da vila. Somente os germes da moralidade devem ser "inoculados" nos corpos despossuídos de vontade.

Podemos entender tal postura através de um ensaio publicado no Estado de São Paulo (junho de 1907) sobre filosofia médica, pelo Dr. Luiz Pereira Barreto, no qual era "fora de dúvida que na concepção de Bichat (em 1803), o meio ambiente se apresentava como um complexo de agências fundamentalmente hostis ao organismo vivo. Não se suspeitava, então, a estreita correlação existente entre a vida e o meio; não se impunha à observação a interdependência entre o ser vivo e o conjunto de condições do mundo externo; o ambiente era tido como ostensivamente inimigo da vida"<sup>47</sup>. Aqui, vemos a constituição da importância do meio ambiente para a ação dos seres vivos.

No nosso caso, é fundamental estudar o ambiente do tra-

---

45 - A Terra Livre, 16/05/1906, "Os presídios industriais: o castelo do Votorantim", por Antonio Escano.

46 - Idem, *ibid*, loc. cit.

47 - O Estado de São Paulo, 06/07/1907, "Ensaio de filosofia médica", pelo Dr. Luiz Pereira Barreto (grifos meus).



balhador e, óbvio, corrigi-lo para que ele possa aflorar e produzir. É claro que já se incorporaram idéias evolucionistas, sendo que "a teoria da luta pela existência, do 'Struggle for life', constitue inquestionavelmente um dos mais belos e fecundos capítulos da doutrina da evolução"<sup>48</sup>, e "a batalha da vida não se concebe sem a inevitável concomitância de feridas e cicatrizes; 'the wear and tear' dos ingleses é a condição da própria existência"<sup>49</sup>. Isso pode implicar numa ação preventiva e corretora ampla para as más disposições, já que "a vitória sempre cabe aos mais fortes. E, por infelicidade, os mais fortes nem sempre são os mais úteis, nem os mais nobres na escala das funções"<sup>50</sup>.

Por extensão (e também por vizinhança), o meio em que o operário vive deve sofrer as correções para que não vingam os elementos inúteis e plebeus. É um mundo biologizado de acordo com o sujeito pensado nas práticas-discursivas: sem vontades. O que, retornando, estabelece "de fora" para quem trabalha as normas que devem ser introjetadas. E não seria germicida a ação da assistência policial ao retirar das ruas os mendigos? Pois, "os mendigos encontrados nas ruas da cidade (São Paulo) deverão ser apresentados com uma guia pelo delegado da circunscrição ou por um delegado auxiliar, ao gabinete médico legal, para os exames do médico de serviço. Se, após esse exame, forem reconhecidos inábeis para trabalhar, por defeito físico ou moléstia crônica, do

---

48 - Idem, *ibid*, loc. cit.

49 - Idem, *ibid*, loc. cit.

50 - Idem, *ibid*, loc. cit (grifos meus).

que será lavrado o respectivo atestado, os mendigos serão internados no asilo de inválidos de Guapira"<sup>51</sup>. A ação profilática visa limpar o espaço urbano dos elementos que o contaminam, ou que lembram aos seus habitantes que o universo do trabalho também é decomposto e produz os seus "indesejáveis". E na luta pela vida, os elementos inúteis não podem vencer.

É também o que os gráficos sentiram quando no dia 31 de maio de 1906 a "União dos Trabalhadores Gráficos se achava em assembléia geral, em sua sede, à travessa da Sé no 2, teve seu edifício invadido pela polícia. E nessa ocasião o 1º delegado auxiliar, dr. João Batista, intimou o Conselho da União, por ordem do chefe de polícia, para dissolver a reunião e não mais se reunir naquele lugar enquanto durasse a greve da Paulista (dos ferroviários)"<sup>52</sup>. De mendigos à operários inadequados, o delegado auxiliar, neste caso, deve executar a sua tarefa: profilaxia ambiental.

Às vezes esse cerco deve começar na infância, e "é nos brinquedos que a criança encontra os maiores atrativos; ao lado da inocente distração que proporcionam aos vossos filhos, servem eles muitas vezes de veículo para muitas moléstias, produzindo não raramente graves intoxicações"<sup>53</sup>. Bom, até aí tudo bem, mas, o

---

51 - "A beneficiência em São Paulo" in Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, no 3 do 2º trimestre de 1912.

52 - A Luta Proletária, 01/07/1906, "À classe gráfica e ao público".

53 - O Correio da Manhã, 30/04/1906, "A higiene nos jogos infan-

fundamental é que seja "necessário pois que estejas sempre vigi-  
lantes, afim de que não sejam eles (as crianças) quando brincan-  
do, acometidos de moléstias e envenenamentos"<sup>54</sup>.

O problema não é a doença em si, já que ela é um agente permanente na sociedade, e sim as formas de normatização, de vi-  
gilância. Logo, é preciso introjetar a profilaxia, cercar o indi-  
víduo de um ambiente favorável, pois, no mesmo Correio da Manhã  
de abril de 1906, ao tratar do problema da tuberculose na in-  
fância, o dr. Eduardo Meirelles diz "que as casas em que habi-  
tais devem ser o mais assejadas possível, lavadas muito amudadas  
vezes; os móveis e objetos diversos não espanados, mas sim limpos  
com um pano ligeiramente úmido" e "no asseio diário do assoalho e  
dos tapetes podeis também fazer uso de um pano úmido, porque a  
vassoura e o espanador espalham no ar as poeiras perigosas (...)  
enfim, o ar e a luz são as condições primordiais para a boa  
saúde, com relação à tísica mais que para outra qualquer  
moléstia"<sup>55</sup>.

Num mundo cercado de micróbios nocivos, de elementos  
prontos a arrebatam os mais "úteis" da vida, se faz necessário um  
ambiente propício. Um verdadeiro jardim do Éden, onde a "ino-  
cência" teria espaço para se manifestar, pois "a higiene pede que  
cada casa seja cercada de um jardim; mas em muitas cidades isso é

---

tis", pelo dr. Nascimento Gurgel.

54 - Idem, *ibid*, loc. cit (grifos meus).

55 - O Correio da Manhã, 12/04/1906, "A tuberculose infantil",  
pelo dr. Eduardo Meirelles.

praticamente impossível, e, desde então, deve-se favorecer a criação de jardins populares e jardins operários urbanos e suburbanos", pois, "o jardim operário oferece ao pai de família uma ocupação sadia e o afasta do botequim; por isso, merece figurar em primeira linha entre os meios de luta contra o alcoolismo"<sup>56</sup>.

Nessas conclusões, do dr. Leon Schaepelynck, de Lille, transcritas pelo articulista do jornal Correio da Manhã de abril de 1906 (em parte tratadas no ítem anterior do presente capítulo), nos dá a dimensão do que seria o ecossistema para trabalhadores, pois nesses jardins é possível "ao trabalhador e à sua família fugir do cortiço imundo, superpovoado, sem ar e sem luz, para viver ao menos por algumas horas do dia ao ar livre", e "é o meio por excelência para combater a decadência orgânica, de reforçar a resistência individual, e, por esta modificação diminuir o número de candidatos à tuberculose"<sup>57</sup>. E o articulista do jornal já teve a oportunidade "de observar a vida tranquila e feliz de um modesto operário, proprietário da casa em que se alberga com a família. É uma habitação com todos os cômodos indispensáveis, cercada toda de janelas, com o terreno preciso para plantações e cria"<sup>58</sup>.

Desse modo, vai se constituindo um mundo propício à

---

56 - O Correio da Manhã, 13/04/1906, "Os operários" (grifos meus).

57 - Idem, *ibid*, loc. cit (grifos meus).

58 - Idem, *ibid*, loc. cit.

forma de vida operária, sem os germes nocivos que estiolam o organismo do trabalhador, sem os germes da revolta que assolam a sua consciência, inoculando a doença da subversão e da desordem. Práticas-discursivas que atentam para um corpo que não produz as suas vontades, para um indivíduo que deve ser forjado nas luminosidades da moral (volto a afirmar que essa moralidade não tem nenhum caráter de bem ou mal, pois pertence ao reino da necessidade, da "struggle of life"; jardins que permitem o florescimento de corpos disciplinados).

Nos vários discursos, a vizinhança que se estabelece é a do sujeito "vazio", sem vontades. Assim, os rastros das lutas em torno desse sujeito indicam a possibilidade de construí-lo de várias maneiras, embora qualitativamente o tratem como desprovido de intenções.

No caso do anarquismo, muitas vezes ele aparece como um discurso "ambíguo", isto é, de um lado espera-se que esse indivíduo execute a sua tarefa: a libertação do homem e, de outro, assuma as assertivas a respeito de si próprio: como ser revolucionário, como ser o sujeito dessa ação, e de que modo se contamine com os germes da revolta. Dessa maneira, pode-se sentir que "da nossa parte, fazendo propaganda, iluminando consciências, difundindo a necessidade sentida, a vontade de melhorar, de mudar auxiliando até a evolução pacífica e contribuimos para tornar mais rápidos, menos dolorosos e menos frequentes os conflitos entre uma sociedade nova que quer abrir passagem e uma sociedade combalida que teima em ficar (...). Nós sabemos que o direito reivindicado não é duradouro e firme por causa do golpe de força destruidor da violência que o impedia, mas sim por causa

da consciência nítida que tivermos desse direito e por causa da vontade decidida que tivermos de o gozar; e por isso esforçamo-nos principalmente por incurtir essa consciência essa vontade"<sup>59</sup>.

Vemos correlatamente discursos ácratas e discursos de médicos, de higienistas, de reformadores sociais, tratando de forjar vontades, de forjar indivíduos. Enfim, corpo pronto a potencializar vontades externas.

### 3. Patologia e diagnóstico: mais alguns deslizamentos do discurso anarquista.

As ambiguidades das falas da militância anarquista sobre o trabalhador e fábrica partem de diagnósticos feitos com base nos "fracassos" que a própria militância vê em muitos movimentos grevistas, ou até mesmo, na falta destes. E "ultimamente, as greves têm demonstrado, evidentemente, que a orientação da classe trabalhadora tem feito progressos, principalmente no sentido da solidariedade, mas com respeito a organização e a meios de resistência, conserva-se num desleixo digno de lástima, que muito tem contribuído para o fracasso de algumas reclamações cheias de justiça, com grande gáudio da classe burguesa que nos

---

59 - A Terra Livre, 15/08/1906, "Os nossos meios de ação" (grifos meus).

espiona e observa"<sup>60</sup>. Utilizando este exemplo de análise do movimento operário feita no jornal anarco-sindicalista O Chapeleiro, de 1903, percebe-se que é uma constante este tipo de reflexão.

Assim, o retrato do operário derrotado é pedagógico: "as figuras são sempre extenuadas, magras até os ossos, vestidas de andrajos, muitas vezes descalças. São doces e enternecedoras; serem mormente patéticos e resignados, ainda não iluminados pela vontade de redenção social"<sup>61</sup>. O militante consciente, além de possuir força física é também forte intelectualmente. Quase que invariavelmente, a iconografia libertária projeta essa imagem à luz e à criação, e no "proletário militante, encontramos a um personagem de psicologia sumária, de poucos ou nenhum matiz, mas animado por uma vontade constante de justiça que inspira suas nobres ações e palavras magníficas"<sup>62</sup>.

Feito o contraponto, é imprescindível identificar a doença que assola o proletariado, "é preciso que os que sofrem cheguem ao conhecimento exato das causas da sua miséria e da sua servidão"<sup>63</sup> na sociedade capitalista. Sabendo disto, "os trabalhadores quando não estão desvairados por influências estranhas, têm reivindicações precisas"<sup>64</sup>. Para acabar com este mal, a vacina da revolta é o melhor remédio, pois, "desde há muito tempo que

---

60 - O Chapeleiro, 05/12/1903, "Uma boa arma".

61 - Litvak, Lilly. Op. cit, pg. 70.

62 - Idem, ibid, pg. 153.

63 - A Voz do Trabalhador, 15/01/1913, "Sindicalismo"

64 - Idem, ibid (grifo meu).

a consciência do antagonismo dos interesses se têm traduzido em revoltas localizadas, e na organização de sociedades, chamadas de resistência, que deram origem aos atuais sindicatos. É nestas sociedades que se torna mais firme a consciência de classe do proletariado: é nos sindicatos que se elabora a propaganda educadora que liberta os operários dos preconceitos e das superstições, e reforça o espírito da revolta (...). É sobretudo nos sindicatos que se faz a educação moral dos operários (...). Esta educação moral realiza-se pelo exemplo e pelo contágio que dele resulta".

Assim, ordenações terapêuticas são executadas, pois, "o exemplo e o impulso de revolta dados por alguns indivíduos têm repercussões imediatas e eficazes, arrastando toda a massa"<sup>65</sup>. Imagens médicas que procuram responder ao estado de apatia do operariado, sabendo que "as iniciativas bem intencionadas, caem, despedaçadas pelo sopro devastador da indiferença estóica que satura o nosso ambiente", produzindo uma verdadeira febre, ou *delirium tremis* no obreiro que "prefere o frio enervante - gosta de viver tantalizado sob o guante de ferro do capitalismo açambarcador", que poderá sofrer o castigo inexorável que, após viver "nesse engano lêdo e doce que a fortuna não deixa durar muito. O Despertar porém, para a realidade, será terrível - esmagador"<sup>66</sup>.

O uso de imagens trágicas reflete a preocupação de in-

---

65 - Idem, *ibid*, loc. cit (grifo meu).

66 - Idem, *ibid*, 01/02/1913, "Sobre o gelo".



troduzir no proletariado a necessidade da sua organização, conflitando com a "doce vida" sob o capitalismo, e, por ocasião das greves de 1917, por exemplo, deve-se estar "côncscio, embora, de que bem relativos foram os resultados materiais do seu majestoso movimentos - o proletariado sente-se satisfeito por o ter realizado (...). Resta agora que os trabalhadores não se detenham nesse primeiro impulso (...). Não nos esqueçamos de que os inimigos da classe trabalhadora apenas recuaram para se preparar mais fortemente e impor novas explorações e tiranias"<sup>67</sup>. Mas, não deixa de ser significativo que o uso recorrente dessas imagens traz nas suas entrelinhas um operário desprovido de vontades próprias, pronto a potencializar as exortações exteriores, obviamente que se ele potencializa as erradas terá que pagar com a própria vida o erro, portanto nas palavras de Malatesta, publicadas no Chapeleiro de maio de 1904:

"Por isso as sociedades de resistência ao mesmo tempo que combatem a batalha cotidiana da resistência operária, devem mirar a alguma coisa de mais alto e de mais geral: a transformação do sistema de propriedade e de produção. Devem preparar os operários para a grande luta, e habilitá-los a poder um dia desempenhar por si mesmos as funções da vida social que hoje, com grande prejuízo seu, são exercidas pelos capitalistas e pelos gover-

---

67 - A Plebe, 11/08/1917, "O melhor resultado da greve geral" (grifo meu).

nos"<sup>68</sup>.

A construção desta figura de trabalhador vem para operacionalizar novas táticas gestadas nas lutas em torno deste mesmo trabalhador. Já que esse sujeito sofre as injunções de práticas-discursivas que procuram limitá-lo a um corpo sem vontades, como é o caso da higiene que abandona a teoria dos miasmas para abraçar a microbiologia, demonstrando uma "paranóia" infinita ao perseguir os germes nocivos, ou as imagens utilizadas em jornais, por exemplo, para apresentar os operários como sofredores de ações externas, e, discutindo esse problema, O Estado de São Paulo, preocupado com as mobilizações operárias de 1907, quando explodiram várias greves, entende que estas, "muitas vezes representam movimentos de reivindicação perfeitamente justificados. Outras, porém, são simples manejos de hábeis 'méneurs' que exploram em benefício da sua posição política ou de suas finanças, a ignorância dos operários"<sup>69</sup>. Portanto, a solução para esses discursos é o "de-fora", algo que realize nos indivíduos a sua própria adequação social, tornando-os corpos produtivos, pois "nenhum país pode abandonar o problema do trabalho, que exige uma legislação apropriada"<sup>70</sup>.

Diante de tais práticas, o anarquismo procura encontrar

---

68 - O Chapeleiro, 01/05/1904, "Sociedades de resistência", por Errico Malatesta (grifo meu).

69 - O Estado de São Paulo, 10/06/1907, "As paredes operárias" (grifo meu).

70 - Idem, *ibid*, loc. cit (já citado na página 23).

o melhor meio de impor o seu projeto de sociedade, e se há correlação entre discursos, se eles se confirmam, se cruzam, é porque eles operam agenciamentos. E no nosso caso, o agenciamento específico é a moral do trabalho. Ela é que circula nas células, nos agentes etiológicos, nos escolares, nos trabalhadores e nos revolucionários. A moral do trabalho, organiza práticas-discursivas, funcionando como uma gramática intra-estabelecida nestes.

Logo, o deslizamento do discurso anarquista - da moralidade interior no anarco-individualismo para as inoculações revolucionárias que o anarco-sindicalismo se encarrega de fazer - representa mudanças táticas que operam no interior desse discurso. São mudanças que ocorreram por volta do início deste século tentando dar conta da mobilizações de forças contrárias, ou de táticas gestadas nas lutas sobre o trabalhador, nas lutas sobre quem deve moralizá-lo, ou sobre o que deve fazer tal tarefa. E "é mister que façamos uma consciente junção das forças operárias, sem o que serão muitas forças, muitas energias isoladas, digo-o francamente"<sup>71</sup>.

A contaminação do ideal revolucionário passa pela adequação do trabalhador ao "ambiente" sindical, criando condições para inocular os germes da revolta nos espíritos reticentes. Essa tática vai de encontro à outras que se gestam na sociedade (como veremos nos capítulos seguintes), onde a reordenação do mundo fabril visa, justamente, instalar uma maquinaria de conforto que busca quebrar as resistências e às más imagens construídas

---

71 - Idem, *ibid*, 15/03/1913, "Viva a força".

pelo anarquismo sobre a fábrica. As mudanças táticas na organização das indústrias e dos discursos inerentes, procuram estabelecer novas luminosidades. Das obscuridades do processo de trabalho até o fim dos anos dez, passa-se à visibilidade do "trabalho moderno"<sup>72</sup>. Com isso, o discurso anarco-sindicalista é atingido na linha d'água, pois outras falas irão ocupar o seu espaço. A relação de vizinhança que havia se estabelecido, torna-se ocupação de espaços.

Finalmente, a questão não é de tentar estudar as falhas dos discursos anarquistas e o seu conseqüente fracasso por não darem conta das organizações do mundo do trabalho. Ao contrário, o problema está nas relações de vizinhança e de poder que as várias falas criam e nelas se instalam e, ainda, nos agenciamentos, na moralidade do trabalho. Caminhar para a nuiificação do corpo é caminhar paralelamente às falas a respeito dos sujeitos sem vontades, é se colocar numa proximidade muito grande, ou melhor, é fragilizar os discursos contrários, num as-

---

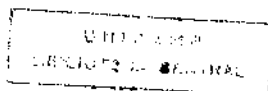
72 - Opúsculo de autoria de Roberto Simonsen que discute a racionalização do trabalho, tendo como contraponto a organização industrial reinante que ele próprio chamará de militar. Essa racionalização tem como objetivo principal transformar operários, tidos como uma massa hostil, em colaboradores dos patrões. Simonsen deseja extinguir a contestação da fábrica, que nesse momento parte de vários setores sociais. Tomo este texto como exemplar, mas como veremos, ele faz parte de um conjunto de falas que procuram reordenar as relações de trabalho. Simonsen, Roberto. O trabalho moderno. Santos, 1919.

pecto, à organização da sociedade nos moldes capitalistas. Embora essa fragilização não seja causa de uma derrota. Mesmo porque, a ainda temos de ver as táticas adotadas para o controle dos corpos e das vontades dos indivíduos no interior do processo produtivo, ou seja, como as fábricas se transformaram num espaço disciplinar e de produção de verdades.

## LUTAS NO ESPAÇO E NO TEMPO:

### 1. Algumas considerações.

O enfrentamento cotidiano é a tônica das práticas anarquistas, procurando constituir um saber próprio contra o saber dominante. Assim, taticamente a ação direta, doutrinariamente um saber desvinculado do dominante para estabelecer uma estratégia geral. Isso não quer dizer que o voluntarismo é a força dos trabalhadores, já vimos de que maneira ocorreu esse deslizamento, no capítulo anterior. O esforço empreendido para a organização e as lutas por parte dos militantes são grandes, visando "inocular" no operariado os "germes" da revolta. A interferência do elemento libertário é grande demais para se cultivar a ilusão de espontaneidade do movimento na Primeira República (mesmo no caso de uma greve não ter sido deflagrada por anarquistas, havia o esforço para torná-la politizada, o que poderia implicar numa demonstração da realidade do capitalismo, do ponto de vista dos anarquistas).



Dessa maneira, o esquadramento do espaço da produção, do espaço social, se constitui na negação do saber dominante, na negação da cultura burguesa, e em se capacitar para definir o que lhe é próprio para a organização social. Isso se dará no dia-a-dia da militância, e será construído a partir das necessidades e respostas que se apresentarem nesse cotidiano. Mas, para se verificar de que modo foram se constituindo como práticas, deve-se observar as estratégias desenvolvidas para a construção do corpo produtivo e a sua adequação à lógica da produção.

Para quebrar a resistência operária ao processo produtivo, ou melhor, às inadequações dos corpos, e à perturbação desse processo, foi necessário acionar dispositivos disciplinadores e moralizadores para enquadrá-los num saber que se dizia superior<sup>1</sup>. Também a violência policial utilizada contra os trabalhadores tinha o seu aspecto de "persuasão" e intimidação. Assim, a organização do aparato policial, no início do século, viria para dar conta das manifestações autônomas do operariado, que, em última instância, tentava eliminar da sociedade qualquer projeto alternativo de mudança, visando o estabelecimento e aprofundamento das relações industriais como fundantes do social.

Mas, o acionamento desses dispositivos nada mais foi do que respostas a um problema que estava em tônica: a luta pelo controle do processo produtivo. Então, o repensar constante de práticas de ambos os lados, é feito em função das táticas postas em funcionamento pelo lado contrário. Aqui não existe uma linha

---

1 - Vide capítulo 1.

continua a ser traçada; o desenvolvimento da indústria, ou a história do movimento operário, e sim avanços e recuos dos agentes envolvidos no processo. A questão não é fazer a gênese da classe operária no Brasil, mas de elucidar posições e modos de ação<sup>2</sup>, tanto do que vamos entender por burguesia, como da militância anarquista nos seus enfrentamentos.

## 2. Os ergástulos industriais: o ascetismo do corpo nulo.

Os anos dez assitiram um amplo crescimento industrial, no Brasil. As fábricas se aparelhavam, cresciam em tamanho e em contingente humano. O fortalecimento e a plena utilização do parque fabril são significativas, principalmente no período da Primeira Guerra Mundial<sup>3</sup>. Porém nos últimos anos da primeira década do século e início da seguinte é que, como já vimos, novas práticas discursivas se imiscuem na sociedade procurando modernizar as indústrias. Verifica-se nas indústrias têxteis, por exemplo, "o seu rápido desenvolvimento e o futuro grandioso que

---

2 - Foucault, M. "O olho do poder" in Microfísica... op. cit, pg. 226.

3 - Cano, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo. RJ, DIFEL, 1977, pg. 119. Cf. também Simão, Azis. Sindicato e estado. SP, Dominus Editora, 1966, pg. 18 e 19.



lhe está reservado"<sup>4</sup>. Aumentam suas instalações, melhoram condições de higiene e salubridade conforme o decreto 2.141 de 1911, que reza sobre condições e instalações industriais no Estado de São Paulo. Os poderosos teares Jacquard já fazem parte do passivo de várias empresas. "Os perfeitos maquinismos são dos mais recentes modelos"<sup>5</sup>. Máquinas novas, especiais para uma maior produtividade, produtividade do trabalhador. As condições do mercado interno permitem essa eufórica expansão. Prorrogam-se as jornadas de trabalho 13, 14, 15 horas. Intensificar a produção é a norma, para isso trabalhar mais.

Neste ponto surge uma questão: quais são as implicações políticas e sociais que traz todo esse processo de crescimento e modernização industrial? Uma delas seria a necessidade de se ter bons trabalhadores (no sentido produtivo), controlados e disciplinados pela dinâmica da produção. Agora, mais do que nunca, é preciso forjar o trabalhador, e que nenhum elemento externo à essa dinâmica a perturbe, por isso máquinas que garantem a intensificação do trabalho. Seguras, mais rápidas para aumentar a eficiência.

Portanto, é necessário assegurar uma dada ordem e o seu funcionamento, é necessário criar e manter formas de coerção sobre o trabalhador, pois, a premência da produção para um

---

4 - "Condições de trabalho na indústria têxtil no Estado de São Paulo" in Boletim do Departamento Estadual do Trabalho. SP, DET, 1912, pg. 35 e sgs.

5 - Idem, *ibid.*

mercado em grande demanda, não pode esperar que esta seja feita de acordo com os interesses dos operários. Educar seus corpos, refazer seus saberes, "civilizá-los" enfim, para que não contestem a fábrica e o modo pelo qual ela é introduzida na sociedade.

Instala-se toda uma hierarquia do olhar. Mestres, contra-mestres, se revezam para que não se cometa nenhum erro, para que não se desvie a atenção do trabalho, e se isso acontecer, que estejam prontos para punir os irresponsáveis, pois o "operário é considerado um bruto", como, por exemplo, na fábrica de chapéus Abílio Soares & Cia: "os proprietários mandaram uma carta aos muito humildes lambe-cus, contra-mestres da fule e propriagem, recomendando-lhes severidade com os operários e a imposição do silêncio, sob pena de forte multa pela primeira vez e de despedida depois"<sup>6</sup>.

É preciso vigiar esses indivíduos que não se adaptam ao trabalho produtivo. Então, as odiosas figuras do mestre e contra-mestre assumem esse papel. Qualquer erro, qualquer inobservância das normas é motivo de punições, geralmente as multas. Procura-se incutir no operário a disciplina ascética, e "de fato, se um operário por acaso mancha a peça que está tecendo, vê-se obrigado a comprá-la pelo preço que o gerente fixar"<sup>7</sup>. Da mesma

---

6 - O Chapeleiro, 05/12/1903, "Coisas do dia".

7 - Avanti, 08/04/1907, "Lo sciopero nella fabbrica Penteado" in Pinheiro, P. S e Hall, Michael M. Op. cit. pg. 48 e sgs.

maneira o próprio contra-mestre deverá ter essa disciplina, assim como o seu superior. Diferenciados da massa trabalhadora, e classificados na escala de auferição que lhes dão os benefícios do gesto normalizado, podem executar tranquilamente essa tarefa.

Todo o trabalho deve ser inspecionado, e para o operário "pede-se ficar atento ao tecido, à trama que a velocidade da lançadeira deixa apenas entrever, atenção ao urdume, atenção enfim para não deixar cair as espulas no chão, para não estar sujeito à multas"<sup>8</sup>. A máquina dita a forma da produção, discurso vazio de sujeito. O trabalhador deve adaptar-se à ela, se contorcer até admitir a nova posição do corpo e dos sentidos como naturais. Torções progressivas. Pois "qualquer desatenção é causa muitas vezes de uma lesão, e infelizmente o operário, mesmo o mais atento, mancha com seu sangue essas máquinas"<sup>9</sup>. O olhar hierarquizado procura introjetar no corpo do trabalhador o como produzir e o maquinário, quanto.

Mas por que o desencadeamento dessa educação física fabril ? Bom, os corpos devem responder às exigências da Economia Política. Isso significa que para o operário haverá "supressão violenta de toda sua tradição cultural e a interdição do modo de vida que se constituía progressivamente"<sup>10</sup>. Dessa maneira, procuram os trabalhadores refazer, ou continuar

---

8 - Avanti, 28/05/1907, "Attraverso uno stabilimento di tessitura", in Pinheiro, Paulo S. e ou, op. cit.

9 - Idem, ibid.

10 - Rago, Luzia M. Op. cit, pg.24.

fazendo, o trabalho de acordo com os seus saberes. E isto não lhes será permitido. Evita-se qualquer contestação do universo fabril. Para tanto, formas de coerção e normatização vazias de sujeitos: "é assim que caminha a humanidade".

Com espantosa naturalidade o chefe da seção de informações do Departamento Estadual do Trabalho, relata que na fábrica Mariângela, "para o trabalho de menores, as máquinas são de tamanho reduzido"<sup>11</sup>, ou seja, a máquina é adequada ao trabalho infantil, que desse modo "implantava-se gradualmente na 'alma dócil', no 'corpo tenro e flexível'"<sup>12</sup> a instilação do hábito do trabalho, além de que, se a máquina é adequada ao trabalho infantil, a criança pode produzir mais, e se pode produzir mais, pode também substituir mão-de-obra adulta mais cara. Potencializam-se os lucros<sup>13</sup>. Mas não é só isso. O lucro na utilização do trabalho infantil não é o único benefício para os industriais. Junto com o lucro vem a confortável idéia de diminuir ao máximo o perigo de se empregar algum desses insidiosos agitadores estrangeiros, adultos e masculinos na sua maioria. Estes sim, perigosos para a lógica da produção, pois não se adaptam à esta. Contaminados com o vírus rebelde, devem se afastar dos operários sãos. Mesmo porque, nestes promissores anos iniciais da década, ainda estavam

---

11 - "Condições de trabalho..." Op. cit.

12 - Costa, Jurandir F. Op. cit, pg. 175.

13 - Hardman, Francisco F. História da indústria e do trabalho no Brasil. SP, Global, 1982, pg. 179.

na memória patronal os conturbados anos de 1906 e 1907<sup>14</sup>.

Assim, os patrões tentam se cercar de medidas preventivas contra as sempre cogitadas insurgências operárias. Desse modo, o trabalho infantil e feminino podiam, em termos relativos, solucionar esse problema. Somente em termos relativos, já que as condições de trabalho chegava à limites insuportáveis, e por exemplo, nos bancos de fiação, onde geralmente trabalham mulheres, elas "devem ficar sempre em pé, sempre com a máxima atenção nos 50 ou mais fusos que giram com uma velocidade vertiginosa"<sup>15</sup>, isso faz com que mulheres e crianças utilizem as formas de lutas corriqueiras do proletariado contra a ganância dos patrões<sup>16</sup>. Mas, de qualquer forma, o emprego de mão-de-obra infantil e feminina, como foi dito, trazia um lucro maior e relativo conforto para os industriais.

Mas, o que permitia aos patrões super-explorarem esses trabalhadores? Não existiria uma opinião pública que se postasse contra? A permissão era dada pelo discurso moral, pois, parece

---

14 - Fausto, Boris. Trabalho urbano e conflito social. RJ, DIFEL, 1977, pg. 133 e sgs. O autor faz um levantamento das greves que ocorreram no período, sendo significativo o número de paralizações feitas no triênio de 1906 à 1908. Cf. também Simão, Azis. Sindicato e Estado, op. cit, pg 136.

15 - "Attraverso...", loc. cit, op. cit.

16 - "A greve do Votorantim. Crianças espancadas - Moças presas - A carneirada em ação" março de 1922, volante impreso in Pinheiro, P. S. e. Op. cit.

que seria melhor as crianças trabalharem e ter o salutar aprendizado das tarefas fabris do que ficarem por aí "ao abandono, entregues a si mesmas, nas ruas, à disposição de todas as seduções e de todos os vícios, indo engrossar ainda mais o já tamanho número de abandonados e futuros delinquentes em terra idade"<sup>17</sup>.

A fala moralizadora determina o espaço do aprendizado: a fábrica, local propício para educar corpos, pois, nele "o menor nacional ou nacionalizado é incontestavelmente o elemento fabril do futuro (...) Em vez de colônias correcionais, que imprimem desde logo ao menor o estigma de vicioso e indisciplinado (...), melhor fora entregá-lo mediante certas condições recíprocas de garantia, aos proprietários de estabelecimentos fabris"<sup>18</sup>. Estufa onde se produz o trabalhador no momento da produção. Daqui se deduz que o operário é incapaz de definir o que lhe é moralizador e o espaço adequado para a sua efetivação. A fábrica é educativa. E não somente as crianças são objetos desse discurso, há lugar suficiente para se falar sobre as mulheres, mesmo porque não "estará a moça que fica em casa aos 16 ou 17 anos mais ao abrigo de qualquer mau passo do que na fábrica?"<sup>19</sup>. E indo mais longe. O desejo da mulher em se inserir no mundo do trabalho, não é nem por necessidade econômica, nem um efeito da produção de corpos,

---

17 - Street, Jorge. "Código do Trabalho". Op. cit.

18 - Bandeira Jr, Antonio F. A indústria no Estado de São Paulo em 1901, in Pinheiro, P. S. e. Op. cit, pg. 31.

19 - Street, Jorge. Op. cit, loc. cit.

mas sim, à luta da mulher que, "já antes da guerra, procurava por todos os meios contrariar e vencer essa resistência do homem, em admiti-la como equivalente em valor e em direitos no mundo do trabalho"<sup>20</sup>.

Assim, o discurso moralizador se escusa de sua prática, e nos fornece uma imagem quase idílica da fábrica. Num momento, a mulher, se torna corpo nulo de vontades que pode descaminhar se não for devidamente educado, logo em seguida, se define o trabalho feminino como conquista das próprias mulheres, isto é, reafirmando, "produto de hábitos, este indivíduo não saberia nem quando, nem como, nem por que começou a sentir e a reagir da maneira que sentia ou reagia. Tudo em seu comportamento deveria parecer à sua consciência como normal conforme a lei das coisas ou a lei dos homens"<sup>21</sup>. Também assim o é para as crianças, que possuem a potência disposta à indisciplina, o crime, a vagabundagem, mas são corpos nulos para se ajustar às exigências dos trabalhos fabris. Desse modo a fábrica vai ganhando a aconchegante categoria de lar, onde os seus integrantes são protegidos pelos muros da empresa de um perigoso e caótico mundo exterior, e logicamente em oposição a um mundo pleno de moral e ordem, que é o mundo do trabalho. Aliás, não só nos muros da indústria estaria a proteção. Os muros da vila operária a prolongariam até o lar efetivo do operário, procurando-se, geralmente, empregar a família inteira numa mesma empresa. E, ao que parece, a família

---

20 - Idem, *ibid.*

21 - Costa, Jurandir F. *Op. cit.*, pg. 175.

que trabalha unida, permanece unida.

Um trabalhador pensaria várias vezes antes de tomar alguma iniciativa contra a ordem interna do trabalho, pois, se perdesse o emprego, o perderiam também os seus familiares, e "foi o que não há muito aconteceu a um guarda da fábrica (Corcovado), que se negou a submeter-se a semelhante imposição (a de ser obrigado a tocar na banda de música da empresa). Neste caso foram despedidos imediatamente todos os membros de sua família, assim como os de seu parentesco"<sup>22</sup>. E se morasse na vila operária da firma, estaria assinada a ordem de despejo<sup>23</sup>.

Integrados os trabalhadores na fábrica através de laços familiares, ela se transforma num "verdadeiro lar", e como todo lar, deve possuir o *pater-familiae*, e evidentemente o empresário é quem deve assumir o papel de pai-patrão<sup>24</sup>. Dentro da

---

22 - Novo Rumo, 05/04/1906, "Os inquéritos da imprensa burguesa nas oficinas e fábricas.

23 - A Terra Livre, 16/05/1906, "Os presídios industriais - o castelo do Votorantim".

24 - Sobre as relações entre patrão e empregado há o trabalho de Sidney Chaloub, que analisa a questão do paternalismo no Rio de Janeiro, mas que poderíamos verificar que este ocorreu também em São Paulo. Assim, "o patrão era uma espécie de 'juiz doméstico' que procurava guiar e aconselhar o trabalhador, que, em troca, devia realizar suas tarefas com dedicação e respeitar seu patrão." (Chaloub, Sidney. Trabalho, lar e boteguim. SP, Brasiliense, 1986, pg. 76). E, neste trabalho, verificou-se que esta



empresa existe toda a hierarquia da família: o pai como chefe, ganhando mais; a mulher numa posição média-inferior, ganhando menos; e a criança numa obediência total com o menor ganho, pronta aos testes de resistência e torções progressivas. E a família fora do universo fabril não se alocaria nesta relação hierarquizada, tão querida pelos higienistas? O cruzamento das práticas discursivas coloca em ação táticas que procuravam dar conta de resistências, positivando o trabalho. Assim, ganha "naturalidade" a diferenciação de ganhos, as multas, o olhar dos contra-mestres, a intransigência das máquinas, e a ordenação da produção, e o comando do *pater-familiae*. Agora, se há todo esse intenso esforço para normalização do espaço da produção, é porque a contra-corrente discursiva atravessa o caminho. Pequenos gestos desviantes, atos impuros não classificados devem ser eliminados.

O tratamento dispensado aos empregados é o familiar, e estes devem ter as obrigações de praxe para com os seus superiores no mesmo sentido. Daí, que qualquer ato falho de qualquer operário, desencadearia reações violentas por parte de superiores. A simples exigência de pagamentos poderia acarretar um ato colérico, um pai diria que é "o único a mandar na sua casa"<sup>25</sup>, ele é a autoridade máxima, que conhece os melindres do processo

---

imagem paternalista dentro das relações fabris "funcionou eficazmente como elemento mitigador das tensões entre patrões e empregados, pelo menos até o final da primeira década do século" (idem, *ibid*, pg. 77).

25 - A Plebe, 07/10/1919, "Ainda as Têxteis".

produtivo (como também os seus familiares), e sabe quando deve punir ou premiar os seus parentes. Estes devem se ajustar às condições da "casa" do patrão, e nem pensar em alterar a ordem interna estabelecida (máquinas, horários, pagamentos, quem é admitido ou demitido) As ordens partem Dele, e à Ele retornarão executadas.

Por outro lado, já vimos que se as falas sobre a fábrica, estabelecem-na como o locus privilegiado para o corpo trabalhador, também se discute o poder discricionário dos patrões que não devem ter em mãos o poder aleatório de punir ou premiar<sup>26</sup>, isto é, não há um dono das falas moralizadoras e dos gestos normalizados.

Constituída dessa forma a moralidade sobre os trabalhadores, é necessário se desvencilhar dos indivíduos estranhos ao processo produtivo, e de seus "parentes", patologizando-os. Sendo interdita a presença dos elementos perigosos, como é exemplificado em A Terra Livre, por Antonio Escano, que foi proibido de entrar na vila operária da fábrica Votorantim por denunciar o regime de trabalho ao qual estavam submetidos os empregados da empresa. Assim, evita-se o contágio de idéias subversivas externas, já que os operários deveriam estar satisfeitos em trabalhar 14 horas ou mais, e crianças ganharem uma diária quatro vezes menor do que a de um adulto<sup>27</sup>.

A estratégia de estabelecer a indústria como o locus

---

26 - Vide capítulo 2 ítem 2.1.

27 - "Os presídios...", op. cit, loc. cit.

privilegiado da ação educativo-moralizadora, surge para normalizar e regular as relações de produção e disciplinares efetuadas no social. Ponto no qual a militância operária se bate, procurando estabelecer relações profissionais no trato dessas questões, ou seja, quebrar a dimensão onírica do "lar fabril", e demonstrar o antagonismo existente entre os interesses do Capital e do Trabalho ao exigir a regulamentação, por fábrica, da mão-de-obra infantil e feminina, o que não deixa de apontar para o discurso industrialista que vai tomando conta do anarquismo.

Assim, o paternalismo se integra numa tática generalizada, que se compõe enquanto estratégia: corpos débeis, ou quase nulos, mas que devem estar aptos a receber os anticorpos da moral, da norma e da ordem que combaterão incansavelmente os vírus da subversão. O que, de certa maneira, cria uma forte oposição por parte dos anarquistas.

Geralmente nos movimentos paredistas, entrava na pauta de reivindicações a exigência de que se regulamentasse o trabalho do menor e da mulher<sup>28</sup> (assim como muitas, atitudes de contra-mestres, maquinário, etc.), obrigando as empresas a aceitar as condições impostas pela mobilização operária. Mas, os próprios operários são alvo das constantes exortações para que não empreguem os seus filhos, pois, os submeteriam à uma intensa exploração<sup>29</sup>, e sem "perigo de ser desmentido, pode-se afirmar que os trabalhadores das fábricas de tecidos são os párias do proletariado

---

28 - A Plebe, 21/07/1917, "O que reclamam os operários".

29 - A Plebe, 21/07/1917, "Exploração da infância proletária".

riado paulista"<sup>30</sup>. E "ao ver tanta gente jovem, o coração da gente se comove (...). Esses trabalham 13 horas por dias; há ainda uma turma que trabalha à noite, com um salário de 20 mil-réis (...). Se por um instante, por causa daquela vivacidade, muito própria à sua idade, se descuidam do trabalho, uma multa logo cai para chamá-los ao dever"<sup>31</sup>.

Essa exortação demonstra claramente o nível de intromissão da moral educativo-fabril, notado por Jorge Street, dono da tecelagem Maria Zélia:

"Os operários da fábrica empenham-se, fortemente, para obter colocações para seus filhos e parentes, e sempre que eu lhes objeto achar prematuro o trabalho para esses petizes, ou lhes falo em diminuir-lhes as horas de trabalho, eles, invariavelmente, me respondem que não só essas crianças os ajudam no ganha-pão cotidiano, como também julgam melhor para eles trabalharem na fábrica do que ficarem em casa, ao abandono, e sem fiscalização"<sup>32</sup>.

O discurso disciplinar se imiscui no social, onde o poder se torna "uma maquinaria de que ninguém é titular"<sup>33</sup>. Assim são ativadas estratégias que permitem a dominação e funcionamento

---

30 - "Lo sciopero...", op. cit, loc. cit.

31 - "Attraverso...", op. cit, loc. cit.

32 - Street, Jorge. Op. cit, loc. cit.

33 - Foucault, M. "O olho...", op. cit, pg. 226.

da sanção normalizadora. Moralizam-se os trabalhadores, sendo a fábrica-lar-escola uma das táticas adotadas, e eles se moralizam porque acreditam que a fábrica possa ser lar e escola. Com isso tenta-se construir um trabalhador de corpo dócil, para aceitar as normas do trabalho, e de consciência dúctil, para ser impressa a moral. Impotencializam-se vontades e potencializam-se as nulificações. E como havia indivíduos que não se adequavam ao processo produtivo, entrava em cena a botânica política, pois esses elementos portavam a "planta exótica da subversão", para eliminá-los, havia a ação herbicida da polícia.

### 3. Ordens do contradiscurso e mudanças táticas: a fábrica modelar

As greves que ocorreram durante a segunda metade da década deste século, colocaram em cheque a botânica política de eliminação de ervas daninhas e o discurso educativo-moralizador. Relembro que não se questiona a indústria como um todo, mas entram em discussão vários aspectos de sua organização. Poderiam os presos decidir de que modo deveriam se organizar as penitenciárias? ou, os loucos, os hospícios? ou ainda, os doentes os hospitais?

A emergência da *mob*, durante a greve de 1917, diante dos olhos de uma burguesia perplexa, aponta para a ineficácia dos dispositivos disciplinares até então utilizados. A multidão amotinada toma o espaço da cidade. Há tiroteios e barricadas onde "a polícia não se atreve a passar, porque dos telhados e cantos par-

tem tiros certos"<sup>34</sup>. As greves iniciadas no Cotonifício Crespi se alastram para a cidade, ganhando características insurreccionais, e São Paulo se "torna uma cidade morta"<sup>35</sup>. Espanto geral. Repensar práticas se torna imprescindível. Ativar novos dispositivos, novas alocações no espaço, voltar à prancheta. Afinal, as ordenações dos corpos como vinham sendo feitas se mostraram insuficientes. Corpos rebeldes desdobram saberes e poderes descontrolados. Várias táticas disciplinares são questionadas: as horas de trabalho, o maquinário, os discursos moralizadores, as normas.

Na questão das horas de trabalho, por exemplo, era largamente utilizado o *labour-intensive*, pois assim evitava o perigo do operário frequentar "lugares pouco convenientes", quer dizer, a organização do lazer está diretamente ligada à diminuição das horas de trabalho, como forma de distribuir no espaço urbano, de forma ordenada, os corpos. O que implica na tentativa de diminuir os riscos de serem gestadas práticas diferenciadas.

No caso da introdução de novas máquinas, apresenta um caráter específico à produção e extração de mais-valia: o capital constante de uma empresa não é tão constante, possui uma dinâmica. Para cada redução da jornada de trabalho, a introdução de novas máquinas permitem acelerar o ritmo da produção (torções progressivas). Assim, "graças a um aperfeiçoamento das ferramentas e sua melhor utilização (...), se obtenha com as 8 horas a

---

34 - Dias, Everardo. Memórias de um exilado. SP, 1920.

35 - Idem, *ibid.*

mesma produção que se obtinha antes delas"<sup>36</sup>. Qual a dificuldade em se aceitar as reivindicações operárias, então, que de certo modo iam de encontro com os discursos a respeito da higienização da fábrica? O problema está em quem decide como produzir, quanto, e de que modo. E a fábrica não é a casa do patrão? Os patrões "opõem-se a esta melhoria porque vêem nela uma diminuição da sua autoridade: temem o desenvolvimento da consciência operária"<sup>37</sup>. Então, quem decide os horários dos afazeres domésticos é ele. Se deixar de fazê-lo correrá o perigo de perder o controle dos habitantes da sua casa. Esta é a norma, como já vimos no caso, das multas aplicadas nas indústrias, é preferível a "admoestação paternal"<sup>38</sup>, ao invés da implacável arbitrariedade nos juízos executados pelas multas.

A ordem é evitar qualquer "buraco" na produção que proporcione a possibilidade de pensar em outra coisa que não seja produzir. Isso é claro, quando vemos na Olaria do sr. Dionísio Mori, se exigir "a produção de 10 tijolos a mais por cada milheiro", e "quer evitar que os tijiroleiros nas horas de descanso conversem com os trabalhadores de outras olarias, chegando a por grande quantidade de vidros na pequena passada que serve de

---

36 - A Lucta Proletaria, 29/02/1908, "O dia de 8 horas", tradução da brochura editada pela Confederação Geral do Trabalho de França.

37 - Idem, *ibid.*

38 - Vide o segundo capítulo no ítem 2.1.

comunicação entre a sua olaria e uma olaria próxima"<sup>39</sup>.

Mas, não deixemos de observar que o maquinário está sendo introduzido para dar conta dos corpos rebeldes na produção, ou ministrar-lhes a nova disciplina do trabalho. Não podemos nos ater em conclusões desenvolvimentistas (progresso e continuidade). É o caso da greve no jornal "A Fanfulla", que "já havia algumas semanas que não se observa horário ou descanso algum, era trabalhar e mais trabalhar", isso porque o trabalho dos tipógrafos era pago por linha e não por letra, então "era natural que pedissem um relativo aumento, si com o tipo novo, para fazer o mesmo número de linhas, deviam compor cerca de 1.100 letras mais do que compunham com o tipo velho"<sup>40</sup>. É evidente a luta que se trava no interior das empresas pelo controle da produção, ou pelo agente social que deve ditar os parâmetros do produzir (quero lembrar que este agente por sua vez também é fruto de práticas discursivas como veremos melhor mais à frente). Mesmo com a introdução de novas máquinas o problema está insolúvel, pois, às vezes elas têm uma quedinha pelos operários, chegando a dizer:

"- Não te orgulhes. Em nada te diferencias de mim. Instrumento de trabalho como eu (...), quando me gasto, me tiram, quando te gastas, te abandonam".

E clamorosa, pede ao operário:

"- Apodera-te de mim, arranca-me dos braços do vil ca-

---

39 - A Lucta Proletaria, 11/04/1908, "Trabalhadores em Olaria".

40 - O Trabalhador Gráfico, abril de 1905, "Três greves: a do Fanfulla".



pitalismo; nossa união é a tua única salvação".

Tomada de volúpia, lança sua última súplica:

"- O capital me explora, só você me fecunda. Só a ti quero pertencer"<sup>41</sup>.

Não há problemas com as máquinas para a militância, elas podem ser revertidas moralmente para a nova ordem social.

E onde a máquina não resolve o problema disciplinar, criam-se outros métodos. Diferenciando a qualidade do material a ser processado. É o caso de uma tecelagem que estipula tabelas idênticas para a produção de diferentes tecidos, e como a qualidade varia, o esforço dos operários para o fabrico de panos com qualidades inferiores será maior, procurando compensar a perda salarial<sup>42</sup>. O Cotonifício Crespi, por exemplo, que trabalha "somente com fios tintos e produzindo artigos sujeitos à variação da moda, possui desenvolvida seção de preparo e tinturaria com todos os melhoramentos e condições de higiene desejadas", no entanto "na seção de aproveitamento de resíduos se nota absoluta falta de asseio", e "as máquinas dessa seção são todas de manejo perigoso"<sup>43</sup>. Fica patente a hierarquia do espaço horizontal com o uso dos progressos tecnológicos, mas que não obedecem à regra de utilidade, onde acredita-se que um desenvolvimento poderia tornar uma atividade menos fatigante e mais produtiva. Isso não

---

41 - O Chapeleiro, 01/05/1904, "Lo que dicen las máquinas" (tradução livre).

42 - A Lucta Proletaria, 22/02/1908.

43 - Boletim do DET, op. cit.

interessa. Ao ser empregadas melhores máquinas em algumas seções e em outras não, visa-se a disciplina do corpo trabalhador, moralizando e fazendo-o produzir de acordo com a lógica da produção. A hierarquia horizontal estabelece ganhos na gestualidade mais apurados do que a verticalização do olhar. Eixo do y sobre o eixo do x.

Ora, de certa maneira, o que veio à tona com o movimento de 1917, foi essa ordenação do processo produtivo, pois uma das funções do sindicato é "reorganização do trabalho, transformação da oficina capitalista em oficina operária"<sup>44</sup>. Noto que a tema é a fábrica. O anarco-sindicalismo não sai do universo discursivo de outras falas, mas coloca em xeque a capacidade decisória, e o discurso normalizador não abre mão da sua potência para decidir a Verdade sobre a produção, ou melhor, como produzi-la.

Vai se configurando uma verdadeira guerra civil. A fábrica é o alvo e teatro de operações. A vitória caberá àquele que for mais ágil, astuto, e possuir o melhor corpo diplomático para conseguir aliados. Na greve de 1917, o Comitê de Defesa Proletária, que ficou encarregado das negociações da parte dos grevistas, e as principais correntes sindicais parecem mais inclinadas a fortalecerem a idéia de revolução, da qual a greve foi um grande exercício<sup>45</sup>, do que continuarem num enfrentamento direto. A idéia de revolução passa pelos mínimos detalhes da

---

44 - A Lucta Proletaria, 01/02/1908, op. cit.

45 - A Plebe, 11/08/1917, "O melhor resultado da greve geral".

produção, e da vida social (família, educação, lazer, etc.). A militância anarco-sindicalista não descartou o tema da industrialização, compondo o universo das falas sobre o assunto, mas questiona a ordem dos discursos que o normalizam, o que caracteriza o enfrentamento. Questão tática: qual o terreno adequado para travar a batalha?

A guerra não estava vencida. A aceitação das reivindicações operárias não indica o reconhecimento do proletariado como capaz de participar ativamente do como e quanto produzir, mas, é apenas um recuo "para se preparar mais fortemente e impor novas explorações e tiranias"<sup>46</sup>. O retorno ao trabalho após as greves em 1917, é uma trégua visível que permitirá a reorganização de estratégias, e adequá-las a realidade que se impõe. Para a efetivação do controle necessita-se eliminar as lideranças mais ativas como um primeiro passo, já que estas são os vírus que contaminam o operariado com a doença da revolução.

Assim, logo após as greves "não existe uma ofensiva concentrada contra os anarquistas e os nomes em evidência. Esta só ocorre na primeira semana de setembro, tomando como pretexto o relatório de um agente de polícia, onde se denunciava a articulação de uma greve geral em todo o Brasil"<sup>47</sup>. Vários militantes são presos e deportados ilegalmente. Uma vaga repressiva se levanta contra a militância. Jornais empastelados, destruição de associações operárias, prisões, deportações.

---

46 - A Plebe, loc. cit.

47 - Fausto, Boris. Op. cit, pg. 235.

Tenta-se intimidar os ativistas de 1917. Mas, tomar a repressão como único parâmetro para o extermínio do movimento operário, é reduzir a capacidade reorganizativa das táticas disciplinares.

É necessário repensar as práticas até então usadas, e encontrar novos meios para manutenção do quadro vigente para acioná-los imediatamente, pois sabem que "o operário combate um adversário mal armado, e, por isso mesmo, eminentemente vulnerável"<sup>48</sup>. A repressão policial é uma medida paliativa, já que não dá conta de modo perfeito de eliminar do horizonte social a idéia de revolução, e, mais ainda, não cria outras. É preciso ir a fundo, cortar pelas raízes a possibilidade de germinar essas idéias. Ordenar uma sociedade que não possa se pensar sem a indústria. Para tanto exige-se intensificar "com todo carinho, guarnecer com todo o zelo, sistematizar com todo o cuidado, a defesa do nosso meio ambiente, não por processos de força, de violências e de atentados aos direitos do fraco, mas restituindo liberalmente pela comunhão dos ideais da verdadeira solidariedade humana - a consideração, os prestígios dos ensinamentos da disciplina moral e do civismo igualitário às nossas classes operárias, para que elas compreendam a necessidade, antes de tudo, de um regime perfeito da ordem social, com base da grandeza e do desenvolvimento econômico do nosso amado Brasil"<sup>49</sup>. Os fortes respeitam os fracos. São

---

48 - Centro dos Industriais de Fiação e Tecelagem de Algodão. Circular nº 39, 25/07/1921.

49 - Almeida, Antero de. "As reivindicações operárias e o ponto de vista nacional da questão", in Pinheiro, P. S. e, op. cit,

capazes até de jogar limpo, ou carinhosamente. Mas os fracos devem saber que são fracos, e não podem decidir os caminhos a serem trilhados, admitindo como natural a sua compleição frágil, pronta a adotar os discursos também "naturais", pois os trabalhadores são suscetíveis a dar ouvidos a "grita de inexpertos agitadores (...) que deixam embeber facilmente as suas idéias no perfume estranho de além-mar e pretendem lançar o rastilho da demagogia doutrinária no seio da nossa sociedade"<sup>50</sup>. Então, é melhor os trabalhadores se protegerem com o amianto do nacionalismo. Ele é capaz de dar ordem social, disciplina, moralidade, e evita o combustível da subversão e a explosão do conflito social. Evitado o fogo que queima corações e mentes de pobres proletários, instala-se a instância da capacidade social de produzir boas temperaturas e os corpos destinatários. Bons operários serão aqueles que têm no corpo a dimensão da indústria na sociedade dos benefícios dela decorrentes, a chama reconfortadora do nacionalismo no coração e o acompanhamento da normatização inerente como garantia.

O discurso educativo-moral não pretende mudar o objeto de sua fala, muda o meio pelo qual ele deve se instaurar, mas, como já vimos, ao se mudar a constituição da gramática na ordem do discurso, muda a própria gramática, isto é, sujeitos novos emergem nas falas sobre a fábrica que se gestam no período, principalmente após 1917. Se antes a fábrica-lar era a norma para

a boa educação dos trabalhadores, agora se permite usar do todo social como um bem a ser alcançado por todos. A solução dos conflitos na indústria não visa mais a harmonização familiar, e sim a grandeza do Brasil. Deseja-se esvaziar o conteúdo do discurso libertário, tomar o seu lugar, ocupar as lacunas entre uma vizinhança e outra, o espaço derrisório entre as forças atuantes, pois "é indispensável que na alma do operariado nacional desabroche a flor vigorosa que anima os sentimentos vivos do amor da Pátria, que mantém o culto das suas tradições cívicas, da sua história, do seu passado, dos seus heróis, dos seus feitos, de toda a sua grandeza política, social e econômica"<sup>51</sup>.

Mas palavras edulcoradas a respeito de ordem social, moralidade, nação, são apenas meros recursos retóricos de uma prática que está sendo instalada nas fábricas, conjugada com as escolas, presídios, família, etc, ou seja, a efetivação dessas falas no fazer da sociedade. É a linha diagonal que percorre do discurso à prática, ou melhor, "é como se a máquina abstrata e os agenciamentos constituíssem dois pólos, e se passasse insensivelmente de um ao outro. Ora os agenciamentos distribuem-se em segmentos rígidos, compactos (...), por descontinuidades formais (a escola, o exército, a oficina, eventualmente a prisão...). Ora, pelo contrário, comunicam entre si na máquina abstrata que lhes confere uma micro-segmentaridade flexível e difusa (...). Se se vai incessantemente de um pólo para o outro, é porque cada agenciamento efetua a máquina abstrata (...), e quanto mais alto

---

51 - Idem, ibid.

for o grau mais o agenciamento se difunde nos outros, mais se adequa a todo o campo social"<sup>52</sup>. Ainda o discurso educativo é utilizado, mas uma nova gramática está anunciada. Alguns grandes empresários partem firmemente para a organização patronal. A obra de educação dos industriais antes esparça, começa a ganhar contornos de uma nova estratégia, e um grande exemplo são as circulares do Centro de Fiação e Tecelagem de São Paulo, fundado no último ano da década de dez.

Nelas encontramos as tentativas de unificar a ação patronal conforme uma nova moralidade que deve ser a tônica dessa ação. O pai-patrão deve ceder lugar a um figura abstrata: o administrador, e "para o operariado (...) o Centro é uma entidade oculta, poderosa, abstrata, cuja força o operariado nunca poderá medir"<sup>53</sup>. Que a abstração seja feita. O alvo das reivindicações não é mais o pai-patrão que não atende as necessidades dos familiares, não deve ser ele a decidir questões de aumentos, condições de trabalho. Agora cabe ao CIFTSP resolver, que ao fazê-lo respeitará as condições dadas pelo patrão, mas em última instância, quem aparecerá como "juiz soberano" é o Centro<sup>54</sup>. Assim, os conflitos do trabalho não terão mais como *locus* privilegiado a fábrica. Não é mais dentro dela que se resolvem os problemas, e sim num outro patamar abstrato e poderoso, chamando "para cima do próprio Centro e não dos patrões (que delegaram poder ao Centro),

---

52 - Deleuze, Gilles. Foucault. Op. cit., pg. 66.

53 - CIFTSP. Circular nº 249, 02/10/1923 (grifo meu).

54 - Idem, *ibid.*

as antipatias e odiosidades do operariado"<sup>55</sup>. Esse deslizamento das falas sobre a fábrica indicam a possibilidade de uma nova prática se instalar junto aos empresários: a solução, a arbitragem de conflitos escapa do próprio controle pessoal e das práticas paternalistas tidas como norma no início do século. O agente regulador das relações entre patrões e empregados deve ser externo à essas relações. Nova prática terapêutica: prevenção. O realismo da circulares contrastam com a linguagem empolada a respeito de valores nacionais, flores desabrochando, perfumes. O enfrentamento é direto, e, portanto, as formas disciplinares devem ser objetivas para uma nova realidade.

Os roubos e furtos praticados por operários não dissimulam o caráter sub-reptício que ganhou a luta. Por detrás deles, existe o "tributo pago a força pelo patrão"<sup>56</sup>, que os trabalhadores julgam como parte de seus pagamentos. Então, é preciso tornar essas ações visíveis, colocá-las no campo de visão e desativá-las, ou torná-las formas menos perigosas de manifestações dos desvios, esvaziando, assim, o conteúdo efetivo do seu discurso. Em primeiro lugar, a criminalização do ato desviante, mas, em segundo, e mais eficaz, a moralização dos gestos.

Para se chegar a visibilidade requerida "só um bom serviço de identificação poderá deixar nas nossas fábricas tão-somente o verdadeiro operário, aquele que trabalha, aquele cuja vida cerebral não foi perturbada pelas arengas dos semeadores de

---

55 - Idem, *ibid.*

56 - CIFTSP. Circular nº 10, 04/04/1921.



idéias dissolventes"<sup>57</sup>. Mais uma vez o bom trabalhador, mais uma vez um outro trabalhador. Aquele que não está contaminado por ideais ácidos. Para separar estes dos outros, a anti-corrosiva identificação científica<sup>58</sup>. Cada operário deverá possuir um prontuário, com foto, nome e demais requisitos. Caso um indivíduo cometesse algum deslize, iriam imediatamente para a ficha individual todos os detalhes da atitude imoral do criminoso. Classificação e ordenação. Pego em flagrante, se tornaria um exemplo a outros que evitariam, assim, qualquer ato desabonador. Ainda mais, de quando em quando um contra-mestre procederá a uma revista nos operários. Discretamente à distância, um policial estaria pronto para prender os delinquentes que porventura desafiassem a vigilância. Do prontuário do preso se fariam cópias que o Centro se encarregaria de distribuir aos seus sócios, que teriam condições de extirpar de seus trabalhadores o corrosivo elemento.

A ação conjugada da polícia e o Centro é praticada com constância. É notável "a cordialidade que reina entre o Centro, a direção suprema da polícia do Estado e o Gabinete de Investigações"<sup>59</sup>. A missão de intimidação posta em prática não visa a punição do criminoso, e sim a virtualidade do ato. A ordem classificatória pode simplificar o longo trabalho executado pelo paternalismo para criar no corpo sem vontades a moral do traba-

---

57 - Idem, *ibid.*

58 - Idem, *ibid.*

59 - CIFTSP. Circular s/n, 07/03/1922, "Greves".

lho. O corpo nulificado se presta mais rapidamente às torções necessárias para compor novos gestos, já que todo e qualquer operário pode portar o germe da subversão, ou por ele ser contaminado. A ação preventiva deve atacar as causas da epidemia revolucionária, inoculando nos indivíduos a vacina normalizadora. Afinal, "é preciso que o seu coração palpite desta fremente movimentação nativa, para poder ser a condutora dos germes de bondade e de interesse pela ordem no seio das nossas associações coletivas. É mister que o espírito dos nossos operários se impregne, desde o berço, da influência do sentimento materno até a escola pela direção dos mestres dedicados"<sup>60</sup>. Que circulem os agenciamentos, as práticas. Que se estabeleçam os discursos. Enunciados que poderão ser ocupados ora por alguém, ora por outro.

A solicitação do CIFTSP ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio para que fossem regulamentadas as cadernetas operárias, tem a clara intenção de tornar uma estratégia geral às táticas empregadas. O que se quer é por em prática uma forma qualquer "de rigorosa depuração desses elementos"<sup>61</sup>, pois se isso não for feito "o operário será para o patrão não o colaborador fiel da sua prosperidade, mas sim o provável inimigo, de passado nebuloso e incógnito, que esconde no fundo da sua alma inquietante reservas de ódio, incontidos desejos de vingança, fermentos de

---

60 - Almeida, Antero. Op. cit, loc. cit (grifo meu).

61 - CIFTSP. Circular s/n, 12/04/1921.

rebeldia"<sup>62</sup>. Então é preciso vacinar esse elemento, eliminar os corpos contaminados, para torná-lo um elemento positivo no universo da produção.

A vida sindical é sistematicamente atacada, e mesmo a possibilidade de uma reunião era motivo para prender militantes e invadir sindicatos<sup>63</sup>. E as escolas fundadas por libertários também foram fechadas através de obscuros pretextos legais (não notificaram a mudança de prédio, e outros argumentos exdrúxulos)<sup>64</sup>. Quer-se cercar os trabalhadores de um controle mais amplo, já que a rede anterior se mostrou ineficaz, reorganizando a sua vida, produzir um novo corpo, com uma nova moral; assim, seria inviabilizado qualquer projeto de mudança radical da sociedade. Portanto, a ação deve ser conjugada e atingir todos os momentos, todos os lugares onde estão presentes operários. A vida cotidiana deve ser vasculhada, cutucada nos seus meandros, nas suas invisibilidades. Ultrapassados os muros fabris como espaço de normalização, não haverá mais fronteiras<sup>65</sup>. Reorganização tática de ambos os lados.

Em 1919 é publicado o opúsculo de Roberto Simonsen "O

---

62 - Idem, *ibid.*

63 - A Plebe, 15/10/1921, "A perseguição policial aos trabalhadores".

64 - A Plebe, 29/11/1919, "Encerram as escolas Modernas de São Paulo".

65 - Campos, Cristina H. O sonhar libertário. Campinas, tese de mestrado - UNICAMP, 1983, pg. 30 e sgs.

trabalho moderno", procurando qualificar a fábrica numa perspectiva cronológica, concluindo que era necessário substituir o "antigo processo de administrar chamado pelos americanos 'o militar' - em que, repetindo-se insensivelmente no crescimento de uma empresa a organização feitoral da célula inicial, patrões, contra-mestres e feitores se sucedem numa preocupação mais de mando do que da perfeita feitura dos serviços"<sup>66</sup>, para que no seu lugar a administração científica reinasse com absoluta avidez para realização do seu objetivo: o "trabalho moderno em todas as suas manifestações"<sup>67</sup>. E para tanto os fatores "tempo, custo, execução e justa paga do trabalho, determinados por métodos científicos"<sup>68</sup>, figuram como principais elementos para a concretização da nova administração. A "admoestação" paternal como forma de macerar as más vontades dos indivíduos deve ceder lugar para a cientificidade administrativa, onde a moral partida no bom e no mal perde o seu efeito para a necessidade da produção, isto é, não há nenhuma moralidade no produzir: o leão ao empreender a caça não é bom nem mau, simplesmente atende as necessidades que lhe são impostas pela natureza; o operário não deve ser bom ou mau, ou fazer qualquer julgamento de valor sobre o processo produtivo, afinal trabalhar é uma necessidade imposta pela natureza ao homem, mas somente os mais aptos se adequam à essa natureza, e os mais aptos aqui, são os que atendem à norma e à disciplina.

---

66 - Simonsem, Roberto. O trabalho moderno, Santos, 1919, pg.35.

67 - Idem, *ibid.*

68 - Idem, *ibid.*

Não é mais preciso que o operário saiba fazer, pois lhe será ensinado o que fazer, como, quanto e o tempo para tanto conforme a ciência. Elimina-se o perigo do controle da produção cair nas mãos de ignominiosos trabalhadores.

O olhar não deixa de ser fundamental, só que agora o seu caráter aparente não é o da vigilância ostensiva dos contra-mestres, e sim a sutileza da eficiência técnica. Os corpos devem se adequar às necessidades "naturais" da produção. Vontade externa que permite a potencialização do indivíduo na sua lógica. Pelo organograma de Simonsem, o Departamento Técnico "determina o tempo previsto para o início, feitura e terminação de cada elemento da obra"<sup>69</sup>. Espaço cingido pelo olho percutente. A fábrica despolitiza-se. O trabalho a ser executado é feito em nome da técnica, procurando examinar até as "condições de conforto e bem estar dos que trabalham, para que melhor possam produzir"<sup>70</sup>. Nada mais de disciplina ascética, nada mais de sofrimentos diante de maquinários, qualidade da matéria-prima, multas humilhantes. É hora de suavizar o trabalho, torná-lo um benefício social, colaborar com a natureza para que a produção seja feita. Torções de outra ordem, moralidade com novas qualidades.

O tratamento dispensado ao empregado deve mudar. Se antes se tratavam "os operários como se estes constituíssem uma massa única", agora é preciso individualizar competências, mesmo porque é do próprio interesse dos industriais "evitar que de seus

---

69 - Idem, *ibid.*

70 - Idem, *ibid.*, pg. 12.

principais colaboradores se forme uma massa hostil"<sup>71</sup>. O próprio corpo do industrial passa por mutações: do pai-patrão estabelecendo tiranicamente a ordem da produção, passa-se a um indivíduo que deve saber "naturalmente" as necessidades produtivas. Assim, isolado o indivíduo na produção, não terá outros parâmetros para o seu fazer além dos técnicos, pois o salário será personalizado, e aquele que ultrapassa o *quantum* estabelecido cientificamente, será premiado proporcionalmente ao excedido numa classificação infinita.

A fábrica deverá deixar de lado o seu caráter negativo, mas não deve abandonar os dispositivos disciplinares, muito pelo contrário, refina-os, fundamenta-os numa possível cientificidade e na "perfeita organização" dos serviços, "onde deverá predominar a disciplina inteligente e consciente, onde imperem os verdadeiros princípios da cooperação cordial entre patrões e operários"<sup>72</sup>. Agora a produção não visa o lucro patronal, ou às imposições do *pater-familiae*, mas a sua própria execução, dada a importância para ambas as partes envolvidas no processo produtivo. A dicotomia entre pai e filho cederá lugar a um mundo pleno de harmonia e cordialidade como um ecossistema. Será o mundo da fábrica e onde a sociedade terá o seu espelho.

---

71 - Idem, *ibid*, pg. 38.

72 - Idem, *ibid*, pg. 12.

## REALOCAÇÕES DISCURSIVAS: OBJETIVIDADE TÉCNICA E RECURSOS TÁTICOS

### 1. Mudanças táticas no discurso anarquista.

O deslizamento das falas sobre a fábrica e sobre o trabalhador tentam remeter os seus objetivos para a neutralidade "natural" do discurso técnico, o que lhe permite deitar raízes sobre o operariado, pois o anarco-sindicalismo reconhece nas máquinas e na ciência uma conquista da humanidade, colocando-se na vizinhança desse discurso. As decisões quanto à produção ganham outro terreno. Quem poderá contestar o discurso técnico que engloba outros saberes? O saber operário é um daqueles saberes que é constantemente "desqualificado como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento e cientificidade"<sup>1</sup>. Desse modo, o saber técnico trará para dentro da fábrica a ciência da produção, que estará

---

1 - Foucault, M. A microfísica... Op. cit, pg. 170.

acima das paixões humanas, acima da moral, pois atende unicamente às necessidades intrínsecas do processo produtivo.

Apesar de tal empreendimento estar sendo levado adiante, vozes lacônicas se levantam contra essa impostura, sabendo que "com o advento do industrialismo moderno (...), o patrão deu lugar ao engenheiro, ao gerente, ao técnico, que representam os interesses duns indivíduos que ninguém conhece"<sup>2</sup>. É possível afirmar que a militância não desconhecia que tal atitude esvaziava a discussão política do espaço da fábrica, mas, às vezes, o contra-ataque partia para o lúdico, "por quanto, além de haver indústrias em que os técnicos brilham pela sua ausência, como, por exemplo, nas fábricas de tecidos, em que mestres e contra-mestres são simples operários mais práticos e habilitados"<sup>3</sup>, não tendo os técnicos qualquer utilidade na sociedade futura<sup>4</sup>. Entretanto, não podemos nos esquecer das maravilhosas descrições do mundo industrial feitas por vários jornais e livros pedagógicos; a magnitude da humanidade elevada à potência pelo industrialismo; a marcha natural para o progresso, e assim por diante.

Por outro lado, o desmantelamento das organizações libertárias trouxe reflexões dentro do anarquismo. As discussões travadas ganharão outro rumo. Nova "superação" das divergências entre o anarco-comunismo e anarco-sindicalismo, que agora pensam

---

2 - A Plebe, 10/03/1923, "A falência burguesa".

3 - A Plebe, 08/07/1922, "Os techinos e a revolução".

4 - A Plebe, 24/06/1922, "Os detratores do povo".



em como estruturar o movimento que taticamente consiga sobreviver e, enquanto estratégia, se estabeleça como projeto social. Para isso novas práticas são postas em funcionamento (relembro a correlação entre os vários discursos em movimento no período sobre o trabalhador).

Não podemos esquecer que a Revolução Russa teve uma ascendência positiva sobre os militantes no Brasil, e estabelecida como vitoriosa, ela não será o modelo a ser seguido, mas a possibilidade de uma nova sociedade<sup>5</sup>. Num artigo assinado por Gigi Damiani, na Plebe de 29/03/1919, se discute a formação de partidos proletários, e coloca-se a necessidade de ser formada uma frente composta de anarquistas, socialistas revolucionários e sindicalistas também revolucionários. O importante é concretizar a derrocada do capitalismo, ficando *a posteriori* a resolução do problema de encaminhamento da revolução. Indo além, Gigi faz uma crítica branda ao programa revolucionário marxista:

"Mas se o terror vermelho será uma triste necessidade salutar, a ditadura proletária pode vir a ser uma triste necessidade prejudicial ... tanto mais que ela poderá ser exercida por um restrito grupo de indivíduos, pelo 'governo novo'"<sup>6</sup>.

É patente a aversão dos anarquistas à proposta marxista

---

5 - A Plebe, 29/03/1919, "Pela concentração dos partidos proletários".

6 - Idem, *ibid*, loc. cit.

de ditadura do proletariado, mas o abrandamento das críticas, significa que a necessidade de uma frente operária vem em função do enfrentamento, e é preciso juntar forças.

A composição de um partido operário terá uma tentativa em março de 1919, ao ser fundado no Rio de Janeiro, o Partido Comunista do Brasil por anarquistas. Sem deixar de lado as idéias libertárias, o partido surge para tentar efetivar uma prática e não como a negativa dessas idéias. Não aparece em nenhuma parte do programa a menor menção à participação parlamentar, ou a negação do antiparlamentarismo dos anarquistas. Aliás, antes de ser um programa partidário, é o programa de uma nova estratégia organizacional. Centralizar e coordenar as ações para o enfrentamento. Criar uma secretaria nacional com delegados eleitos (com mandatos controlados pelos eleitores) e núcleos regionais, representa a tentativa coordenar nacionalmente o movimento operário.

Por outro lado, são organizados sindicatos "amarelos" (controlados por empresas, igreja, governo), procurando retirar da perigosa invisibilidade os operários para integrá-los ao universo da produção, restituindo àquele mundo decomposto a marca do visível, onde seus integrantes podem ser identificados e especializados de acordo com a lógica do poder.

A relutância em permanecer num mundo de sombras através de saberes diferenciais com suas práticas referentes, reflete-se em vários pontos do programa partidário desse PC do B pré-moderno, ou seja, mantém-se o programa teórico do anarcosindicalismo, mudam-se as práticas (devo lembrar que as alterações táticas nas práticas são correlativas à mudanças no próprio discurso que a compõe). Por exemplo, no segundo item do programa,

além da evidente socialização das indústrias, agricultura, meios de transportes e comunicação, ganha destaque a organização dessas atividades, que deveriam ser feitas por "respectivas associações de classe dirigidas por profissionais competentes", os quais teriam apenas "funções de organização e administração, mas nunca de mando"<sup>7</sup>. O discurso técnico reina. Lança-se mão de táticas similares. Desenvolvem-se trajetórias através de campo minado. Também no programa está aberta a possibilidade de alianças com indivíduos de outras classes, desde que dispostos a abraçarem integralmente o programa partidário.

A desestruturação sindical empreendida por uma política de contenção das mobilizações e eliminação das lideranças, toca num ponto que a militância anarquista considera nevrálgica: a fragilidade da sua organização. A derrocada do movimento a partir dos anos vinte, é sentida pelos militantes como um sinal de que houve erros. Questão tática, já que as movimentações em torno do trabalhador sofreram derrotas. Logo, é necessário modificar a ação, criar novas táticas. A fragilidade que se atribuem, deve-se à própria estrutura dos sindicatos e associações libertárias, e não à ordem discursiva. A centralização das ações visa uma coordenação mais efetiva que se traduziria numa estratégia de enfrentamento.

A reflexão feita pela militância demonstra a preocupação tática. "Erro de princípios? Não. Os princípios mantêm-se de pé, integralmente. Erro orgânico, insuficiência de meios". Então

---

7 - A Plebe, 12/04/1919, "Está constituído o Partido Comunista do Brasil".

deve-se "procurar novos meios, novos métodos, novos sistemas"<sup>8</sup>. Estão abertas as possibilidades de modificações na gramática das falas ácratas.

A Revolução Russa contribuiu para que se colocasse a questão da eficácia. Não deixa de ser significativa a vitória de uma corrente revolucionária num país. Esta é vista com simpatia, e sempre que possível, os anarquistas afirmam a sua "solidariedade ao movimento revolucionário russo, soberbo esforço de uma parte ativa do povo impulsionada pelos revolucionários sociais, que com os anarquistas à frente, conseguiram derrubar o domínio do capitalismo"<sup>9</sup>. Repensar a organização do operariado de acordo com os sucessos exteriores é corriqueiro. Então, "chegamos, assim à oportunidade de se tentar, entre nós, o que se vai fazendo mais ou menos por toda a parte: a organização única"<sup>10</sup>.

Impressionados pela I.W.W. (Trabalhadores Industriais do Mundo), que se constituía numa poderosa central sindical americana, e com grandes toques libertários, vários militantes apostam na centralização do movimento, o que em 1922 causará o grande racha. As modificações que ocorrem irão abalar definitivamente o anarquismo no Brasil, pois alguns anarquistas, considerando que a sua adesão à III Internacional Comunista representa um passo decisivo na luta contra o capitalismo, fundam o PCB em 22. Este não se dissociava da revolução, muito pelo contrário. O

---

8 - Idem, *ibid.*

9 - A Plebe, 18/03/1922, "Os anarquistas no momento presente".

10 - A Plebe, "Pela reorganização...".

seu caráter revolucionário foi o que mais atraiu os egressos do anarquismo.

Todo esse repensar apresenta, de um lado, que o esvaziamento do movimento operário era devido a falhas internas (táticas), mas, por outro, estratégias de poder vão alcançando alguns sucessos: repressão, discursos técnicos, associações operárias oriundas da Igreja, Empresas, Governo. A apatia dos trabalhadores é constantemente invocada, pois representa a "ausência de tradição revolucionária, heterogeneidade social e ignorância elementar das massas"<sup>11</sup>. Mas, mais do que isso, a apatia implica no relativo sucesso de táticas e estratégias que procuram dar conta do cotidiano operário, que estão estimuladas pelos postulados do racionalismo da produção, do maquinário de conforto dentro e fora das fábricas e de instâncias decisórias do processo produtivo que escapam ao universo imediato dos trabalhadores, como é o caso do CIFTSP.

Assim, o descenso do anarquismo após as grandes jornadas operárias, não será fruto de uma fraqueza imanente, nem de um anacronismo, e sim de táticas que foram absorvidas por um poder que circula<sup>12</sup>, que se faz funcionar e é funcionado no cotidiano, inscrevendo-se nas lutas travadas nos espaços sociais - lacunas deixadas pelas linhas de força. A ascensão da neutralidade técnica significou muito mais que um avanço nas forças produtivas. Significou a sua absorção pela sociedade como irrecu-

---

11 - A Plebe, 11/06/1921, "Problemas de reorganização".

12 - Foucault, M. Op. cit, pg. 183.

sável e irreversível, colocando em xeque os saberes diferenciais que, de certa maneira, organizavam práticas em vários locais. Ao se tornar impensável a indústria sem os técnicos, e sem os requisitos mínimos de confortabilidade, individualização, ordens de classificação, se torna inviável qualquer proposta que se levante contra essa indústria.

## 2. Finalizações.

A desproporcionalidade da violência empregada pela polícia em relação à ascensão operária, aponta para a síndrome da revolução socialista. Rússia, Hungria, Alemanha, estão dando provas suficientes contra a emergência de um proletariado que deseja, que porta seus projetos e quer concretizá-los. É necessário submergi-lo nos seus próprios saberes e retorná-lo à tona recodificado, despossuído desses saberes, abraçados aos discursos feitos sobre os seus corpos. Em primeiro lugar, a batalha se dá em campo aberto: debilitar as organizações operárias é o papel desempenhado pela polícia, por "organizações religiosas, instituições assistenciais financiadas também por empresas, e (particularmente após 1930) agências governamentais" <sup>13</sup>. Mas para a efetivação dessas táticas, em segundo lugar, era preciso instaurar um campo específico de saber e de poder. Nova ordem dos

---

13 -Hall, Michael M., Pinheiro, P. S. The control policing and working class in Brazil. Campinas, UNICAMP, 1983, pg. 14 (mimeo).

corpos na sua disposição espacial. Objetividade técnica: ciência aplicada à natureza, ou, discurso "natural" que encontra a sua verdade na disposição das coisas, nas verdades que elas emitem, através do olho que inquire o infinitamente pequeno, classificando e reordenando de acordo com essa lógica.

Se durante os anos dez, a modernização e o trinômio fábrica-lar-escola estavam associados, nos anos vinte, a intensificação do discurso normalizador e a cientifização do espaço fabril, compõem as práticas discursivas. Sistematizações englobantes, que ao hierarquizar saberes, desqualifica-os para se firmar como o único válido para responder às verdades e falsidades. Assim, organiza-se uma estratégia geral que poderia ser chamada de moral do trabalho, que além de tudo funciona como pano de fundo para as práticas discursivas dando-lhes estatuto de veracidade e saber unívoco.

Portanto, associar o "silêncio" produzido nos anos vinte com o descenso do movimento operário a uma ineficácia interna do anarquismo, é desprezar os dispositivos disciplinares e as estratégias postas em funcionamento, as relações de poder e de vizinhança dos discursos, nas quais a trajetória do movimento anarquista que centra a sua ação sobre a figura do trabalhador e da fábrica, vem corroborar a organização de um mundo idílico, onde o maquinário extinguiria a dor do trabalho. As falas glorificantes do mundo fabril encontram terreno fértil nos discursos e nas práticas de industriais e militantes do anarco-sindicalismo. Mas, desprezar saberes e requalificá-los como inferiores, menores, é desprezar todo o conjunto de mobilizações violentas que transformaram as fábricas num teatro de operações, e os

enfrentamentos cotidianos.

Desse modo, devemos perceber a organização de um discurso de verdade, compondo-se conforme as lutas travadas em torno dos seus objetos. Logo, a formulação de um indivíduo biológico durante o século XIX, correspondeu a um sujeito portador de vontades e a correção como prática terapêutica privilegiada: torções progressivas para o adestramento necessário, despotencializando vontades em termos de obediência política, potencializando outras, em termos de utilidade económica. O pai-patrão é a figura correspondente a essa tática corretiva de vontades interiores. A fábrica é um local de ascetismo, de torções para adestrar os corpos.

Das lutas travadas em torno desse corpo, surgem mudanças "regionais", práticas difusas que surgem em locais difusos que às vezes se confirmam, se cruzam, ou se desmentem, entram em choque, mas, permitem a conformação de um novo objeto, um novo sujeito. Um indivíduo biológico pronto a "sofrer" ações externas, pronto a potencializar vontades que lhes são alheias. Mudanças que correspondem a uma terapêutica preventiva, e que posteriormente, já no fim da década de dez, aparecerá como um maquinário de conforto, um maquinário sem dor. É um mundo de necessidades vazio de moral. Programa de verdade que tenta eliminar qualquer contra-discurso, qualquer saber que não se organize nas suas bases.

Tal atenção se deve dispensar aos discursos ácratas, não como formas discursivas que atendem ao programa de verdade sobre os indivíduos, mas enquanto proximidades, enquanto formas que nos apresentam uma construção de militante, uma construção de



trabalhador. Afinal, não era o desejo da militância um mundo do trabalho sem dor? Portanto, esta construção se instala em regiões próximas de outras práticas discursivas que se voltam sobre o corpo de quem trabalha. E as mudanças táticas que ocorreram nestas práticas no fim da década de dez, registram as lutas que se travaram em torno desse corpo trabalhador, desse sujeito que compõe o universo da produção. E é aí que o anarquismo, e mais especificamente o anarco-sindicalismo é atingido, pois, as novas táticas procuraram retirar a fábrica, e seus integrantes, daquele mundo decomposto denunciado pela militância ácrata, denunciado pelo movimento operário. Estas táticas, aliadas à onda repressiva que se abateu sobre o operariado militante, atingiram o anarquismo na sua linha d'água: fábricas higiênicas e confortáveis.

Se algum erro pode ser imputado ao anarco-sindicalismo foi na sua fé no mundo do trabalho, foi a sua crença de que o maquinário, a organização fabril podiam ser revertidos. E, agora sabemos que o mundo industrial é um investimento já secular, que o trabalho é definidor da humanidade do homem, e que o ócio foi banido do mundo contemporâneo...

## BIBLIOGRAFIA

- ANTONACCI, M. A. - A vitória da razão. Campinas, UNICAMP, 1985 (tese de mestrado).
- ANDERSON, Perry - Teoria, política e história. Madrid, Siglo XXI, 1985.
- ARENDT, Hannah - A condição humana. RJ, Forense-Universitária, 1981.
- BACHELARD, Gaston - A filosofia do não. Lisboa, Editorial Presença, 1984.
- \_\_\_\_\_ - A epistemologia. Lisboa, Edições 70, 1986.
- BABINI, José. Historia de la medicina. Barcelona, Gedisa, 1980
- BAKUNIN, M. - O socialismo libertário. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1976.
- BARROS, Monica L. S. - As mulheres trabalhadores e o anarquismo no Brasil. Campinas, UNICAMP, 1979 (tese de mestrado).
- BARTHES, Roland - Mitologias. SP, Difel, 1985.
- BENJAMIN, Walter - Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. SP, Brasiliense, 1986.
- BÉGUIN, François. "As maquinarias inglesas do conforto" in Políticas do habitat. Paris, Corda, 1977.

- BEIGUELMAN, Paula - Os companheiros de São Paulo. SP, Editora Símbolo, 1977.
- BOSI, Ecléia - Memória e Sociedade: lembranças de velhos. SP, T. A. Queiroz, 1979.
- BRAUDEL, Fernand - Escritos sobre a história. SP, Perspectiva, 1978.
- BRESCIANI, Maria S. - Liberalismo: ideologia e controle social. SP, USP, 1976 (tese de doutoramento).
- \_\_\_\_\_ - Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza. SP, Brasiliense, 1982, coleção tudo é história.
- BURGELIN, Pierre et alii. Análisis de Michel Foucault. Buenos Aires, Editorial Tiempo Contemporaneo, 1970.
- CAMPOS, Cristina H. - O sonhar libertário. Campinas, UNICAMP, 1983 (tese de mestrado).
- CANDIDO, Pereira, V. - O coração da fábrica. RJ, Campus, 1979.
- CANGUILHEM, Georges - Ideologia e racionalidade na ciências da vida. Lisboa, Edições 70, 1985.
- CANO, Wilson - Raízes da concentração industrial em São Paulo. SP, Difel, 1979.
- CARONE, Edgar - Movimento operário no Brasil (1877-1944). SP, Difel, 1979.
- CARVALHO, J. M. - Os bestializados. SP, Cia de Letras, 1987.
- CERTEAU, Michel de - A escrita da história. RJ, Forense-Universitária, 1982.
- CHALHOUB, Sidney - Trabalho, lar e botequim. SP, Brasiliense, 1986.

- CHAUI, Marilena - Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo. SP, Brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_ - Ideologia e mobilização popular. RJ, Paz e Terra, 1978.
- CASTORIADIS, C. - La sociedad burocratica. Vols I e II. Barcelona, Acracia, 1976.
- \_\_\_\_\_ - A experiência do movimento operário. SP. Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_ - Instituição imaginária da sociedade. RJ, Paz e Terra, 1982.
- CLAWSON, Dan - Bureaucracy and the labor process. New York, Monthly Review Press, 1980.
- COSTA, Jurandir F. - Ordem médica e norma familiar. RJ, Graal, 1983.
- CUNHA, M. Clementina - O Espelho do mundo. RJ, Paz e Terra, 1986.
- DEAN, Warren - A industrialização em Sao Paulo. SP, Difel, 1971.
- DECCA, Edgar S. De - O silêncio dos vencidos. SP, Brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_ - Contribuição para o estudo do problema da tecnologia no desenvolvimento da indústria no Brasil. SP, Instituto Roberto Simonsen, 1978.en, 1978.
- \_\_\_\_\_ - "A ciência da produção: fábrica despolitizada" in Revista Brasileira de História. SP, no 6, Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_ - O Nascimento das fábricas. SP, Brasiliense, 1982, coleção tudo é história.

- DELEUZE, Gilles - Nietzsche e a filosofia. RJ, Editora Rio, 1976.
- \_\_\_\_\_ - A lógica do sentido. SP, Perspectiva, 1978.
- \_\_\_\_\_ - Diferença e repetição. RJ, Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_ - Foucault. Lisboa, Vega, s/d.
- \_\_\_\_\_ - Espinoza e os signos. Porto, RÊS-Editora, s/d.
- DELEUZE, Gilles e GUATARI, F. - O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia. Lisboa, Edições Assírio e Alvim, s/d.
- DIAS, Everardo - História das lutas sociais no Brasil. SP, Alfa-ômega, 1977.
- DONZELOT, Jacques - A polícia das famílias. RJ, Graal, 1986.
- DULLES, J. Foster - Anarquistas e comunistas no Brasil. SP, Difel, 1971.
- ENGELS, F. - A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. Lisboa, Editorial Presença, 1975.
- FAUSTO, Boris - Trabalho urbano e conflito social. SP, Difel, 1977.
- FINK, Eugene - A filosofia de Nietzsche. Lisboa, Presença, 1986.
- FLUSSER, Vilém - Pos-história. SP, Duas Cidades, 1983.
- FOUCAULT, M. - A história da loucura. SP, Perspectiva, 1978.
- \_\_\_\_\_ - O nascimento da clínica. RJ, Graal, 1980.
- \_\_\_\_\_ - As palavras e as coisas. SP, Martins Fontes, 1982.
- \_\_\_\_\_ - A arqueologia do saber. RJ, Forense-Universitária, 1986.

- \_\_\_\_\_ - Vigiar e Punir. RJ, Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_ - A história da sexualidade. Vol I, "A vontade de saber". RJ, Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_ - Microfísica do poder. RJ, Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_ - Isto não é um cachimbo. RJ, Paz e Terra, 1988.
- \_\_\_\_\_ - Nietzsche, Freud e Marx - Theatrum Filosoficum. SP, Pincípio, 1987.
- GAY, Peter - A educação dos sentidos. SP, Cia das letras, 1989.
- LEBRUN, Gérard - O avesso da dialética. SP, Cia das Letras, 1988.
- \_\_\_\_\_ - O que é poder. SP, Abril Cultural-Brasiliense, 1984, coleção primeiros passos.
- FURET, François - A oficina da história. Lisboa, Gradiva, s/d.
- GOMES, M. C. - Burguesia e Trabalho. RJ, Campus, 1979.
- GORZ, André e ou - Divisão social do trabalho e modo de produção capitalista. Porto, Publicações Escorpião, 1976.
- GRAVE, João - A anarquia. Lisboa, Gomes de Carvalho, 1907.
- GROH, Dieter - "Intensification of work and industrial conflict in Germany, 1896-1914" in Politics and Society. Vol. 8, 1978.
- GUZZO De Decca, Maria A. - A vida fora das fábricas. RJ, Paz e Terra, 1986.
- HALL, Michel e Pinheiro, P: S. - A classe operária no Brasil. SP, Alfa-ômega, 1979, vol. I e vol II, SP, Brasiliense, 1982.

- \_\_\_\_\_ - The control and policing of the working class in Brasil. Campinas, UNICAMP, 1983 (mimeo).
- \_\_\_\_\_ - On widening the scope of Latin American working classe history: some general considerations and a brazilian case study. Campinas, UNICAMP, 1983 (mimeo).
- HARDMAN, F. Foot - Nem pátria nem patrão. SP, Brasiliense, 1982.
- HARDMAN, F. Foot e LEONARDI, V. - História da indústria e do trabalho no Brasil. SP, Global, 1982.
- HOBBSBAWN, E. - Mundos do trabalho. RJ, Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_ - Os trabalhadores. RJ, Paz e Terra, 1981.
- HOROWITZ, Irving Louis - Los anarquistas. Madrid, Alianza Editorial, 1979, segunda edição.
- HORKHEIMER, Max - Origens da filosofia burguesa da história. Lisboa, Presenca, 1984.
- LASCH, Cristopher - Refugio en un mundo despiadado. Barcelona, Gedisa, 1984.
- LEFFORT, Claude - As formas da história. SP, Brasiliense, 1979.
- LENIN, V. I. - Que fazer? SP, Hucitec, 1978.
- LEUENROTH, Edgar - Anarquismo, roteiro de libertação social. RJ, Mundo Livre, 1963.
- LIMA, Luis C. - O controle do imaginário. SP, Brasiliense, 1984.
- LITVAK, Lilly - Musa libertaria. Barcelona, Antoni Bosch editor, 1981.

- LOPES, Eliane da Silva - "Fragmentos de Mulher" (dimensões da trabalhadora - 1900-1930). Campinas, UNICAMP, 1985 (tese de mestrado).
- LUZ, Madel. Medicina e ordem política brasileira. RJ, Graal, 1982.
- MACHADO, A. A. - Brás, Bexiga e Barra Funda. SP. Arquivo Edgar Leuenroth.
- MACHADO, Roberto - Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Foucault. RJ, Graal, 1981.
- \_\_\_\_\_ - Nietzsche e a verdade. RJ, Rocco, 1985.
- MAGNANI, Silvia - O anarquismo em São Paulo. SP, Brasiliense, 1982.
- MARAN, Sheldon - Anarquistas, imigrantes e movimento operário brasileiro. RJ, Paz e Terra, 1979.
- MARX, Karl - O capital. México, Fondo de Cultura Económica, 1946.
- MERHY, Emerson Elias. O capitalismo e a saúde pública. Campinas, Papirus, 1987.
- MUNAKATA, Kazumi - A legislação trabalhista no Brasil. SP, Brasiliense, 1981, coleção "Tudo é história".
- NIETZSCHE, F. - Obras incompletas. SP, Abril Cultural, 1978, coleção "Os pensadores".
- \_\_\_\_\_ - A genealogia da moral. Lisboa, Guimarães e Cia Editores, 1976.
- OITICICA, José - Ação direta: meio século de pregação libertária. RJ, Germinal, 1970.
- PEREIRA, Astrojildo - Ensaios históricos e políticos. SP, Edaglit, 1962.



- RAGO, L. Margareth - Do cabaré ao lar. RJ, Paz e Terra, 1986.
- \_\_\_\_\_ - O que é taylorismo. SP, Brasiliense, 1984, coleção primeiros passos.
- \_\_\_\_\_ - Os prazeres da noite. Campinas, Unicamp, 1990 (tese de doutorado).
- RAJCHMAN, John - Foucault: a liberdade da filosofia. RJ, Jorge Zahar Editores, 1987.
- RIBEIRO, Maria A. R. - Condições de trabalho na indústria têxtil paulista (1870 - 1930),. Campinas, UNICAMP, 1980 (tese de mestrado).
- PALMER, Richard E. - Hermenêutica. Lisboa, Edições 70, 1986.
- PETRONE, Maria T. S. - O imigrante e a pequena propriedade. SP, Brasiliense, 1982, coleção tudo é história.
- PINHEIRO, P. S. - "O proletariado industrial na Primeira República" in História Geral da Civilização Brasileira. Vol.9, SP, Difel, 1977.
- PRADO, Antonio A. e HARDMAN, F. Foot (org.) - Contos anarquistas. SP, Brasiliense, 1985.
- Rodrigues, Leóncio - Trabalhadores, sindicato e industrialização. SP, Brasiliense, 1974.
- ROMANO, Ruggiero (Dir) - Enciclopédia Einaudi. Porto, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, vol I "Memória/História".
- \_\_\_\_\_ - Idem, vol. 11 "Oral/Escrito - argumentação".
- SAMUEL, Rafael - "The workshop of the world: steam, power and hand technology in mind victorian Britain" in

- History Workshop, no 3, 1977.
- SANTOS Filho, Lycurgo. Pequena história da medicina brasileira. SP, Parma, 1980.
  - SEVCENKO, Nicolau - A revolta da vacina. SP, Brasiliense, 1984, coleção tudo é história.
  - \_\_\_\_\_ - Literatura como missão. SP, Brasiliense, 1982
  - SIMÃO, Azis - Sindicato e Estado. SP, Dominus, 1966.
  - SIMONSEN, Roberto - O trabalho moderno. Santos, 1919.
  - SILVA, Sérgio - Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil. SP, Alfa-ômega, 1981.
  - TAYLOR, F. - Princípios de administração científica. SP, Atlas, 1977.
  - TENCA, Álvaro - A racionalização do trabalho no Brasil ou a engenharia do Mundo Novo e a Nova República no 1. Campinas, UNICAMP, 1987.
  - THOMPSON, E. - La formación histórica de la clase obrera. Barcelona, Laia, 1977.
  - \_\_\_\_\_ - Tradición, revuelta e consciencia de clase. Barcelona, Grijalbo, 1967.
  - \_\_\_\_\_ - A miséria da teoria. RJ, Zahar, 1981.
  - TORRES, Marcia C. - "O Bairro do Brás" in História dos Bairros de São Paulo. SP, Secretaria de Educação e Cultura, 1961.
  - TORRES, Paulo - Poemas proletários. SP, Unitas, 1931.
  - TRAGTEMBERG, M. - "Francisco Ferrer e a pedagogia libertária" in Educação e Sociedade, no 1, 1978.
  - VASCO, Neno - A concepção anarquista do sindicalismo. RJ,

- Uniao do Operários da Construção Civil, 1923.
- \_\_\_\_\_ - Da porta da Europa - fatos e idéias. Lisboa, Renascença, 1913.
  - VATIMO, Gianni - O fim da modernidade. Lisboa, Presença, 1987.
  - \_\_\_\_\_ - As aventuras da diferença. Lisboa, Edições 70, 1988.
  - VEYNE, Paul - Como se escreve a história e Foucault revolucionaria a história. Brasília, Universidade de Brasília, 1982.
  - VEYNE, Paul *et alii* - Indivíduo e poder. Lisboa, Edições 70, 1988.
  - VIANNA, Luiz Werneck - Liberalismo e sindicato no Brasil. RJ, Paz e Terra, 1976.
  - WOODCOK, George - Os grandes escritos anarquistas. Porto Alegre, L & PM, 1977.

### JORNAIS PESQUISADOS

- Ação proletária - SP, 1921.
- Acordem - SP, 1905.
- O Alfaiate - SP, 1920.
- O Amigo do Povo - SP, 1902.

- Aurora - SP, 1905.
- Aurora Social - SP, 1910.
- O Chapeleiro - SP, 1903.
- Folha do Braz - SP, 1898.
- Folha do Povo - SP, 1908.
- O Grito Operário - SP, 1919.
- O Grito do Povo - SP, 1900.
- O Internacional - SP, 1921.
- A Lanterna - SP, 1901.
- Liberdade - RJ, 1909.
- O Libertário - SP, 1906.
- O Livre-Pensador - SP, 1903.
- A Luta Proletaria - SP, 1906.
- O Metalúrgico - SP, 1920.
- Novo Rumo - RJ, 1910.
- A Obra - SP, 1920.
- O Padeiro - SP, 1907.
- A Plebe - SP, 1917.
- O Proletário - Santos, 1911.
- O Protesto - RJ, 1899.
- Remember - SP, 1921.
- Semana Operária - RJ, 1907.
- A Terra Livre - SP, 1905.
- O Trabalhador Gráfico - SP, 1905.
- Tribuna do Povo - PE, 1919.
- A Vanguarda - SP, 1921.
- A Verdade - RJ, 1924.
- Vida Bancária - SP, 1927.

- A Voz do Trabalhador - RJ, 1913.
- A Vida - RJ, 1914.

#### Outros jornais

- O Correio da Manhã - RJ.
- O Estado de São Paulo - SP.
- O Jornal do Comércio - SP.

#### Outras fontes

- Projeto de documentação da FINEP: "Condições de vida e trabalho da classe operária", coordenado por Maria A. Guzzo De Decca.
- Boletins do Departamento Estadual do Trabalho.

**Locais pesquisados**

- Arquivo Edgar Leuenroth.
- Arquivo de História Social de Amsterdã - UNICAMP.
- Arquivo do Estado de São Paulo.
- Biblioteca do IFCH-UNICAMP.
- Biblioteca Central da USP.
- Biblioteca Municipal de São Paulo.